

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO (PPGEdu)**

Denise Waskow Corrêa

Mulheres e Letras: Práticas de Cultura Escrita na Revista *Atenéia* (Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, 1949-1972)

**Porto Alegre
2019**

Denise Waskow Corrêa

Mulheres e Letras: Práticas de Cultura Escrita na Revista *Atenéia* (Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, 1949-1972)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Stephanou
Linha de pesquisa: História, Memória e Educação

**Porto Alegre
2019**

CIP - Catalogação na Publicação

Corrêa, Denise Waskow
Mulheres e Letras: Práticas de Cultura Escrita na
Revista Atenéia (Academia Literária Feminina do Rio
Grande do Sul, 1949-1972) / Denise Waskow Corrêa. --
2019.
142 f.
Orientadora: Maria Stephanou.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Atenéia. 2. Academia Literária Feminina do Rio
Grande do Sul.. 3. Imprensa feminina. 4. História da
Educação. 5. História da Cultura Escrita . I.
Stephanou, Maria, orient. II. Título.

Denise Waskow Corrêa

Mulheres e Letras: Práticas de Cultura Escrita na Revista *Atenéia* (Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, 1949-1972)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Prof^a Maria Stephanou – Orientadora

Prof^a Zita Possamai

Prof. Edison Luiz Saturnino

Prof^a Larissa Camacho Carvalho



Atenéia

Atenéia, eis que surges
sobranceira,
Emergindo das ondas
rendilhadas
Entre Afrodite, a excelsa
companheira,
E um cortejo de ninfas
namoradas!

Da deusa tens a auréola
verdadeira
Do saber, que em facetas
irisadas,
Transforma a treva em
cintilante poeira
De átomos e em lampejos
de alvoradas!

Com o fulgor divino em que te abrasas,
A flama acendes do mais santo ideal,
A alcançar da Vitória as puras asas!

E hás de lograr poder, felicidade,
De Minerva sob a égide imortal,
À luz da História e da posteridade!

Aurora Nunes Wagner

*(Poema publicado na primeira edição da revista Atenéia, de autoria da acadêmica e,
à época, presidente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul –
Outubro de 1949)*

*A vocês, que dão sentido à vida, trazem alegria
e emoção aos dias e andam lado a lado comigo,
superando obstáculos e celebrando conquistas.
A minha maior felicidade é tê-los por perto.*

AGRADECIMENTOS

Entre os desafios que a vida nos apresenta e os momentos de alegria que ela nos traz, onde estaria a beleza se nossos passos fossem solitários? Ao longo do mestrado, e das caminhadas que se somaram a ele no mesmo período, contei com pessoas que tornaram essa trajetória muito especial.

À professora Maria Stephanou, sou grata por muito mais do que os limites desse trabalho conseguem revelar. Seu entusiasmo pela pesquisa e pelo ensino, sua inquietude intelectual e seu exemplo de dedicação são inspirações que levarei comigo vida afora. Sua acolhida afetuosa, sua amizade sincera, seu carinho e cumplicidade são gestos que marcaram profundamente o meu coração. Obrigada por ser tão sábia em equilibrar rigor científico e leveza de alma, reflexão teórica e senso de humor, tornando os nossos momentos de orientação, aulas, viagens e eventos repletos de aprendizados e sorrisos. “A vida é tão rara”, cantou Lenine, transcrito por ti em meu caderno. Mais raro ainda é quando ela nos presenteia com pessoas capazes de nos transformar e de tornar o nosso mundo mais belo.

Agradeço às professoras Zita Possamai e Larissa Camacho Carvalho, integrantes da banca do projeto e de defesa final da dissertação, esta última composta ainda pelo professor Edison Luiz Saturnino, a quem também sou grata. A consideração em aceitar o convite e em compartilhar sugestões, referências, novos olhares e questionamentos enriqueceu esse estudo.

À UFRGS, minha segunda casa desde a graduação, à Faculdade de Educação e ao PPGEdu, bem como aos professores e funcionários que formam essa instituição, agradeço pelo trabalho realizado e pelo compromisso com as atividades desempenhadas.

Obrigada aos meus colegas e amigos do grupo de orientação e da linha de pesquisa História, Memória e Educação, com quem reforcei a certeza de que podemos aprender o tempo todo, seja em uma pausa para o café ou no percurso de volta para casa depois da aula. Meu agradecimento especial a Náira, Mariana, Natália, Viviane, Ricardo, Cássio e Alex.

Gratidão profunda à Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, especialmente às diretoras da gestão 2016-2018, Santa Inèze Domingues da Rocha Neiva Soares e Teniza Spinelli, que abriram as portas do Memorial Feminino da instituição, sem medir esforços para viabilizar a pesquisa. Obrigada pelas conversas

amigáveis, pelos convites para eventos e pela troca de experiências que só aumentaram a minha admiração por vocês e pela ALFRS.

À equipe do Centro de Documentação e Acervo Digital da Pesquisa (Cedap), localizado na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, agradeço o gentil aceite em colaborar com o projeto de digitalização da coleção completa da revista *Atenéia*. Em especial, ao professor Rene Faustino Gabriel Junior, que orientou todo o processo e se colocou à disposição para auxiliar.

Aos maravilhosos amigos com quem a vida me brindou, de longa data e laços profundos, que compreenderam o meu distanciamento temporário e apoiaram o meu percurso. Entre eles, a minha amiga, sócia e colega de trabalho Carolina, que entendeu a importância desse período de estudos e colaborou para que eu pudesse me dedicar à pesquisa. Obrigada pela torcida e pela amizade.

Meu agradecimento carinhoso à minha mãe Geny, que sempre manteve a casa repleta de livros, muitos dos quais eu passava horas manuseando quando criança, dedicada a organizar a sua biblioteca. Obrigada por ser minha parceira de leituras e de vida, meu apoio, meu exemplo e minha inspiração. Agradeço também ao meu pai, Júlio, por transformar o seu carinho em abraços, mensagens e conversas, partilhando dos meus passos com olhar de contentamento e realização.

Ao meu irmão, André, e à minha cunhada, Daiana, obrigada por se fazerem presentes mesmo nas minhas ausências, e por demonstrarem carinho e compreensão. Ao meu afilhado Arthur, dono de uma inteligência vivaz e de um coração generoso, agradeço por ser luz e alegria nos nossos dias. Aos meus sogros, Nelson e Diana, e à minha cunhada, Jordana, minha gratidão por serem pessoas tão especiais, pela presença e incentivos constantes, que tornam mais precioso cada momento partilhado com vocês.

Gratidão e amor ao meu marido, Cris, com quem descobri que é possível ser feliz todos os dias. As páginas desse trabalho têm muito de ti, do teu olhar carinhoso, da tua cumplicidade e dessa forma de ver o mundo que me encanta, sempre curiosa, científica, questionadora e amorosa. Concluir esse percurso ao teu lado tem um significado muito especial, transformando cada passo em um sonho compartilhado.

RESUMO

A dissertação examina a revista *Atenéia*, produzida pela Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS) entre os anos de 1949 e 1972. Insere-se na perspectiva da História Cultural e da História da Cultura Escrita, em suas contribuições ao campo da História da Educação e, como aporte de reflexão teórica, inspira-se especialmente nos postulados de Roger Chartier. Para estabelecer o contexto de investigação, ocupa-se em historicizar a educação feminina e a produção de periódicos no Brasil, atendo-se, sobremaneira, à imprensa produzida por *mulheres* entre meados do século XIX e do século XX. A partir da análise da coleção completa da revista, composta por 55 números distribuídos em 48 edições, propõe-se a investigar as intervenções editoriais realizadas pelas acadêmicas com vistas à difusão da cultura literária entre a comunidade de leitura almejada. Investiga aspectos relacionados à materialidade, tanto na capa quanto nas páginas internas, considerando elementos como características do suporte, periodicidade, escolhas tipográficas, ocupação do espaço gráfico e utilização de fotografias e ilustrações. Tais escolhas evidenciam a intenção de produzir uma revista colecionável, que formasse um conjunto harmônico nos seus 23 anos de circulação e remetesse, em suas dimensões físicas, ao formato de um livro. A dissertação examina também a concepção textual do periódico, dividida entre textos literários e de caráter institucional. Com especial atenção a estes últimos, é possível afirmar que o propósito sinalizado no subtítulo do impresso – Órgão de Intercâmbio Cultural e de Defesa dos Interesses da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul – pautou a atuação das acadêmicas enquanto editoras, por meio de seções que favorecessem a troca de correspondências entre intelectuais, o papel institucional da Academia e a difusão da cultura literária, graças a resenhas e divulgação de livros novos. As intervenções editoriais dão a ver um propósito de continuidade e estabilidade, apesar das mudanças perceptíveis nas mais de duas décadas de circulação. Com base nas evidências sugeridas pela publicação, pode-se inferir que as editoras atuaram em uma posição de mediação entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”, no sentido de promover e ampliar a rede de sociabilidades da ALFRS perante uma comunidade interpretativa com a qual partilhavam interesses e habilidades literárias.

Palavras-chave: *Atenéia*. Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Imprensa feminina. História da Educação. História da Cultura Escrita

CORRÊA, Denise Waskow. **Mulheres e letras: práticas de cultura escrita na revista *Atenéia* (Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, 1949-1972)**. Porto Alegre, UFRGS, 2019. 142f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

ABSTRACT

This dissertation examines the journal *Atenéia*, produced by the Literary Academy of Rio Grande do Sul (ALFRS) between the years 1949 and 1972. It is inserted in the perspective of Cultural History and History of Written Culture, in its contributions to the field of the History of Education and, as a contribution of theoretical reflection, is inspired by Roger Chartier's postulates. In order to establish the context of investigation, it occupies itself in historicizing the feminine education and the production of periodicals in Brazil, attending, to a large extent, to the press produced by women between the middle of century XIX and of century XX. From the analysis of the complete collection of the magazine, composed of 55 issues distributed in 48 editions, it aims to investigate the editorial interventions made by the scholars with a view to the distribution of literary culture among the reading community sought. It investigates aspects related to materiality, both on the cover and on the internal pages, considering elements such as characteristics of the media, periodicity, typographic choices, occupancy of graphic space and use of photographs and illustrations. Such choices show the intention of producing a collectible magazine, which formed a harmonious set in its 23 years of circulation and referred in its physical dimensions to the format of a book. The dissertation also examines the textual conception of the periodical, divided between literary and institutional texts. With special attention to the latter, it is possible to affirm that the purpose indicated in the subtitle of the print - Organ of Cultural Interchange and Defense of the Interests of the Feminine Literary Academy of Rio Grande do Sul - guided the work of the academics as publishers, through sections that would favor the exchange of correspondences between intellectuals, the institutional role of the Academy and the promotion of literary culture, thanks to reviews and the dissemination of new books. The editorial interventions show a purpose of continuity and stability, despite the perceptible changes in the more than two decades of circulation. Based on the evidence suggested by the publication, it can be inferred that the publishers acted in a position of mediation between the "text world" and the "reader world", in order to promote and expand the ALFRS network of sociabilities in front of an interpretive community with which they shared literary interests and skills.

Keywords: *Atenéia*. Women's Literary Academy of Rio Grande do Sul. History of Education. History of Written Culture

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada da sede da ALFRS.....	19
Figura 2 – Detalhe das bandeiras da porta principal com as iniciais A. L. F.....	19
Figura 3 – Placa alusiva à data de fundação da instituição.....	20
Figura 4 – Evento comemorativo dos 75 anos da ALFRS.....	22
Figura 5 – Público presente na comemoração.....	23
Figura 6 – Discursos das acadêmicas.....	23
Figura 7 – Ata de fundação da ALFRS.....	66
Figura 8 – Atas de lançamento de <i>Atenéia</i>	77
Figura 9 – Regulamento do <i>Concurso Literário de Atenéia</i> – Número 6, 1951, página 103.....	86
Figura 10 – Regulamento do <i>Grande Concurso Pró Mil Assinaturas de Atenéia</i> – Número 7, 1951, página 102.....	87
Figura 11 – Exemplos de capas – Fase 1 – Edições de números 5 (1951), 16 (1955), 25 (1958) e 46 e 47 (1968)	89
Figura 12 – Exemplos de capas – Fase 2 – Edições de números 52 e 53 (1971) e 54 e 55 (1972)	91
Figura 13 – Exemplo de páginas internas – Fase 1 – Número 8, 1952, página 77.....	93
Figura 14 – Exemplo de páginas internas – Fase 1 – Número 31, 1960, página 13.....	94
Figura 15 – Exemplo de páginas internas – Fase 2 – Números 42 e 43, 1966, página 62.....	96
Figura 16 – Exemplo de páginas internas – Fase 2 – Números 50 e 51, 1970, página 62.....	97
Figura 17 – Reconhecimento aos anunciantes – Número 29, 1959, encarte especial.....	103
Figura 18 – Guia Profissional – Número 39, 1964, página 41.....	104
Figura 19 – Exemplo de página de anúncios – Número 4, 1950, página 70.....	107
Figura 20 – Exemplo de página de anúncios – Número 16, 1955, página 22.....	108
Figura 21 – Exemplo de <i>Editorial</i> – Número 39, 1964, páginas 3 e 4.....	117

Figura 22 – Exemplo da editoria <i>Intercâmbio Estrangeiro</i> ou <i>Internacional</i> – Número 11, 1953, páginas 47 e 48.....	118
Figura 23 – Exemplo da editoria <i>Intercâmbio Nacional</i> – Número 23, 1957, página 36.....	119
Figura 24 – Exemplo da editoria <i>Perfil das Patronas</i> – Número 7, 1951, páginas 26 a 29.....	120
Figura 25 – Exemplo da editoria <i>Impressões de Leitura</i> – Número 26, 1958, página 58.....	122
Figura 26 – Exemplo da editoria <i>Na Ribalta</i> – Número 35, 1962, páginas 23 e 24	123
Figura 27 – Exemplo da editoria <i>Entrevista</i> – Números 46 e 47, 1968, páginas 58 a 61.....	124
Figura 28 – Exemplo da editoria <i>Festim das Musas</i> – Número 39, 1964, páginas 5 e 6.....	125
Figura 29 – Exemplo da editoria <i>Livros Novos</i> – Número 16, 1955, página 61.....	126
Figura 30 – Exemplo da editoria <i>Biblioteca</i> – Número 4, 1950, página 118.....	127
Figura 31 – Exemplo da editoria <i>Correspondência</i> – Número 41, 1965, página 56	128
Figura 32 – Exemplo da editoria <i>Noticiário Acadêmico</i> – Número 23, 1957, páginas 63 e 64.....	129
Figura 33 – Exemplo da editoria <i>Sociais</i> ou <i>Ecos Sociais</i> – Número 13, 1954, páginas 70 e 71.....	130
Figura 34 – Exemplo da editoria <i>Impressões de Atenéia</i> – Número 2, 1950, páginas 121 a 124.....	131
Figura 35 – O circuito de comunicação de Robert Darnton.....	136
Figura 36 – Fichas para empréstimo da revista na Biblioteca Lydia Mombelli da Fonseca, da ALFRS – Edição 5, 1951, verso da contracapa.....	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados biográficos das fundadoras da ALFRS.....	68
Quadro 2 – Patronas da ALFRS e primeira geração de acadêmicas.....	70
Quadro 3 – Descrição ampla da materialidade da revista <i>Atenéia</i>	83
Quadro 4 – Diferentes fases de apresentação gráfica.....	88
Quadro 5 – Segmentos e quantidades de anúncios.....	100
Quadro 6 – Editorias de caráter institucional presentes em <i>Atenéia</i>	111
Quadro 7 – Tipografias responsáveis pela impressão.....	128

SUMÁRIO

1. ITINERÁRIOS, VESTÍGIOS E DESCOBERTAS	14
1.1 UM PERCURSO SINGULAR.....	21
1.2 A BUSCA PELO INALCANÇÁVEL.....	26
2. DE TINTAS E PAPEL, DE LETRAS E DE SONHOS	33
2.1 UM PANORAMA DA EDUCAÇÃO FEMININA.....	33
2.2 IMPRESSOS NO BRASIL E EM PORTO ALEGRE.....	38
2.3 MULHERES À FRENTE DE PERIÓDICOS.....	41
2.4 POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO: A REVISÃO DE LITERATURA.....	46
2.4.1 Aproximação temática	47
2.4.2 Sobre práticas de escrita e leitura	48
2.4.3 Da imprensa feminina	52
2.4.4 Academias literárias: um espaço de mulheres?	54
3. PELA GRANDEZA E ASCENSÃO DA ACADEMIA	57
3.1 NOVOS ESPAÇOS, GRANDES DESAFIOS.....	57
3.2 UMA CIDADE PARA MUITAS ACADEMIAS.....	61
3.3 LUGAR PARA ELAS NO UNIVERSO DAS LETRAS.....	64
3.4 “ATENÉIA, EIS QUE SURGES SOBRANCEIRA...”.....	74
4. APROXIMAÇÕES À EMPIRIA: CARACTERÍSTICAS DA MATERIALIDADE	80
4.1 VISÃO GERAL DOS ASPECTOS GRÁFICOS.....	81
4.2 APRESENTAÇÃO GRÁFICA DA CAPA.....	89
4.3 ATRIBUTOS DAS PÁGINAS INTERNAS.....	92
4.4 ANÚNCIOS E RECURSOS FINANCEIROS.....	100
5. TEXTOS, LEITURA E EDIÇÃO: ATENÉIA EM SUA COMUNIDADE	110
5.1 CONCEPÇÕES TEXTUAIS	111
5.2 UMA PROPOSTA DE INTERCÂMBIO CULTURAL	115
5.3 INTERVENÇÕES EDITORIAIS: MEDIAÇÃO ENTRE DOIS MUNDOS.....	132
PERCURSOS A PARTILHAR	141
REFERÊNCIAS	146

1. ITINERÁRIOS, VESTÍGIOS E DESCOBERTAS

“Por mais que eu tenha trabalhado com coisas raras e belas, o primeiro toque é sempre uma sensação estranha e poderosa.”
(BROOKS, 2008)

O som firme das teclas da máquina de escrever, no momento em que os dedos ágeis e delicados encontram as teclas, rompe o silêncio da casa. Por vezes em ritmo mais acelerado, em outras um pouco hesitantes, as palavras se formam em um tempo próprio, e dão vida a uma expressão literária. Talvez ainda esta noite, uma poesia seja concluída. Mas, se os caprichos da escrita se alongarem, algumas madrugadas insones se anunciam até que o texto esteja completo. Ao fim, essa mobilização criativa tem um propósito especial: integrar, junto às obras de outras mulheres, as páginas da primeira edição da revista Atenéia.

O breve exercício de imaginação acima desenvolvido introduz o tema abordado na dissertação: os aspectos editoriais vinculados às práticas de escrita e de leitura na revista *Atenéia*, publicação da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS)¹, impressa em Porto Alegre, que circulou entre os anos de 1949 e 1972.

Trata-se de uma investigação realizada sob a perspectiva da História Cultural, paradigma teórico que propõe “pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2012, p.15). No entanto, sem abster-se de compreender os fenômenos em sua singularidade, visto que há “uma simultaneidade de atitudes muito diferentes segundo os indivíduos e segundo os grupos”, mesmo que sejam contemporâneos (CORBIN, 2005, p.17).

A pesquisa vincula-se, mais estritamente, aos estudos no campo da História da Cultura Escrita, com embasamento principal nos pressupostos do historiador Roger Chartier. Ele sugere uma análise em dupla dimensão: por um lado, “o estudo de como os textos e as obras impressas que os comunicam organizam a leitura

¹ Ao longo do texto, a sigla será utilizada como referência à entidade, evitando a repetição do nome por extenso.

autorizada” e, em um viés complementar, um exame da “compilação das leituras concretas, costuradas em declarações individuais ou reconstruídas no nível das comunidades de leitores” (CHARTIER, 1992, p.216).

Nesse contexto, a dissertação inscreve-se também no campo da História da Educação, agregando contribuições à área a partir da pesquisa sobre um impresso produzido por mulheres, no qual podemos observar práticas educativas, de leitura, escrita, difusão de modos de ser e sentir. Para além das questões exclusivamente escolares, a área tem se esforçado para ampliar a diversidade de temas, alargando o repertório de estudos, o que também privilegia a História da Cultura Escrita. Constituído, no Brasil, por um cenário plural e multifacetado, o contexto da História da Educação tem acolhido diferentes investigações, que incluem, entre tantas outras, as histórias do livro e da leitura, da educação feminina e das práticas educativas não escolares, conforme Stephanou e Bastos (2011).

O *corpus* empírico selecionado para análise é constituído pela coleção completa do periódico, que abarca 55 números distribuídos em 48 edições², ainda que com alguns recortes específicos, explicitados mais à frente. O primeiro impulso, mobilizado pela preciosa oportunidade de dispor de uma documentação completa e bem-preservada, é o de percorrer o maior número possível de caminhos que se apresentam. Conforme o estudo se aprofunda, no entanto, é preciso atravessar os primeiros lutos e aceitar tudo aquilo que não poderá ser circunscrito pelos limites deste trabalho.

Após a defesa do projeto, em outubro de 2017, a partir das considerações valiosas da banca, em conjunto com a professora orientadora Maria Stephanou, procuramos identificar quais percursos poderiam ser mais ricos diante das inúmeras questões inicialmente elencadas. As indagações que não puderam ser inteiramente contempladas na dissertação procuraram ser atendidas, ainda que parcialmente, em artigos produzidos para dois eventos que participamos em 2018: o Congresso Iberoamericano de História da Educação Latino-Americana (CIHELA), em Montevideu, e o Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica (CIPA), realizado em São Paulo.

² As últimas sete edições correspondem a dois números cada. Os exemplares utilizados para consulta pertencem ao acervo da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, sediada na Rua Sarmento Leite, 933, Bairro Cidade Baixa, Porto Alegre (RS).

Desse modo, a partir das escolhas feitas para essa dissertação, apresenta-se como ponto de partida uma questão principal: quais as evidências das intervenções editoriais realizadas pelas acadêmicas que atuavam como editoras do impresso para mobilizar a comunidade leitora, visando a difusão da cultura literária por meio de práticas de escrita e de leitura?

As primeiras aproximações sugerem que o exame de diferentes aspectos contribui para a formulação de algumas respostas possíveis. Entre eles, os relacionados à materialidade (formato, cores, tipografia, entre outros) e à concepção em termos de conteúdo (abordagem, temática e estilo de texto). Inspirada nas contribuições teóricas do historiador francês Roger Chartier, cabe perguntar: quais seções eram consideradas mais relevantes e como se comportaram nas diferentes temporalidades? Como a apresentação gráfica da revista se relaciona a esses aspectos e às convenções vigentes em determinados períodos? De que modo essas intervenções indiciam a comunidade de leitura almejada?

Tais questionamentos representam os objetivos que me proponho a atingir com essa investigação. Foram elaborados a partir de uma vinculação entre as reflexões desenvolvidas ao longo do mestrado e as inquietações que o objeto despertou em mim como pesquisadora, desde o primeiro contato com duas edições de *Atenéia* (a de número 5, publicada em 1951, e a de número 13, impressa em 1954). Tive essa oportunidade em 12 de maio de 2017, dia dedicado à consulta ao acervo do Memorial Jesuíta da Biblioteca da Unisinos³, em São Leopoldo. Esse momento inusitado, do encontro inicial, multiplicou-se em uma série de desdobramentos que culminaram com os resultados da pesquisa aqui apresentados.

Ao manusear o catálogo da Coleção Santo Inácio de Loyola⁴, o nome de um impresso, *Atenéia*, e sua descrição – Órgão de Intercâmbio Cultural e de Defesa dos

³ É um acervo com mais de 200 mil livros, 1.200 títulos de periódicos e milhares de documentos históricos produzidos entre os séculos XV e XX. Foi constituído a partir da reunião de diferentes bibliotecas para fins de preservação, guarda, organização e difusão.

⁴ Integra as chamadas Coleções Especiais do Memorial Jesuíta e compreende mais de 1.223 títulos de periódicos, dos séculos XIX e XX, boa parte deles em língua estrangeira. Inicialmente essa foi a minha motivação para consultá-lo, inspirada pelo trabalho realizado pelo *Transfopress* Brasil, grupo de pesquisa de impressos em língua estrangeira produzidos no país, ao qual a minha orientadora é vinculada. Concentrei esforços em localizar materiais com essas características que despertassem o meu interesse e pudessem ser contribuições relevantes para os estudos em História da Educação. O primeiro foco de atenção foi a busca por periódicos em iídiche ou hebraico, seguido da procura por publicações em língua alemã, o que me levou ao Memorial Jesuíta, no qual me detive em uma visita de um dia inteiro. Apesar de encontrar materiais que atendessem a esse requisito inicial, admito que

Interesses da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, criada em Porto Alegre em 1943 – chamaram a minha atenção. Solicitei alguns exemplares para folhear e me deparei com uma publicação bem organizada, com extenso número de páginas, apresentando diferentes articulistas e seções instigantes. Vislumbrei possibilidades de investigação e, após uma rápida pesquisa inicial em bases de dados on-line – que indicou não existirem estudos específicos sobre o periódico –, pensei que poderia ser um caminho produtivo e uma contribuição original ao campo da História da Educação e, especificamente, da História da Cultura Escrita.

Poucos dias depois, em uma conversa de orientação, esse e outros possíveis objetos foram discutidos. Mas a decisão, pelo interesse despertado diante da revista *Atenéia*, já havia se mostrado encaminhada. Fui fisgada pelo documento, curiosa em decifrar as práticas de escrita e leitura que nele estão registradas.

Considero que essa “descoberta” é fruto de alguns fatores, entre eles, a minha trajetória formativa e profissional, visto que sou graduada em Comunicação Social – Jornalismo e atuo com a produção de publicações especializadas, como revistas e livros. No meu trabalho de conclusão de curso, desenvolvi uma análise de conteúdo da seção *Brasiliana*, da revista *Carta Capital*. Apesar de ter sido um projeto enriquecedor, a abordagem metodológica privilegiava o exame do conteúdo textual, sem se aprofundar na análise da materialidade ou da perspectiva de leitura.

Na minha atividade profissional, tenho um envolvimento diário com questões relacionadas a intervenções editoriais (que incluem a elaboração de projetos das publicações, a redação de textos, a escolha de títulos e de fotos, a definição da apresentação gráfica e a revisão gramatical), além de inúmeras outras etapas relacionadas a esse tipo de trabalho. Também me deparo com a necessidade de compreender as comunidades leitoras almejadas pelas obras, para adotar as estratégias supostamente mais adequadas aos diferentes públicos em questão.

Foi o interesse em aprofundar esses aspectos sob uma dimensão teórica que me levou a ingressar no mestrado. O campo de estudos ligado à História da Cultura Escrita se configurou como um espaço de reflexão para tais práticas, em uma perspectiva histórica e educativa. Inserida nesse contexto, dei início à prospecção de objetos que pudessem configurar um *corpus* empírico relevante para a pesquisa, resultando no contato com a revista *Atenéia*.

não me senti especialmente motivada a desenvolver pesquisas com esse enfoque, ampliando a consulta para outros documentos do catálogo, o que me levou ao contato com a revista *Atenéia*.

De início, procurei reunir alguns dados básicos, e logo cheguei a uma informação essencial: a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul segue em atividade, com um número expressivo de acadêmicas e associadas. Investi no conhecimento da instituição e, no primeiro contato por telefone, a presidente em exercício na gestão 2016-2018, Santa Inèze Domingues da Rocha Neiva Soares, acolheu-me com boa vontade e disposição em colaborar. Escritora, poeta e professora, ela lecionou em universidades na área de Letras. É sócia-fundadora do Instituto Cultural Português, autora, organizadora e editora de publicações.

Enviei um e-mail também à acadêmica Teniza Spinelli, vice-presidente na mesma gestão 2016-2018, responsável por atender e auxiliar os pesquisadores, que me acompanhou ao longo da pesquisa. Com expressiva atuação na área do Jornalismo, Museologia e Literatura, Teniza é poeta, escritora, autora, organizadora e editora de publicações nas três áreas em que está inserida.

As duas estavam presentes quando fiz minha primeira visita à entidade, no dia 14 de junho de 2017. Admito que adentrei o casarão rosa com curiosidade e um certo ar de surpresa, pois não foram poucas as vezes em que estive nas proximidades sem saber o que aquela construção abrigava. Erguido em 1925, foi adquirido pela médica Noemy Valle Rocha em 1928 (COSTI, 2017).

Ao tornar-se viúva depois de dois anos de casamento, Noemy decidiu trocar o Magistério, ao qual se dedicava havia três anos, pelo que acreditava ser a sua vocação: foi a primeira mulher a graduar-se em Medicina pela UFRGS, no ano de 1917, atuando como clínica geral, ginecologista e obstetra. Seu consultório era ao lado da casa que hoje abriga a sede da ALFRS, da qual tornou-se integrante em 1948 (FLORES, 2017).

Em 1973, ela vendeu o casarão à Academia, que estava em busca de uma nova sede. O pagamento foi realizado, em parte, com o valor obtido na venda de um apartamento de um dormitório na Avenida Júlio de Castilhos, no Centro de Porto Alegre, que pertencia à instituição e havia abrigado algumas reuniões, mas já não atendia às necessidades. Como a casa era muito mais ampla (230m²), ficou em aberto um saldo, a ser pago por meio de uma pensão vitalícia para Noemy. No entanto, ela faleceu em 1978, cinco anos após a realização do negócio, o que deixou um significativo valor em aberto, e resultou na concessão a ela do título de benemérita por parte da entidade (FLORES, 2017).

Figura 1 – Fachada da sede da ALFRS



Imagem produzida pela pesquisadora

Figura 2 – Detalhe das bandeiras da porta principal com as iniciais A. L. F.



Imagem produzida pela pesquisadora

Figura 3 – Placa alusiva à data de fundação da instituição



Imagem produzida pela pesquisadora

Após a aquisição, foram feitas algumas reformas, até que a casa chegasse à estrutura atual. A porta principal, de vidro com esquadrias em alumínio, é dividida em três folhas e tem abertura central. Em cada bandeira, na parte superior, estão inscritas as iniciais da instituição: A L F. No andar térreo, logo à esquerda da entrada, há o espaço destinado à garagem, atualmente transformado em secretaria. À frente, estão localizados o *hall* e a escada. Seguindo pela direita, tem-se acesso a uma ampla sala, à cozinha e a um jardim interno, que compõem uma estrutura utilizada para coquetéis e eventos. Esta sala é ornamentada com duas colunas que fazem referência ao estilo jônico, elemento arquitetônico representado na imagem presente na capa de *Atenéia*, a ser detalhado mais à frente.

O andar superior divide-se em três cômodos: o primeiro, no topo da escada, é o salão para cerimônias solenes, como as de posse das acadêmicas, mobiliado com cadeiras de auditório, uma mesa e suportes para bandeiras, além de quadros com fotos das fundadoras e ex-presidentes. A peça central é a Biblioteca Lydia Mombelli da Fonseca (ex-presidente da ALFRS), com uma extensa estante de madeira para abrigar livros produzidos e recebidos, desde clássicos da literatura até obras regionais, com ênfase para autoras gaúchas e brasileiras. E, ao fundo de um corredor, encontra-se o arquivo: trata-se de uma sala, equipada com armário de aço, no qual estão reunidos documentos sobre a instituição, as fundadoras, as patronas e as acadêmicas, bem como a coleção completa do periódico *Atenéia*, que circulou

ininterruptamente entre 1949 e 1972. Esse espaço pode ser considerado o coração do que se chama Memorial Feminino da ALFRS⁵, nomenclatura que se refere a “uma representação simbólica da escrita feminina, de seus bens materiais e imateriais, englobando o prédio e seus espaços, o arquivo e a biblioteca, com os respectivos acervos” (SPINELLI, 2017, p.24). Segundo a autora e coordenadora do Memorial, a aquisição do prédio cultural em si é um marco fundamental, mas seu valor maior reside em acolher “obras humanas, legadas por gerações de escritoras que deixam marcas e apontam caminhos” (SPINELLI, 2017, p.24).

1.1 UM PERCURSO SINGULAR

Na primeira visita, enquanto era levada a conhecer a casa – cujos espaços eu viria a memorizar com mais clareza nas ocasiões seguintes – conversei com Santa Inèze e Teniza, que me relataram os principais momentos da trajetória da instituição e a sua atuação e desafios nos dias de hoje. Detalhei a minha proposta de investigação e elas colocaram o arquivo à disposição para consultas sempre que fosse necessário.

Entendo que este é um contexto raro e especial: quantos pesquisadores podem dispor de um acervo completo e bem preservado para realizar os seus estudos? Certamente, os itinerários teriam sido outros se a documentação fosse mais escassa, ou se houvesse barreiras de acesso a esse *corpus* documental. No entanto, essa disponibilidade também tem implicações: apesar de um primeiro contato intensivo com o objeto – do qual pude dispor, inclusive, de alguns exemplares em minha casa⁶ –, senti necessidade de manter desperto o exercício do estranhamento, na tentativa de ampliar o olhar sobre o impresso. Aos poucos, os

⁵ Estabelecido em 4 de setembro de 2007, mediante Emenda Parlamentar do Programa Nacional de Apoio à Cultura (nº 06-8039), do Fundo Nacional de Cultura. Tal reconhecimento atende ao que está disposto no capítulo I, artigo 3º, inciso V dos Estatutos da Academia, que atribui à instituição a competência de “manter acervo de produção literária e artística e apoiar os projetos de preservação da memória feminina”.

⁶ De modo muito gentil e generoso, a direção da ALFRS ofereceu a possibilidade de selecionar alguns exemplares para pesquisa fora da instituição, totalizando um conjunto de 15 edições. Para isso, foi elaborado um termo de empréstimo, assinado pela presidente Santa Inèze Domingues da Rocha Neiva Soares e por mim, com acompanhamento da vice-presidente Teniza Spinelli, renovado periodicamente, no qual foram descritos os materiais retirados para consulta. Outro requisito foi de que somente poderiam ser escolhidas edições que tivessem outros exemplares em acervo para consulta externa, de modo a garantir a preservação dos referidos números. Além destes, o arquivo dispõe de exemplares avulsos de alguns números e de uma coleção completa encadernada, restrita à consulta local.

movimentos próprios do estudo, marcados por um vaivém de proximidade e distanciamento ao longo dos meses, trataram de me conduzir a esse objetivo.

Outro aspecto que considero crucial para o desenvolvimento da investigação é o fato de se tratar de um periódico produzido por uma entidade ainda em atividade, integrando parte importante de seu histórico. A possibilidade de conviver com as acadêmicas, especialmente Santa Inêze e Teniza, e de acompanhar parte do trabalho por elas desenvolvido me apresentou uma riqueza de elementos que tornaram possível compreender a dinâmica da ALFRS, seu propósito e suas conquistas no passado e na atualidade.

Durante o período em que estive pesquisando na Academia, participei da sessão de autógrafos do livro *Presença Literária 2017*, na 63ª Feira do Livro de Porto Alegre – publicação lançada anualmente desde 1987, reunindo a produção das acadêmicas. Estive, também, no evento em comemoração aos 75 anos da entidade, celebrado em 12 de abril de 2018, no qual houve sessão solene seguida de confraternização e declamações poéticas. Compareci, ainda, ao sarau intitulado *Vozes Pioneiras do Memorial da ALFRS*, realizado na 64ª Feira do Livro de Porto Alegre, organizado de forma a apresentar uma minibiografia das patronas e trechos de algumas de suas obras.

Figura 4 – Evento comemorativo dos 75 anos da ALFRS⁷



Imagem produzida pela pesquisadora

⁷ Celebrado em 12 de abril de 2018. Em pé, a esquerda, durante sua fala de abertura, a presidente da gestão 2016-2018, Santa Inêze Domingues da Rocha Neiva Soares.

Figura 5 – Público presente na comemoração⁸



Imagem produzida pela pesquisadora

Figura 6 – Discursos das acadêmicas⁹



Imagem produzida pela pesquisadora

Ao tomar conhecimento de um anseio antigo da instituição, relacionado à preservação do acervo da revista *Atenéia*, procurei colaborar para a salvaguarda da coleção. Por meio de uma iniciativa executada em parceria com o Centro de Documentação e Acervo Digital da Pesquisa (Cedap), um Órgão Auxiliar da

⁸ Composto por acadêmicas, simpatizantes e integrantes de associações afins.

⁹ A vice-presidente Teniza Spinelli falou sobre o livro em homenagem à acadêmica Noemy Valle Rocha, antiga proprietária da casa que hoje é sede da instituição.

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico) da UFRGS, foi possível digitalizar todos os exemplares do periódico, nos últimos três meses de 2018. Além de assegurar uma cópia digital das edições (o que foi especialmente importante para as mais raras, como as de número 1 a 8, encadernadas em dois volumes e danificadas pela umidade), essa providência tornou possível o acesso on-line ao periódico, multiplicando as possibilidades de acesso e pesquisa deste impresso¹⁰. Acredito também que tenha sido uma retribuição adequada à acolhida generosa que recebi na Academia, e que tornou possível a realização desta dissertação.

Nesse percurso, que ultrapassou os limites da estreita relação com o *corpus* empírico, a leitura de *O Sabor do Arquivo* (2009), da historiadora francesa Arlette Farge, contribuiu para uma reflexão acerca dos aspectos envolvidos na visita aos espaços de guarda documental, embora esteja ciente de que ela se debruça sobre a operação com os arquivos judiciais, que compreende como “uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado” (FARGE, 2009, p.14).

Os documentos sobre os quais ela trabalha não foram produzidos com a intenção de um leitor futuro, como são, no caso dessa dissertação, os periódicos. Ao contrário: ela os trata como vestígios que se apresentam sob uma forma mais bruta, incluindo registros de depoimentos, acusações e testemunhos que remetem a um efeito de real. Já o impresso “[...] busca divulgar e criar um pensamento, modificar um estado de coisas a partir de uma história ou de uma reflexão” (FARGE, 2009, p. 13). Sua intencionalidade é mais evidente (apesar de nem sempre ser explícita), visto que se dirige a um público, o que determina sua estrutura e sua organização.

A historiadora descreve a visita ao arquivo como uma experiência sensorial, em que os ruídos e o cheiro dos ambientes, a textura dos documentos, a rotina e os gestos das outras pessoas que estão no mesmo espaço constroem uma dimensão de pesquisa particular, relacionada também à atribuição de sentido sobre os materiais consultados (FARGE, 2009).

Na maioria das vezes em que estive na sede da ALFRS, essencialmente nas quartas-feiras à tarde, minhas companheiras eram Santa Inèze ou Teniza. Em algumas ocasiões, tínhamos tempo para breves conversas. Em outras, eu acessava o arquivo, não raro sozinha, e consultava os documentos de interesse. Em boa parte

¹⁰ No momento de conclusão da dissertação, falta apenas o preenchimento de um formulário para que a ALFRS autorize a disponibilização da coleção completa no repositório do CEDAP, que poderá ser acessada no link <https://www.ufrgs.br/cedap/projetos/>

das visitas, chegava junto com elas ao prédio, observava o movimento de abrir as janelas, acender as luzes e, até mesmo, participava de alguns desses rituais. Em episódios mais escassos, tive contato com um colaborador da instituição, que auxiliava a presidente em seus afazeres, e com outras acadêmicas que circulavam pelo espaço. Também convivi brevemente com a arquivologista Maria Ragagnin Osmari, que está desenvolvendo um trabalho voluntário de higienização de todos os documentos do acervo, com vistas à futura organização, acondicionamento, guarda e descrição de acordo com os requisitos adequados.

Todos esses momentos contribuíram para a definição do caminho metodológico adotado: prioridade para a análise do impresso, com uma avaliação ampla de todos os exemplares. E, quando necessário e oportuno, selecionei algumas edições para demonstrar aspectos específicos que contemplem o espectro dos 23 anos no qual a revista circulou.

Documentos como atas da Academia também foram consultados, além de publicações com dados históricos da instituição, produzidas pelas acadêmicas em diferentes períodos. Acresceram-se a esses materiais as conversas com a diretoria, principalmente com Santa Inèze e Teniza, que forneceram informações sobre a ALFRS. Nenhuma dessas conversas teve um caráter formal, nem foi gravada ou registrada por escrito no momento em que ocorreram. No entanto, elas me permitiram reunir referências e impressões que tornaram mais concreta e detalhada a experiência de pesquisa. Forneceram informações que integraram o meu diário de campo e contribuíram para a aproximação ao objeto de estudo e a compreensão do contexto no qual ele está inserido.

Nas sucessivas aproximações que estabeleci com a empiria, procurei manter presentes algumas reflexões acerca da operação metodológica, que me auxiliaram no processo de manuseio e análise dos documentos. Uma das leituras que considero fundamentais foi a da *Arqueologia do Saber* (2016), de Michel Foucault. É uma obra complexa, a ser retomada inúmeras vezes. Mas arrisco-me a destacar que, entre os aspectos mais significativos de seus apontamentos, está a necessidade de questionar as grandes unidades, como “a ciência”, “a história”, “a literatura”. Trata-se de compreender que estas não são definições prontas, mas fatos discursivos estabelecidos por meio de relações, circunscritas a um determinado tempo, a um objeto específico – e, por consequência, temporárias, mutantes.

Inspirada por essas proposições, procurei acolher transformações, dúvidas e incompletudes na relação com a empiria e com as teorias, o que acredito que é uma das riquezas da pesquisa. Tentei me manter alerta de que a perspectiva de análise e as escolhas metodológicas são constitutivas do processo e dos resultados obtidos. E que a busca por certezas é, ao mesmo tempo, ingênua e perigosa: pode levar a generalizações, superficialidades e a apontamentos apressados de “verdades”.

Em uma análise sobre a contribuição de Foucault para a historiografia brasileira no cenário do início dos anos 1990, Margareth Rago ressalta que, na *Arqueologia do Saber*, o filósofo “defendeu o projeto de uma história geral construída a partir das descontinuidades, das rupturas e dos entrecruzamentos de séries organizadas pelo historiador” (RAGO, 1993, p. 132). É a indicação de um posicionamento metodológico, do qual busquei me aproximar: abandonar a pretensão de reconstituir o passado, de enquadrar os vestígios encontrados em um estatuto de verdade. Meus movimentos foram no sentido de estabelecer uma crítica aos documentos, não com o objetivo de interpretá-los ou de verificar o seu valor, mas de inseri-los em um contexto relacional. Em suma: desdobrar “uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos” (FOUCAULT, 2016, p.8). Ciente dessa intenção, um desafio se apresentou: quais as reflexões necessárias para dar conta de tal tarefa no âmbito da História da Educação?

1.2 A BUSCA PELO INALCANÇÁVEL

Ao me deparar com a coleção da revista *Atenéia* e me informar sobre a existência da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, comecei a indagar sobre o contexto de emergência da publicação, a mobilização necessária para tornar concreta tal iniciativa e os obstáculos enfrentados pelas mulheres ligadas à Academia a fim de viabilizarem o projeto de uma revista. Procurei conversar com pessoas ligadas à área ou contemporâneas às primeiras décadas da ALFRS para reunir referências externas sobre a instituição. Para minha surpresa, muitas delas também não a conheciam e, tampouco, seu periódico. Diante desse cenário, algumas perguntas me acompanharam durante a pesquisa: por que certas invisibilidades são produzidas? O que faz algumas narrativas ganharem espaço, e outras não? Por que esse objeto foi tão pouco estudado?

Creio que uma das possibilidades para pensar essa questão, na área em que se insere esse estudo, está relacionada com a operação historiográfica. Os apontamentos aqui apresentados são frutos de leituras realizadas ao longo do mestrado e, especialmente, no ano de 2018, motivadas pela disciplina *Leituras de Teoria da História, História Cultural e História da Educação*, conduzida pela professora Maria Stephanou e desenvolvida nos dois semestres do ano. Entre elas, a obra na qual selecionei as epígrafes para toda a dissertação: *As Memórias do Livro*, romance de Geraldine Brooks, preciosa em *insights* acerca da produção de conhecimento histórico. A imersão em suas páginas me acompanhou em diferentes momentos do curso, desde o primeiro semestre, após uma sugestão em aula, e retornei a ela durante a referida disciplina.

Como a minha formação na graduação é em Jornalismo, e não na área de História ou da Educação, o referencial teórico proposto na pós-graduação teve, para mim, um caráter de descoberta. E, para além do que foi possível abarcar nesse finito período de estudos, despertou o interesse em continuar a me aprofundar em outras leituras relacionadas, de modo a qualificar o meu trabalho como pesquisadora.

Autores como Michel de Certeau, Alain Corbin, Roger Chartier, Robert Darnton, Carlo Ginzburg e Sandra Pesavento servem de guia para essas considerações, pois, de diferentes modos, apontam para a tensão que acompanha o historiador em sua tarefa: a necessária intenção de verdade *versus* a impossibilidade de apreender a verdade do passado. Trata-se de uma busca pelo inalcançável, visto que é impossível reconstituir o vivido. Mas, é essa mesma busca, ciente dos seus limites e da sua incompletude, que permite os avanços da ciência e do conhecimento histórico, que se torna concreto ao ser apresentado em um texto.

Em sua obra clássica, *A Escrita da História* (1982), o historiador francês Michel de Certeau define que a “[...] a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas ‘científicas’ e de uma escrita” (CERTEAU, 1982, p. 65). O contexto de produção institucional, socioeconômico, político e cultural constitui o lugar no qual a pesquisa historiográfica é realizada. A metodologia aplicada, os documentos produzidos e analisados, as questões de investigação propostas são delineados por este lugar, muitas vezes circunscrito pela categoria de atuação profissional à qual o pesquisador se vincula. As práticas, por sua vez, produzem a coleção de documentos com os quais se pretende trabalhar: separar, reunir e isolar objetos; transformar seu tempo, lugar e estatuto; formar as peças que integram o

conjunto são algumas das ações que configuram o ofício do historiador. Esse arranjo específico molda a escrita, o terceiro elemento da operação historiográfica, atravessada pela visão didática de compartilhar um ensinamento, uma lição, uma descoberta a ser multiplicada. É ela que sinaliza o lugar e as práticas envolvidas, criando relatos sobre o passado a partir do presente (CERTEAU, 1982).

As definições propostas pelo autor não são ingênuas e, tampouco, desprovidas de (auto)crítica, necessária à compreensão de que a operação historiográfica tem suas limitações, assim como em outras áreas. Atados a um lugar, a um percurso metodológico e a um texto, os historiadores são forçosamente levados a se deparar com as próprias incompletudes de sua atuação.

No caso da ALFRS e de *Atenéia*, é interessante pensar nos motivos que produziram a invisibilidade da instituição e do periódico no âmbito da produção historiográfica. À exceção de dois trabalhos da pesquisadora Camila Albani Petró, de 2012 e 2016, detalhados na revisão de literatura, a entidade que completou 75 anos em 2018 não havia sido objeto específico de nenhum estudo acadêmico até então. O mesmo ocorreu com o impresso. Não há aqui a pretensão de afirmar que ambos nunca foram mencionados anteriormente, mas que os indícios dessas menções são escassos.

Sob a perspectiva da operação historiográfica, cabe indagar: de que modo o lugar, a prática e a escrita de outros tempos produziram a invisibilidade da Academia e de sua revista? Quais narrativas sobre o passado foram fabricadas e promoveram o quase apagamento da existência da entidade e de sua produção impressa? Por que agora, na segunda década do século XXI, o cenário se mostra diferente e o estudo sobre a instituição e o seu periódico despertam interesse?

Não é a proposta dessa dissertação lançar respostas a tais questionamentos, pois seria simplificar em excesso uma ampla discussão teórica. Mas, sim, compartilhar apontamentos sobre essa operação, que “se simboliza e se efetua num gesto que tem ao mesmo tempo valor de mito e de rito, a escrita” (CERTEAU, 1982, p.16). É um gesto ambicioso, móvel e utópico, que contempla ausência e produção em um mesmo contexto, e que constrói representações na relação entre um espaço novo e um *modus operandi* que fabrica cenários no hoje (CERTEAU, 1982).

Ao traçar cada linha desse texto, tal reflexão instiga a compreender os limites e as possibilidades da narrativa elaborada. Ciente de que não é possível alcançar, em sua completude, todos os aspectos em jogo na produção de *Atenéia* e que

levaram às escolhas editoriais adotadas pelas acadêmicas em seus diferentes períodos, faço um exercício de aproximação, movida por uma intenção de verdade que resulta na construção de uma razão, no presente, para aquilo que existiu em um tempo passado e jamais poderá ser apreendido em sua totalidade.

É evidente que não podemos desconsiderar a mudança de paradigma como constitutiva da operação historiográfica no presente, tornando possíveis novas perguntas, objetos e métodos. O próprio Certeau é um dos autores que inspiram os estudiosos mais explicitamente filiados à História Cultural, abordagem que vem legitimando seu espaço com uma produção crescente desde os anos 1980, muito influenciada pela escola francesa dos *Annales* e por contribuições do neomarxismo inglês e das historiografias italiana, alemã, norte-americana e portuguesa. Desde então, o posicionamento tem sido o de se afastar do positivismo voltado a determinar fatos históricos e mirar os aspectos culturais, com o intuito de estudar como as práticas e experiências dão a ver valores, ideias e conceitos, principalmente dos homens comuns (PESAVENTO, 2012).

Uma contribuição significativa dos domínios da História Cultural, decorrente da diversidade temática, é a ampliação da noção de documento. Segundo Pesavento (2012), inspirada em autores clássicos a esse respeito, como o francês Jacques Le Goff e Michel de Certeau, de acordo com a pergunta a ser formulada, tudo pode vir a tornar-se documento: de relatórios, atas e correspondências oficiais a crônicas de jornais, bem como revistas e almanaques; de registros policiais ou hospitalares a diários pessoais e livros de receita. E, para além do escrito, fotografias, plantas, mapas, pinturas, filmes, construções, objetos... Ou, ainda, discursos, relatos orais e depoimentos. É a partir desse largo universo que o historiador pode atuar.

Para encontrar caminhos possíveis de investigação em meio a uma riqueza documental e temática, é necessário estar atento aos indícios, vestígios e sinais de que nos fala Ginzburg (1989). Rastrear, interpretar, decifrar e classificar pistas que levem a descobertas importantes, movendo-nos com base em um paradigma indiciário, atentos aos detalhes secundários, aos pormenores e às sutilezas que se revelam na experiência de pesquisa. Esses elementos se assemelham a fios, que, quando reunidos, permitem reconstruir percursos e formar uma trama a ser analisada (GINZBURG, 1989).

Será que, até o momento, os fios que me conduziram à coleção de *Atenéia* não haviam sido descobertos? Por que a historiografia não prestou atenção à publicação em um outro momento? É possível pensar que a causa não tenha sido a escassez documental, visto que as próprias acadêmicas fizeram questão de erigir essa produção como um monumento (LE GOFF, 1990) e deixar registrado o seu protagonismo em um determinado tempo e espaço. Ao considerar que as perguntas que nos movem a pesquisar sobre o vivido partem sempre do presente, creio que é válido destacar, retomando Foucault (2016), as condições de emergência, tanto de preservação e disponibilização do acervo quanto de aspectos teóricos e conjunturais, que tornaram possível realizar essa investigação no contexto atual.

A trama que se busca recompor não é uma correspondência direta do passado, nem a apreensão completa de sua experiência, que é inapreensível. Trata-se, sim, de uma *representação*, conceito tão referido na História Cultural, ao propor que “indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade” (PESAVENTO, 2012, p. 39). É, portanto, aquilo que está no lugar de algo ou de alguém que se encontra distante no tempo ou no espaço. Pode ser entendida, ainda, como a presença de uma ausência, a qual se busca atribuir significado. Apesar de guardar relações de semelhança, essa representação nunca é o real, não pode ser entendida pelo valor de verdade, mas sim pelo viés de uma construção na qual operam as ideias de verossimilhança e de credibilidade.

Na operação historiográfica, essa *representação* ganha existência por meio da narrativa. O texto acolhe a construção de significados e ocupa um papel central na fabricação daquilo que chamamos de passado, ocupando o lugar do que não existe mais. Roger Chartier (2009) alerta que, nessa relação com o tempo já vivido, o discurso histórico concorre com a ficção e com a memória. E questiona:

Se a história como disciplina de saber partilha suas fórmulas com a escritura de imaginação, é possível continuar atribuindo a ela um regime específico de conhecimento? A “verdade” do que produz é diferente do que produzem o mito e a literatura? (CHARTIER, 2009, p. 12 e 13)

Ele próprio, com base em autores como Paul Veyne, Hayden White, Carlo Ginzburg e Michel de Certeau encontra respostas possíveis, ao defender que provas e controles permitem separar o verdadeiro do falso no que se refere ao conhecimento histórico. A produção do enunciado científico nessa área está,

portanto, atrelada ao estabelecimento da prova documental, à construção da explicação e à sua colocação em forma literária (CHARTIER, 2009).

No limite, uma certa dose de imaginação é necessária ao historiador, pois há zonas de sombras que os documentos não preenchem; contextos, cenários e sensibilidades que não estão registrados; expectativas e anseios dos atores do passado que não deixaram vestígios. Esse exercício criativo é necessário para que a aproximação com o tempo que já não existe mais seja mais rica e produtiva. Mas isso não significa a elaboração de um discurso ficcional e, sim, a compreensão de que produzimos narrativas revestidas de contingência e de provisoriedade, conforme nos lembra Stephanou (2018):

Reconhecemos o passado como “reino do desaparecido” e, apesar das ondas fugidias através das quais ele se nos apresenta, como historiadores, movidos por uma intenção de verdade e imaginação criadora, expressamos sob a forma de narrativas nossas leituras do tempo. (STEPHANOU, 2018, p.2)

Inspirada por esse excerto, acredito que é importante indagar: quanto desse “reino do desaparecido” conseguimos apreender em nossas investigações? Se até mesmo as palavras de hoje nem sempre são suficientes para descrever os fenômenos de outrora, o que dizer de nossas tentativas de circunscrever objetos de pesquisa a uma temporalidade também arbitrária e mutável? A cada página escrita, a presença dessa ausência, desse passado que jamais conseguiremos alcançar, nos acompanha. E, talvez por causa disso, seja ainda mais necessário empreender tal jornada. Porque, para além dos avanços que podemos propor nos estudos que desenvolvemos, há um sem fim de caminhos não trilhados, de possibilidades e de escolhas, que podem lançar o vivido tanto à luz quanto à escuridão. Portanto, há muito por fazer e dizer.

Os três momentos que constituem a operação historiográfica – o lugar, as práticas e a escrita – guiaram a elaboração dessa dissertação, para a qual propus uma estrutura, dividida em seções. Entendo que essas são partes que poderiam ser rearranjadas de um outro modo, conferindo contornos diferentes à experiência de leitura e de compartilhamento do conhecimento.

Após o itinerário e as reflexões iniciais, na segunda seção, intitulada *De tintas e papel, de letras e de sonhos*, trabalho com autores de referência para historicizar a educação feminina e os periódicos no Brasil e em Porto Alegre, com especial

atenção às revistas literárias, situando a relação das mulheres com tais artefatos, inclusive como editoras. Compartilho também os resultados da revisão de literatura acadêmica, empreendida junto ao Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict).

Na terceira seção, nomeada *Pela grandeza e ascensão da Academia*, detalho a ambiência do período de surgimento da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, no ano de 1943, com foco no cenário cultural da capital gaúcha, na identificação de sociedades semelhantes já existentes e na maior circulação de ideias progressistas em relação aos papéis desempenhados pelas mulheres. Retomo a trajetória de fundação da instituição e os aspectos biográficos e literários das patronas e acadêmicas pioneiras, bem como os bastidores da mobilização para a criação da revista *Atenéia*.

A quarta seção, intitulada *Aproximações à empiria: características da materialidade* concentra a análise do impresso a partir dos seus atributos materiais, como formato, número de páginas e apresentação gráfica da capa e das páginas internas. Também apresenta dados vinculados à produção e circulação, como periodicidade, quantidade e segmentos de anúncios publicados, promoção de concursos literários e venda de assinaturas.

Com o nome de *Textos, leitura e edição: Atenéia em sua comunidade*, a quinta seção se debruça sobre os estilos de textos veiculados e, entre eles, especialmente as editorias de caráter institucional. Examina as estratégias utilizadas nessas páginas para mobilizar a comunidade de leitura e fortalecer o propósito de intercâmbio cultural, situando as editoras da revista em um papel de mediação. Mapeia, ainda, o circuito de comunicação do periódico, a partir do modelo proposto por Robert Darnton (2010).

As considerações finais, às quais atribuí o título *Percursos a partilhar*, reunidas em uma seção que encerra a escrita da dissertação, retomam o itinerário percorrido e as principais descobertas dele decorrentes. Apontam, ainda, para as inúmeras questões em aberto, suscitadas a partir da pesquisa e indicativas de que o objeto oferece múltiplas possibilidades e abordagens de estudo.

2. DE TINTAS E PAPEL, DE LETRAS E DE SONHOS

“(...) o passado era sempre iluminado por um clarão que fazia estremecer e tinha gosto de poeira trazida pelos ventos fustigantes.”

(BROOKS, 2008)

Dias de expectativa antecedem o lançamento da primeira edição de Atenéia. São tantas decisões a tomar: quais acadêmicas serão responsáveis por cada seção, qual o melhor formato para a publicação, quantos exemplares serão produzidos... Prazos e compromissos administrativos e financeiros se misturam aos momentos de criação, edição e revisão de texto; instaurou-se uma atmosfera de euforia e muito labor, em meio aos afazeres e ocupações habituais de cada uma. Após um dia de trabalho, é à escrita e à leitura que me dedico. Página a página, a revista toma forma em minha mente e em minhas mãos.

Concebida como uma publicação editada por uma instituição literária de mulheres, o periódico *Atenéia* inscreve-se em uma trajetória de maior escolarização feminina, que tornou possível a esse público inserir-se nas práticas de escrita e de leitura. Início essa seção referindo alguns aspectos acerca do panorama instrutivo no país desde o século XIX. Nos breves clarões que os documentos nos permitem ter do passado, o que é possível compreender sobre aquele contexto? Quanto da poeira daquela época é carregada pelo vento até os dias de hoje?

A revista integra também a história dos impressos no Brasil. Desse modo, procuro historicizar essa produção, com o objetivo de pôr em relevo, em especial, os periódicos produzidos *por mulheres* (e não apenas *para mulheres*). Na sequência, a fim de demonstrar os caminhos que percorri diante de raras menções à Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e à *Atenéia*, compartilho a revisão de literatura empreendida sobre a empiria e o amplo campo temático.

2.1 UM PANORAMA DA EDUCAÇÃO FEMININA

A aproximação à temática da educação e das escritas femininas, incluindo-se a imprensa produzida por mulheres, exige uma compreensão acerca dos processos

instrutivos pautados pelas relações de gênero. A esse respeito, Roger Chartier (2001, 2009) lembra que, nas sociedades antigas da cultura ocidental, somente o ensino da leitura era acessível às mulheres, pois apresentava um caráter disciplinador, formador, em um espaço autorizado (embora leitores e leitoras¹¹ sempre pudessem transgredir). A capacidade de escrever, por sua vez, era considerada inútil e, mais do que isso, perigosa para o sexo feminino. Associavam-na à liberdade e a uma possibilidade de transpor os limites da ordem patriarcal, matrimonial ou familiar.

De acordo com a historiadora francesa Michelle Perrot (2007), pesquisadora com destacada inserção no campo de história das mulheres, apesar de o acesso à educação por parte do público feminino ter ocorrido, na França, no século XIX, essa consistia em:

[...] instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa das virtudes femininas. (PERROT, 2007, p. 93)

A autora complementa que a França estava atrasada acerca dessa questão, se comparada à Inglaterra, à Alemanha e aos países da Europa do Norte. Enquanto o catolicismo se mostrava contrário ao ensino das mulheres, por desconfiar de sua imaginação, o protestantismo alemão voltava-se para a educação familiar e o metodismo inglês valorizava a formação das moças do povo. Na Prússia, por exemplo, a alfabetização para os dois sexos tornou-se obrigatória desde o século XVIII. As mulheres de classe média, nos países citados, organizaram-se para fundar colégios secundários, que se mostraram espaços de sociabilidade e de formação de uma consciência de gênero (PERROT, 1998).

Naquele país, enquanto o Estado se encarregava da educação dos meninos, a instrução feminina ficava à cargo da família e da igreja. Nos núcleos aristocráticos

¹¹ A utilização do termo “leitoras”, em uma referência de gênero, remete à compreensão da comunidade de leitura almejada no contexto de produção e circulação de *Atenéia*, dada a sua existência enquanto periódico de uma Academia Literária constituída por mulheres. No entanto, não supõe a inexistência de homens entre os leitores da revista; alguns deles, inclusive, evidenciaram a sua presença neste grupo por meio de correspondências e comentários enviados à redação do impresso. A opção pela utilização no feminino é uma escolha com vistas a enfatizar as questões centrais dessa investigação. E, sempre que o termo for utilizado no masculino ao longo do texto, indica uma aceção mais geral, universal e irrestrita.

ou mais abastados, as lições em domicílio ficavam a cargo de preceptores e governantas. Segundo Perrot (2007), a formação das moças burguesas com idades entre 15 e 18 anos costumava ser complementada em pensionatos, nos quais aprendiam as artes, como o desenho e a música.

No século XIX multiplicam-se os pensionatos religiosos, que trazem prosperidade às congregações femininas, mas também se abrem muitos pensionatos laicos de dimensões menores, que garantem a subsistência a mulheres instruídas, mas desprovidas de recursos monetários. As moças das camadas populares ajudam suas mães e frequentam os ateliês das "irmãs de caridade", onde aprendem a ler, contar, orar e coser. (PERROT, 2007, p. 94)

Foi somente com a publicação da Lei Ferry, em 1881, no período da Terceira República, que a França instituiu a escola primária gratuita, laica e obrigatória, com os mesmos programas de ensino para ambos os sexos (PERROT, 1998, 2007).

No Brasil, conforme Arilda Inês Miranda Ribeiro (2000), ao longo de 322 anos, a instrução era restrita aos meninos/homens indígenas e colonos. Os impeditivos não eram a condição social ou a cor da pele, mas a tradição transposta de Portugal de não oportunizar o acesso à leitura e à escrita para as mulheres.

No país ibérico, não havia escola para meninas no século XVI: estas eram educadas em casa e a maioria das portuguesas eram analfabetas. No Brasil Colônia, por sua vez, “de 1578 a 1700, 450 inventários foram levantados, e neles apenas duas mulheres sabiam ler e escrever” (RIBEIRO, 2000, p. 86).

Somente no século XIX a educação, não necessariamente feminina, conquistou algum espaço nos discursos circulantes. Após a proclamação da Independência, em 1822, a necessidade de abandonar a imagem colonial, vinculada ao atraso intelectual, tornou a questão um assunto recorrente. Mas, segundo a historiadora Guacira Lopes Louro (2008), pesquisadora na área da Educação, principalmente sob a perspectiva de gênero, o país “[...] caminhava para o século XX e, nas cidades e povoados, sem falar na imensidão rural, grande parte da população continuava analfabeta” (LOURO, 2008, p. 444).

Ao longo do período escravocrata, era possível encontrar algumas escolas para meninos e outras para meninas, fundadas por congregações e ordens religiosas ou mantidas por leigos. E, se havia alguma semelhança em relação aos conteúdos básicos – ler, escrever e contar, saber as quatro operações matemáticas e conhecer a doutrina cristã –, elas paravam por aí. Logo depois, os meninos

avançavam para as noções de geometria, enquanto as meninas se dedicavam a aulas de bordado e costura (LOURO, 2008).

Ainda segundo a autora, é necessário matizar esses contextos educativos conforme as divisões de classe, etnia e religião. As meninas de camadas populares, por exemplo, desde cedo se envolviam em tarefas como o cuidado com a casa e com os irmãos menores, além do trabalho na lavoura. Diante dessas atribuições, a educação escolarizada permanecia em segundo plano. Já as filhas de famílias em uma condição privilegiada aprendiam a ler, a escrever e recebiam as noções básicas de matemática em casa ou em escolas religiosas. Também desenvolviam habilidades para bordar, lidar com agulhas e rendas, cozinhar e comandar o trabalho das criadas e serviçais, de modo a cuidarem do lar e da família.

No entanto, o cenário educativo se transformou a partir da segunda metade do século XIX, com um aumento significativo de mulheres nos cursos de formação de professores. Conforme Villela (2009), o fim da escravidão, o crescimento urbano e o aumento na demanda por serviços, inclusive de instrução, impulsionaram o desenvolvimento das escolas normais e a consequente feminização dos quadros discentes. A autora destaca que a “formação profissional obtida nas escolas normais teve um peso fundamental na luta das mulheres pelo acesso a um trabalho digno e remunerado e a uma primeira possibilidade de atingir níveis mais elevados de instrução” (VILLELA, 2009, p. 69).

A consequente inserção em novas atividades e em um círculo social mais amplo, decorrente da atividade profissional, não representou maior liberdade. Pelo contrário: das professoras, esperava-se uma postura exemplar, conduta discreta, moderação, recato e obediência. Seu olhar deveria voltar-se ao cuidado e atenção com os alunos de um modo maternal e sacralizado, quase como uma vocação de ordem religiosa ou uma extensão da maternidade. Mas as tarefas do lar também não deveriam ser desmerecidas ou descuidadas. Um conjunto de normas morais guiava as atitudes femininas em qualquer espaço, e esperava-se que elas atendessem a essa expectativa (VILLELA, 2009).

Investido desses significados, o Magistério começou a ser percebido como uma missão feminina. Tal discurso ganhou força graças ao ideário eugênico e positivista que passou a circular naquele período. Segundo Almeida (1998), se a educação feminina fosse mantida dentro de certos limites, seria benéfica ao marido, aos filhos e à família. Aos poucos, a tradição portuguesa de que o conhecimento e a

sabedoria eram desnecessários cedeu lugar à ideia da “mulher como regeneradora da sociedade e salvadora da pátria” (ALMEIDA, 1998, p. 33), tornando-se aceitável que ela trabalhasse como professora. Percebe-se que os avanços foram concedidos a partir de uma lógica masculina, que não atendia à vontade das mulheres, mas aos interesses dos homens e da sociedade dominante.

Mas é sempre necessário lembrar que as experiências nunca são homogêneas para os indivíduos em um determinado momento histórico. Portanto, o contexto instrutivo acima referido estava restrito às classes privilegiadas.

Para as mulheres do povo, a ausência de instrução e o trabalho pela sobrevivência sempre foram uma dura realidade. O mesmo pode ser dito a respeito de raça e, para as mulheres negras, o estigma da escravidão perdurou por muito tempo, só lhes restando os trabalhos de nível inferior e a total ausência de instrução. (ALMEIDA, 1998, p.36)

Foram as famílias de maior poder aquisitivo que, em Porto Alegre, na passagem para o século XX, matricularam suas filhas nas escolas dedicadas exclusivamente ao ensino feminino. Entre elas, é possível citar o Colégio Americano (fundado em 19 de outubro de 1885), o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho (de 1905), e o Instituto de Educação General Flores da Cunha, criado em 1869 como Escola Normal da Província e com um aumento crescente no número de matrículas de mulheres ao longo dos anos. Já as mulheres pobres tinham como uma opção de instrução a Divisão Feminina do Instituto Parobé, muito atuante por volta da década de 1920, que oferecia em seu curso técnico de dois anos, conhecimentos relacionados a economia doméstica, horticultura, criação de animais domésticos e indústrias rurais, conferindo o título de “Condutoras de Trabalhos Domésticos e Rurais” às jovens recém-formadas (MUNIZ, BARCELLOS e SANTI, 1992).

É válido lembrar que, mesmo com avanços em relação a uma atuação profissional no contexto instrutivo, o acesso à educação feminina, sob uma percepção mais ampla, ainda era restrito. E, sobretudo, tutelado pelas normas sociais e morais vigentes na época. De acordo com Lajolo e Zilberman (1998), é possível dizer que o livro, a leitura e a cultura permaneciam distantes da maioria das mulheres.

A mulher lê folhetins e romances ligeiros, que imprensa e editoras lhe oferecem; mesmo essa leitura, porém, é desvalorizada, seja porque as obras são consideradas de má qualidade, seja porque desejável seria que

lessem textos mais elevados, embora insossos e desestimulantes. As opções são poucas, o que suscita a militância de muitos, especialmente de mulheres, no sentido de estimular a educação feminina em melhores termos, argumentando ser essa condição essencial para estabilizar a vida familiar no Brasil e ver a nação progredir. (LAJOLO E ZILBERMAN, 1998, p. 258)

É somente ao longo do século XX que “os termos da equação mulher/leitura alteram-se” (LAJOLO E ZILBERMAN, 1998, p. 286). Pouco a pouco, a leitura tutelada dá lugar a uma relação de proximidade e de acesso entre mulheres e livros, vinculada à consolidação de um mercado editorial, a ser destacado no próximo tópico, e aos avanços graduais na escolarização feminina. Conforme Flores (2004), o surgimento de faculdades como Serviço Social, Filosofia, Pedagogia e História, cursos ditos “femininos”, ampliou as possibilidades de atuação profissional. Segundo Bassanezi (2008), “a proporção de homens para mulheres com curso superior, que em 1950 era de 8,6 para 1, baixou, em 1960, para 5,6” (BASSANEZI, 2008, p. 625).

2.2 IMPRESSOS NO BRASIL E EM PORTO ALEGRE

O desenvolvimento da imprensa em terras brasileiras está diretamente relacionado à vinda da Corte portuguesa para o país, em 1808. Tal medida encerrou um período de interdição à publicação de impressos, marcado por “sucessivas transgressões às ordens imperiais e tentativas malogradas de estabelecimento de tipografias ao longo do século XVIII” (ABREU, 2010, p. 41).

Conforme o historiador Luiz Carlos Villalta, que tem importante produção acerca das relações entre Brasil e Portugal no Antigo Regime, especialmente no âmbito dos livros e da leitura, “o desenvolvimento da atividade censória em Portugal e seus domínios nunca logrou conter nem a publicação, nem a entrada, nem a posse, nem a leitura de livros proibidos” (VILLALTA, 1999, p.191). Apesar disso, não foram poucos os esforços de interdição empregados, que incluíam o controle da impressão e da circulação de obras, bem como uma lista de autorizações de leitura específicas para determinadas pessoas e grupos. No vaivém entre Brasil e Portugal, a fiscalização das naus e dos livros transportados a bordo era uma das tarefas alfandegárias. O poder eclesiástico atuava fortemente sobre este campo, fornecendo as diretrizes de controle e censura (VILLALTA, 1999).

Mesmo com as já citadas transgressões, o estabelecimento de um sistema oficial de impressão impulsionou a um outro patamar o cenário de produção e edição de publicações no país. Mindlin (2010) relata que a Impressão Régia, instalada junto com a corte, iniciou suas atividades para fins burocráticos, relacionados a atos oficiais, documentos políticos e administrativos. No entanto, ampliou o seu papel e “abriu caminho para o desenvolvimento cultural brasileiro, pois proporcionou o surgimento de um número crescente de editores no século XIX” (MINDLIN, 2010, p.20). Márcia Abreu (2010), também pesquisadora na área de impressos, livros e leitura, detalha que obras de Medicina, Economia, Direito, História, Belas-Letras e Teologia, bem como periódicos e livros didáticos, integravam o catálogo de impressos, colocado à disposição do público leitor por meio de profissionais que se inseriam como agentes no processo produtivo de livros, revistas e afins.

O monopólio da Impressão Régia no Rio de Janeiro se encerrou em 1821 e, logo, tipografias começaram a ser fundadas em diversos estados, de modo que “inaugurou-se um inédito debate de ideias” (VILLALTA, 2016, p. 22). No rastro dos folhetos, panfletos e manuais que passaram a circular, associados aos manuscritos e à oralidade, surgiram espaços de sociabilidades como livrarias, cafés e academias, fortalecendo a noção de esfera pública. Temas como Independência, Constituição e formação do Estado e da nação brasileiros tornaram-se pautas recorrentes, impulsionadas pela maior divulgação de diferentes posicionamentos a partir dos impressos (VILLALTA, 2016).

No Rio Grande do Sul, a primeira tipografia data de 1827 (ABREU, 2010). No entanto, o cenário local ainda não era propício à formação de leitores e à circulação de livros. Quatro conflitos armados atingiram a região ao longo de várias décadas do século XIX: a Guerra da Cisplatina (1817-1828), a Revolução Farroupilha (1835-1845), as Guerras Platinas (1849-1852) e a Guerra do Paraguai (1864-1870). O baixo número de escolas e a escassez de professores eram outra preocupação do governo provincial, aliado às diferenças culturais dos imigrantes alemães e italianos, ainda em processo de inserção na sociedade, conforme destaca a pesquisadora de história editorial Elizabeth Torresini (2010).

Apesar do contexto desfavorável, o segmento começou a se desenvolver. Já em 1829, o jornal *O Amigo do Homem e da Pátria* trazia em suas páginas um anúncio de um vendedor de livros e de exemplares à venda na própria oficina. “De

fato, o comércio de livros acontecia na tipografia, na casa do vendedor, na rua (entre um endereço e outro), ou numa casa de negócios” (TORRESINI, 2010, p. 237).

Não há registros, até 1870, de espaços exclusivos destinados à venda de livros. Até que tais estruturas se concretizassem, além das vendas nos moldes acima citados, os gabinetes de leitura e as primeiras bibliotecas, todas de iniciativas privadas (incluindo a do *Partenon Literário*, fundado em 1868, com mais de 6 mil volumes), que procuravam atender à demanda dos leitores. A primeira biblioteca pública do Rio Grande do Sul foi criada, em Porto Alegre, no ano de 1877 (TORRESINI, 2010).

Esse interesse por livros e pela leitura refletiu-se no crescente número de sociedades literárias registradas em Porto Alegre no final do século XIX. Segundo o levantamento de Athos Damasceno (1962),

(...) em trinta e dois anos, isto é, de 1868 a 1900, trinta e seis sociedades literárias se fundam e atuam numa cidade que, ao cabo do século XIX, ainda não alcançara a casa dos cem mil habitantes. Verificar-se-á que nem todos êsses núcleos de cultura tiveram vida longa. Mas não se deixará de constatar que no decorrer da trintena uns substituiriam aos outros, num encadeamento que não conheceu interrupções, vale dizer, num empenho que não arrefeceu, antes foi recebendo no curso dos dias socorros mais abundantes e estímulos mais vivos. (DAMASCENO, 1962, p.66)

Muitas dessas entidades publicavam os próprios periódicos, como a *Revista da Sociedade Literária Culto às Letras*; o *Gutenberg*, editado pela *Sociedade Literária Carlos Ferreira*; a revista do *Club Literário Silva Jardim*; e a revista *Arcádia*, do *Centro Acadêmico da Escola de Engenharia* (DAMASCENO, 1962). Tais impressos integram um panorama de quase 70 publicações jornalístico-literárias em circulação no Rio Grande do Sul na segunda metade do século XIX, contemplando gêneros textuais como crônicas, contos e ensaios, detalha Strelow (2011).

A autora destaca que a literatura se popularizou em impressos de caráter jornalístico a partir dos romances de folhetim, publicados no rodapé (parte de baixo da página) de diferentes periódicos, como *O Guayba*. Segundo ela, este se tornou o “gênero referencial para as mais diferentes camadas da população, sobretudo devido ao desenvolvimento de novas técnicas narrativas e emprego de novos temas por parte dos autores” (STRELOW, 2011, p.3). Tal proposta atraiu, especialmente, o público feminino, que vinha aumentando o seu acesso à educação e à cultura

escrita. Graças a enredos envolventes, com a presença de heroínas, o romance de folhetim aproximou as mulheres do universo das letras (PERROT, 1998).

Em Porto Alegre, eram essencialmente as penas masculinas que escreviam as linhas responsáveis por encantar leitoras. Pesavento (2010) retrata a capital gaúcha da virada do século como uma sociedade que buscava inspirações intelectuais em Paris, em Buenos Aires e no Rio de Janeiro. Guardadas as justas proporções houve um grupo de personagens que “vivenciou, ao seu modo, o fim do século, com certa consciência de que eles eram arautos de tempos novos” (PESAVENTO, 2010, p.440).

Ela identifica ao menos três gerações de autores, todos homens, que se inscreveram no cenário jornalístico-literário do período: os primeiros, nascidos entre 1860 e 1880; os seguintes, das duas últimas décadas do século XIX, e um terceiro grupo, com integrantes nascidos nas duas primeiras décadas do século XX. “Eram, sobretudo, assalariados, na maior parte funcionários públicos que acumulavam tarefas propriamente jornalísticas ou literárias” (PESAVENTO, 2010, p.441).

No entanto, as mulheres não ficaram alheias a esse contexto e encontraram os próprios caminhos de protagonismo como escritoras e editoras de impressos.

2.3 MULHERES À FRENTE DE PERIÓDICOS

Se o modelo francês servia de inspiração aos homens, também era uma referência para as mulheres. Na França do século XIX, a escritura feminina ainda era bastante restrita, voltada ao âmbito privado das correspondências ou a registros contábeis de pequenas empresas familiares. Diários pessoais e pequenas autobiografias, embora não se constituam como gêneros especificamente femininos, ganharam espaço como práticas de escrita das mulheres (PERROT, 2007).

Aos poucos, tornaram-se cada vez mais numerosas aquelas que procuravam transformar em ofício a escrita de diferentes obras, como tratados de boas maneiras, publicações de cunho histórico, títulos voltados à Educação, livros de culinária e também romances, gênero por meio do qual ingressaram na literatura. Ainda, conforme a autora, “no último quartel do século XIX, as mulheres que escreviam folhetins eram relativamente numerosas (da ordem de 20% na Inglaterra, mas apenas um pouco mais de 10% na França), graças principalmente aos periódicos femininos” (PERROT, 2007, p. 97-98).

Essa participação se inicia nas editoriais de moda e, também, nas narrativas de viagem, conselhos e notícias. “No século XIX, *Le Journal des Dames* e *Le Journal de Demoiselles* são autênticas revistas femininas, relativamente abertas e dotadas de correios das leitoras, que esboçam uma rede”, exemplifica a historiadora (PERROT, 1998, p. 90). Entre 1875 e 1914, foram mapeados pelo menos uma centena de impressos produzidos *por e para mulheres* na França, muitos deles de existência efêmera, mas compreendidos como um modo de expressão, que a autora classifica como feminista.

É igualmente ao longo do século XIX que o cenário nacional vê as primeiras mulheres se aproximarem da escrita pública, sendo que “Porto Alegre foi berço ou hospedou as primeiras intelectuais femininas que fizeram literatura no Brasil” (FLORES, 2008, p.131). Entre elas, destaca-se o nome da primeira mulher jornalista, Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, proprietária do semanário *Belona Irada Contra os Sectários de Momo* (Porto Alegre, 1833-34) e colaboradora no jornal *A Idade de Ouro* (Porto Alegre, 1833-1835). Crítica da Guerras dos Farrapos e abandonada pelo marido, criou sozinha os filhos pequenos (FLORES, 2004).

Outra personagem importante é a poeta cega Delfina Benigna da Cunha, que editou o primeiro livro de versos no Rio Grande do Sul, em 1834: *Poesias Oferecidas às Senhoras Rio-grandenses*. Também era crítica voraz da Guerra dos Farrapos, da qual se exilou no Rio de Janeiro. Uma terceira referência fundamental é Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, divorciada, que assumiu a administração de seus bens e a educação das filhas. Publicou um dos primeiros livros de ficção no estado, intitulado *O Ramallete ou Flores Escolhidas no Jardim da Imaginação*, em 1845. Também produziu crônicas de denúncia aos políticos e à longa guerra civil (FLORES, 2004).

Nascida em Papari (RN), Nísia Floresta residiu em Porto Alegre entre 1833 e 1837, e ocupa um lugar pioneiro a partir da tradução do livro da escritora inglesa Mary Wollstonecraft, publicado em 1832 sob o título em português de *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Com essa obra, ela divulgou ideias de igualdade e de acesso à educação para as mulheres. Posicionou-se como abolicionista e defendeu ideias liberais e republicanas. Após separar-se do primeiro marido, com quem casou-se aos 13 anos, enfrentou o repúdio da família (exceto da mãe, que a apoiou) e casou-se novamente, ficando viúva tempos depois. Atuou como educadora, fundou o Colégio Augusto e elaborou outras publicações, voltadas à

defesa da instrução e da participação feminina na cultura e na política (FLORES, 2004; TELLES, 2008).

Ainda segundo a historiadora Norma Telles (2008), que pesquisou escritoras brasileiras do século XIX, também em nível nacional, outras mulheres tiveram uma atuação intelectual significativa, como Júlia Lopes de Almeida, Maria Firmina dos Reis, Narcisa Amália de Campos e Maria Benedicta Bormann, mais conhecida pelo pseudônimo de Délia. Muitas delas produziram ou participaram de jornais e revistas, com destaque para o *Esgrínio*, editado pela escritora Andradina América de Andrada e Oliveira, e o *Corymbo*, das irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Mello Monteiro. A participação da escritora Luciana de Abreu como articulista na *Revista do Partenon Literário* e os periódicos *A Mensageira*, de Prisciliana Duarte de Almeida, e *A Família*, de Josefina Álvares de Azevedo, também merecem uma menção especial (TELLES, 2008).

Autora de importantes estudos sobre imprensa feminina no país, Constância Duarte (2003) afirma que a iniciativa pioneira no Brasil em relação a jornais dirigidos por mulheres foi do *Jornal das Senhoras*, dirigido pela argentina Joana Paulo Manso de Noronha. Publicado no Rio de Janeiro (RJ, 1852-1855), contava com colaboradoras anônimas e, desde o primeiro editorial, deixou clara a sua posição de incentivar as mulheres na busca por seus direitos e por mais igualdade e respeito.

Outras publicações se seguiram, muitas delas engajadas na campanha sufragista, até que o *Corymbo*, acima citado, começou a circular no Rio Grande do Sul, em 1884. “Os editoriais, geralmente assinados por Revocata Melo, costumavam trazer veementes apelos a favor do voto, à educação superior e à profissionalização feminina” (DUARTE, 2003, p. 157). O periódico permaneceu em atividade até 1944, mantendo a linha editorial voltada à mobilização das mulheres em torno a pautas de seu interesse.

Sobre *A Mensageira*, editada na capital paulista entre 1897 e 1900, a autora destaca que “praticamente em todos os seus números encontra-se a defesa da educação superior e textos divulgando o feminismo” (DUARTE, 2003, p. 158). A respeito de *A Família*, que circulou primeiro em São Paulo, e depois, no Rio de Janeiro, entre 1888 e 1897, Duarte (2003) ressalta o posicionamento firme em prol da emancipação feminina e da necessidade de mudanças sociais. Suas principais causas incluíam o reconhecimento do direito ao ensino superior, ao voto, ao divórcio e ao trabalho remunerado.

Em relação a esse grupo de impressos anteriormente referenciado, Gautério (2015)¹² realizou um estudo sobre o *Escrínio*, que circulou entre 1898 e 1910 e foi publicado entre as cidades de Bagé, Rio Grande, Santa Maria e Porto Alegre. O periódico constituiu-se em um espaço para o estabelecimento de relações intelectuais entre mulheres do Brasil e do exterior, por meio de um discurso crítico ao regime patriarcal dominante.

É válido ainda ressaltar a trajetória de Luciana de Abreu na *Sociedade Partenon Literário*. Além da colaboração com o periódico da instituição, ela foi a primeira mulher a integrar uma Academia de Letras. Em um discurso de 1873, ela defendeu a educação, o voto e a maior participação feminina na sociedade:

Nós temos sido calumniadas, dizendo-se que somos incapazes dos grandes cometimentos, que somos de intelligencia fraca, de perspicacia mesquinha; e que não devemos passar de seres caseiros, de meros instrumentos do prazer e das conveniencias do homem;
 (...)
 Dê-mos educação e instrucção; nós faremos o mais. A nossa posição legitima na sublime missão de que estamos incumbidas, nós a tomaremos pelo nosso trabalho, e a humanidade há de tudo ganhar com o nosso triumpho. (ABREU *apud* LAITANO, p. 42 e 44)

Interessa observar que, apesar de pioneira, a presença de Luciana de Abreu não é exclusiva. Há evidências da presença de mulheres em saraus e demais eventos promovidos pela *Sociedade Partenon Literário*, além de tê-las como colaboradoras do periódico e, inclusive, como temática de artigos sobre as escritas femininas da época. É o caso de Amália dos Passos Figueiroa, contemporânea de Luciana de Abreu (LAITANO, 2016). Mas, é evidente que o número de mulheres é muito menor se comparado à participação masculina, o que oferece algumas pistas de investigação para a seção seguinte, sobre as condições de emergência para a fundação da ALFRS.

O breve mapeamento aqui desenvolvido intenta demonstrar a estreita relação entre a literatura e a imprensa, nesse caso, sob um recorte de gênero. Muitos dos nomes citados¹³, tanto de autoras quanto de periódicos, foram objeto de estudo das dissertações e teses consultadas para a revisão de literatura do presente trabalho.

¹² Um maior detalhamento do estudo será apresentado na revisão de literatura acadêmica, que integra o item 2.4 desta seção.

¹³ Há diversas mulheres, entre as referidas nesta seção, que foram escolhidas pelas integrantes da ALFRS como patronas da instituição, evidenciando-se o seu destaque no meio literário. O quadro completo das patronas será apresentado na seção 3.

E, em grande medida, permitem aproximações que auxiliam a compreender as particularidades de uma trajetória e suas ressonâncias na emergência de periódicos como a revista *Atenéia*, em meados do século XX.

Em um levantamento aprofundado, Duarte (2016) identificou 143 títulos de periódicos produzidos *por mulheres* no país em um período aproximado. Ela aponta que, a partir do acesso à leitura, as mulheres acessaram a escrita e desenvolveram uma perspectiva crítica de gênero. Encontraram, antes nos jornais do que nos livros, um espaço de expressão, fossem poetisas, professoras, jornalistas ou ficcionistas.

Um aspecto fundamental a ser levado em consideração são as características do gênero revista, a partir das contribuições de Ana Luiza Martins, historiadora e pesquisadora sobre a imprensa. O capítulo *Revistas na Emergência da Grande Imprensa: Entre Práticas e Representações (1890 – 1930)*, que integra o livro *Cultura Letrada no Brasil* (2005), atenta para a

pluralidade de públicos atingidos pela revista, responsável pela conformação de comunidades leitoras de faixas etárias diversas, gerações diferenciadas e espaço quase único e preferencial de inserção da escrita feminina, um dos segmentos mais expressivos do periodismo. (MARTINS, 2005, p. 247)

Essa contextualização é uma contribuição importante para a investigação das práticas de escrita e leitura em uma determinada comunidade vinculada à *Atenéia*. De acordo com Martins (2005), o sucesso das revistas no cenário brasileiro pode ser atribuído ao fato de se tratar de uma “publicação de caráter ligeiro, fácil impressão, baixo custo, passível de reunir vários assuntos numa só publicação, lúdica” (MARTINS, 2005, p. 248).

No entanto, é a denominação “revista literária” que interessa sobremaneira a esse estudo. Segundo a autora, tais impressos se constituíram quase que exclusivamente como espaços de divulgação de poesias, romances, folhetins e demais produções literárias a partir do século XIX, em concomitância à propagação da escola romântica. Desse modo, se firmaram como instrumentos de representação de diversos grupos, entre eles, os literários (MARTINS, 2005).

Ela complementa que, no início do século XX, três fatores contribuíram para a disseminação deste tipo de gênero impresso: os avanços técnicos; a ampliação do público leitor devido à política de alfabetização, incluindo-se aí as mulheres; e a inexistência de uma editoração livreira nacional. Ainda assim, mesmo quando a

produção literária migrou para os livros, a revista manteve sua função como “propagadora de leitura, tida como veículo preferencial, intermediária entre o jornal e o livro, com a possibilidade de espectro maior de leitores” (MARTINS, 2005, p. 252).

Somadas aos autores que se constituem como referência essencial para o campo de pesquisa, há inúmeras produções acadêmicas relacionadas ao histórico de produção jornalístico-literária feminina e às práticas compartilhadas em *Atenéia*. No próximo item, apresento, portanto, os resultados da revisão de literatura empreendida.

2.4 POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO: A REVISÃO DE LITERATURA

Ao me aproximar de estudos já realizados, o objetivo não foi apenas localizar pesquisas sobre a revista *Atenéia*, mas também mapear trabalhos vinculados às práticas de escrita e leitura de mulheres e à imprensa feminina, de modo a situar a temática do impresso examinado e ampliar os horizontes de compreensão da multiplicidade de aspectos possíveis de explorar a seu respeito.

Não se trata, propriamente, de delimitar nesta dissertação um “estado da arte”, mas de situar o tema e procurar estabelecer diálogos com produções acadêmicas dos campos de estudo em intersecção face ao objeto escolhido. Chartier (2011) relembra que Pierre Bourdieu alertou para o perigo da ideia ilusória de ineditismo de nossas pesquisas, pois os avanços intelectuais são construídos e partilhados por pesquisadores de uma mesma geração ou tradição, como resultado de esforços coletivos. Desse modo, entendo que esta aproximação não é exaustiva e, muito menos, única.

O ponto de partida para a pesquisa foi o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), com um recorte temporal de dez anos, entre 2007 e 2017¹⁴. Para cruzar dados e identificar incompletudes, também consultei a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), com a mesma delimitação de período. Nesta plataforma, todos os trabalhos são apresentados com o link para consulta e download. No caso da Capes, a partir

¹⁴ Esse período se refere aos dez anos anteriores à defesa do projeto de dissertação, realizada em outubro de 2017. Para fins de atualização, foram realizadas novas buscas nas bases de dados consultadas relativas ao ano de 2018. No entanto, não foram encontradas outras pesquisas que pudessem dialogar com o contexto de investigação proposto na dissertação.

das informações iniciais indicadas no levantamento, fiz buscas diretamente nos repositórios das universidades.

Para tornar mais diversificada essa aproximação aos estudos já realizados, não estabeleci uma área do conhecimento específica, visto que a temática interessa, como afirmei inicialmente, não apenas ao campo da Educação, mas também comparece nas Letras, na História e nas Ciências Sociais, para citar as ocorrências mais relevantes.

Os descritores a partir dos quais consultei as plataformas de pesquisa foram: “revista *Atenéia*”, “mulheres escritoras”, “escritas femininas”, “leituras femininas”, “literatura feminina”, “imprensa feminina”, “periódicos literários”, “academia de letras” e “academia literária feminina”. Também fiz uma combinação de descritores entre “academia de letras” + “feminina”. Neste último caso, destaco que os resultados elencados foram numerosamente muito expressivos, chegando a mais de 10 mil trabalhos. Diante disso, realizei uma revisão dos 100 primeiros apresentados em cada plataforma, observando a ordem de relevância, e identifiquei que a maioria dos citados que poderiam ser de interesse já haviam sido listados em outros descritores. Ainda assim, encontrei alguns estudos importantes.

Empreendi buscas para todos os termos acima listados tanto no plural quanto no singular, caso fizesse sentido, o que revelou alguns resultados adicionais, especialmente no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Poucas foram as situações em que um mesmo trabalho foi elencado em mais de um descritor, embora isso tenha ocorrido. Por fim, não incluí na relação acima expressões que utilizei e não redundaram em resultados que permitissem uma aproximação com o estudo aqui realizado, como “revista literária” e “academia literária”.

Conforme o levantamento apresentado a partir de cada descritor, verifiquei os resumos dos trabalhos e fiz a seleção e o download daqueles considerados adequados para uma leitura mais aprofundada. Apresento-os a seguir organizados por grupos, a partir dos termos de pesquisa utilizados, reunindo as indicações presentes nas duas plataformas.

2.4.1 Aproximação temática

A expressão “revista *Atenéia*” remete ao único trabalho presente nos bancos de dados consultados que faz referência à publicação, e que será utilizado como

referência nas próximas seções. Trata-se da dissertação de mestrado de Camila Albani Petró (2016, UFRGS, História), intitulada *Sempre mais acima, sempre mais além: pensamentos e práticas de gênero na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul em Porto Alegre ao longo das décadas de 1940 a 1970*.

A partir da categoria “gênero”, a autora investiga os discursos que transpassaram a instituição, tanto em seus posicionamentos internos quanto externos, ao longo das décadas de 1940 a 1970. Para isso, se vale da pesquisa em atas, estatutos e nos editoriais de *Atenéia*, nos quais examina os sentidos políticos ali expressos e suas transformações ao longo do tempo. Propõe grupos de conteúdos para os editoriais, de modo a compreender a dinâmica desses discursos em uma relação entre a Academia e a sociedade como um todo.

Sobre a revista, a pesquisadora destaca aspectos relativos a materialidade, preço, composição da diretoria, anúncios veiculados e principais seções e temáticas. Mas, como este não é o foco do seu trabalho, nas primeiras páginas de sua dissertação Petró (2016) anuncia que a riqueza de detalhes e a amplitude documental do impresso necessitam de um maior tempo de investigação.

Oferece, assim, uma indicação quanto à necessidade de novos estudos sobre este periódico, o que reforça a justificativa da pesquisa aqui realizada como uma contribuição relevante. A História da Educação e a História da Cultura Escrita propiciam abordagens com um viés distinto para analisar o referido impresso e, ao mesmo tempo, estabelecer um diálogo com a dissertação de Petró (2016).

Os descritores “academia de letras” e “academia literária feminina” também remeteram ao trabalho acima mencionado, além de poucas referências a outros estudos sem relação com a empiria. Após esse primeiro cenário de busca, de ordem mais direta, detalho a seguir os resultados ampliados, vinculados não necessariamente ao objeto, mas ao campo de conhecimento.

2.4.2 Sobre práticas de escrita e leitura

Nesta segunda subseção, apresento outros estudos vinculados à temática das escritas e leituras femininas. Começo pelos trabalhos identificados com base no termo “mulheres escritoras”.

Após uma seleção inicial, destaco a dissertação de Talita Michele de Souza (2017, UFG, História), nomeada *A história das mulheres escritoras em Goiás:*

atravessando trajetórias e produções literárias. Embora o foco de análise sejam as representações das mulheres nas personagens dos livros de Maria Paula Fleury de Godoy, a pesquisadora aborda a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), o que se aproxima do interesse de estudo desta dissertação. Fundada em 09 de novembro de 1969, a instituição goiana reunia não apenas escritoras, mas também artistas plásticas e teatrólogas.

Outro aspecto interessante destacado por Souza (2017) foi o uso de pseudônimos que permitiram às mulheres colaborar com periódicos sem serem identificadas. A própria Maria Paula Fleury de Godoy utilizou esse recurso para conseguir publicar artigo de sua autoria, por exemplo, na *Revista Feminina*, entre 1910 e 1920. Guardadas as diferenças espaço-temporais, a questão do uso de pseudônimos é um elemento a ser considerado no contexto de *Atenéia*.

Ainda com o mesmo termo de busca, foi localizada a dissertação *Um estudo das práticas de escrita de mulheres (escritoras ou não)*, de Thais Surian (2009, UNESP, Educação), que reúne em seu material empírico documentos como questionários e entrevistas com mulheres inseridas em classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA), bem como materiais escritos (cadernos, diários, textos). Para desenvolvimento da análise, a pesquisadora se valeu da obra *Quarto de Despejo*, de Carolina de Jesus, e de alguns livros de Marguerite Duras, de modo a estabelecer um diálogo entre a produção das referidas autoras e aquelas das alunas do EJA, identificando proximidades e distanciamentos vinculados às práticas de escrita de todas essas mulheres escritoras, em diferentes condições materiais, culturais e históricas.

Em relação ao descritor “escritas femininas”, um dos trabalhos que se evidenciam é a tese *Tramas femininas na imprensa do século XIX: tessituras de Inês Sabino e Délia*, de Maria da Conceição Pinheiro Araújo (2008, PUCRS, Linguística e Letras).

Apesar de se inserir em um recorte temporal distinto do que o delimitado na presente dissertação, o estudo apresenta uma contribuição importante, pois elabora um mapeamento das produções das referidas escritoras em diferentes periódicos ao longo do tempo, tanto no Brasil quanto em Portugal, o que leva a pesquisadora a demonstrar a presença feminina na imprensa. Araújo (2008) identifica e analisa temas considerados relevantes para as mulheres nos textos de Inez Sabino e Délia, autoras literárias que são objeto de sua investigação.

Em uma temática semelhante, a tese *Mulheres Beletristas e Educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935*, de Gildênia Moura de Araújo Almeida (2012, UFC, Educação), percorre não apenas a trajetória da escritora que compõe o título de trabalho, mas também de outras literatas e professoras do Ceará no referido período.

Por meio de um estudo biográfico dos nomes identificados como relevantes, a autora destaca o protagonismo de Francisca Clotilde que, entre outros motivos, foi a primeira mulher a lecionar na Escola Normal de Fortaleza. A pesquisadora dedica-se a rastrear e nomear jornais, revistas e periódicos literários que contaram com a colaboração da personagem principal de sua pesquisa. É uma inspiração para pensar a presença feminina em ambientes intelectuais e na imprensa, relacionando-se a uma das dimensões de análise consideradas acerca de *Atenéia*.

Por fim, outro estudo elencado por esse descritor é o de Marcela Picanco Valente (2014, UNISO, Educação). A dissertação *Imprensa e educação: registro da escrita feminina no Jornal O Operário (1909-1913)*, examina a contribuição de mulheres no periódico produzido na cidade de Sorocaba (SP).

É um trabalho que se propõe, principalmente, a identificar as questões de destaque nos escritos femininos. Para isso, apresenta quem são as mulheres que escrevem e detalha suas trajetórias biobibliográficas, constatando que, entre as temáticas mais relevantes, estão as reivindicações por educação, emancipação feminina e a exigência de plenos direitos das mulheres na sociedade.

Sob o descritor “práticas de leitura”, dois trabalhos se mostram relevantes para a compreensão do repertório acadêmico em que se inscreve a investigação aqui sugerida, notadamente por um recorte de gênero. Um deles é a tese *Práticas de leitura: a Coleção Biblioteca das Moças no Instituto de Educação “Carlos Gomes”, em Campinas (1951-1976)*, de autoria de Cassia Aparecida Sales Magalhães (2016, Unicamp, Educação). Por meio do paradigma indiciário, a pesquisadora distingue quatro períodos da publicação e, também, as “possíveis leitoras” a quem se destinava.

Além das estratégias adotadas pelos editores para acessar a “leitora pretendida”, Magalhães (2016) analisa a vinculação do conteúdo à representação de mulher no período estudado. Por outro lado, demonstra que “a leitora rastreada”, possível de identificar a partir de marcas de leitura e interações com o material impresso, realiza seu processo particular de apropriação dos romances que lhe são

ofertados. É um paralelo importante para reflexão acerca das intervenções editoriais presentes no impresso produzido pela ALFRS e do que elas indicam em relação à comunidade leitora almejada.

O outro estudo referente às “práticas de leitura” é a dissertação *Sonhando acordada: um estudo sobre as práticas de leitura da coleção de romances clássicos históricos*, de Patrícia Aparecida do Amparo (2012, USP, Educação). Apesar de contar com um objeto muito mais atual – a coleção de romances *Clássicos Históricos* publicada em 1993 pela editora Nova Cultural –, esta dissertação suscita indagações sobre a formação de leitoras, o que também se relaciona, em um outro contexto, à *Atenéia*.

Além dos livros da coleção, o *corpus* documental da pesquisa de Amparo (2012) é constituído por entrevistas com leitoras e por depoimentos recolhidos no site da editora e em uma rede virtual de relacionamentos. Com base nesses materiais, a pesquisadora dispôs-se a compreender não apenas as práticas vinculadas a um aprendizado sobre a literatura, a leitura e a decifração de textos, mas também a contribuição da coleção para a formação dos sentimentos amorosos das mulheres, haja vista a temática das publicações.

Outro descritor utilizado foi “literatura feminina”. Em sua maioria, os trabalhos apresentados nos resultados de busca versam sobre a produção literária específica de determinadas autoras. Entretanto, um estudo que, de certo modo, pode se relacionar com a trajetória aqui empreendida, é a dissertação *Leituras confiadas às mais inocentes e mais puras leitoras? As mulheres nos almanaques gaúchos (1889-1910)*, de Linara Bessega Segalin (2013, UFRGS, História).

Para além da proximidade geográfica com o objeto em questão, que pode fornecer indícios para a compreensão do contexto (embora o recorte temporal seja anterior), o ponto de atenção nesta pesquisa é a identificação da presença de escritoras e colaboradoras no *Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul* e no *Almanaque Popular Brasileiro*, ambos editados em Pelotas (RS), bem como as temáticas por elas propostas e o espaço de disputas constituído por essas publicações, que contavam também com a escrita masculina.

Desse modo, concluo o segundo eixo temático da revisão de literatura, voltado às práticas de escrita e leitura femininas. Tal aproximação permitiu constatar a ausência de investigações relacionadas a essas práticas no contexto das revistas

femininas, especialmente no período de existência de *Atenéia*, entre 1949 e 1972, evidenciando um amplo cenário de investigação a ser percorrido.

Em um terceiro momento, dedico minha atenção a outras correlações, voltadas principalmente à produção e circulação desses textos.

2.4.3 Da imprensa feminina

Com base no termo de busca “imprensa feminina”, foi necessário realizar um rigoroso refinamento, pois muitos dos resultados se referiram a periódicos produzidos *para* mulheres, e não necessariamente *por* mulheres. Esse dado fortalece o que se pode afirmar como “ineditismo” dessa dissertação e contribui para justificar o investimento no estudo sob a perspectiva aqui apresentada.

Um dos trabalhos que merece atenção a partir deste descritor é a dissertação *Factos e cousas nas crônicas da revista mato-grossense A Violeta (1916-1937)*, de Laís Dias Souza da Costa (2014, UFMT, História). A publicação, que já foi tema de outros estudos, era produzida pelo Grêmio Literário “Júlia Lopes” entre 1916 e 1950, sendo veiculada desde os primórdios da instituição cultural feminina.

Além de trazer à evidência o nome de Júlia Lopes de Almeida, considerada a primeira romancista brasileira, a grande contribuição do estudo é a análise de uma coluna específica da revista, denominada *Chronica*, que esteve presente ao longo dos 34 anos em que a publicação circulou. Embora o exame se debruce sobre a questão temática, não deixam de comparecer aspectos relativos à educação e à própria imprensa feminina, o que inspira a pensar tais questões no contexto de *Atenéia*, evidenciadas as condições bastante semelhantes de objetivos, produção e circulação.

Outro estudo que trata do mesmo objeto é a tese *Revista A Violeta: a verbo-visualidade e o entrecruzamento de vozes*, de Eliete Huguene de Figueiredo Costa (2016, PUC-SP, Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Apesar de a área de conhecimento e o foco da pesquisa serem distintos do estudo de Costa (2014), a autora apresenta um panorama detalhado da imprensa feminina no Brasil, reunindo publicações feitas *para* e *por* mulheres. Ela detalha o amplo percurso realizado para a coleta de dados, e é curioso registrar que, em seu levantamento, a revista *Atenéia* não consta, o que não invalida a relevância do quadro elaborado.

Ainda quanto ao descritor “imprensa feminina”, elenco a dissertação de Floriza Garcia Chagas (2016, Unifesp, Educação), intitulada *Álbum das Meninas, revista literária e educativa dedicada às jovens brasileiras: estudo de um impresso de Anália Franco*. Tomando o impresso como fonte e objeto de investigação, a pesquisadora caracteriza as temáticas presentes no conjunto de textos. Sua análise está pautada pelo fato de que, por meio de um projeto editorial bem definido, a revista se constituiu também em espaço de expressão das intenções da proprietária, a escritora e professora Anália Emília Franco. Ou seja: um periódico para jovens mulheres, produzido por uma mulher educadora, com um papel não apenas literário, mas de instrução ampla.

Outra pesquisa importante vinculada a esse eixo temático é a já citada tese *Escrínio, Andradina e sociedade(s): entrelaços de um legado feminista*. Produzida por Rosa Cristina Hood Gautério (2015, UFSC, Literatura), empreende uma análise da trajetória histórica do periódico feminino gaúcho *Escrínio*, editado pela escritora Andradina América de Andrada e Oliveira entre os anos de 1898 e 1910, nas cidades de Rio Grande, Santa Maria e Porto Alegre, todas no Rio Grande do Sul. Seu propósito foi examinar a vinculação da publicação a uma rede de sociabilidades de mulheres intelectuais no Brasil e fora do país.

Se, por um lado, o recorte temporal da tese de Gautério (2015) não coincide com o período de veiculação de *Atenéia* (1949-1972), a mesma traz contribuições contextuais muito relevantes, com inúmeras referências pertinentes. A revista da Academia Literária Feminina do RS é citada, juntamente com demais títulos de imprensa produzida *por* e *para* mulheres no estado, em diferentes épocas. A própria Andradina tornou-se patrona da cadeira de número 11 da ALFRS, em uma homenagem à sua produção literária e ao seu envolvimento com as questões do universo das letras feminino. Desse modo, são múltiplas as possibilidades de diálogo.

Retomando a temática da participação de mulheres na imprensa operária, destaca-se a dissertação de Caroline Gonçalves (2013, PUC-SP, História Social): *Ernestina Lesina e o Anima e Vita: trajetórias, escritos e a luta das mulheres operárias (início do século XX - São Paulo)*.

Voltada à investigação dos discursos circulantes nos artigos da diretora do semanário acerca de temas como educação, casamento e papel histórico das mulheres, a pesquisa não prescinde, também, de uma contextualização do cenário

da imprensa feminina no país, o que se revela como outra fonte de dados profícua para a dissertação.

Em um segundo termo de busca relacionado, o único resultado considerado relevante a partir da expressão “periódico literário” é a dissertação *Corymbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul*, de Caroline Leal Bonilha (2010, Ufpel, Memória Social e Patrimônio Cultural). Entre outros motivos, a publicação *Corymbo* tornou-se emblemática por sua longevidade, pois circulou entre 1883 e 1944, na cidade de Rio Grande. Outro aspecto fundamental foi ter sido criada e dirigida por mulheres ao longo de toda a sua existência: Julieta de Mello Monteiro e Revocata Heloisa de Mello, respectivamente patronas das cadeiras de números 2 e 12 da ALFRS.

Neste estudo de Bonilha (2010), que se soma a alguns outros já realizados sobre o *Corymbo*, a pesquisadora se debruça sobre a construção da representação da figura feminina nas páginas do periódico literário, voltado à divulgação de escritos como contos, poesias e resenhas de livros. Novamente, a proximidade geográfica e temporal permite identificar contextos e práticas semelhantes que instigam as reflexões da presente dissertação.

Com isso, encaminho o último conjunto desse apanhado, voltado à atuação institucional das mulheres no universo das letras.

2.4.4 Academias literárias: um espaço de mulheres?

Um quarto eixo temático dos trabalhos identificados reúne aqueles vinculados à combinação dos descritores “academia de letras” + “feminina”. Relembro que, dos mais de 10 mil estudos elencados, me detive em verificar título e resumo dos 100 primeiros de cada plataforma – Capes e BDTD –, constatando muitas coincidências com as pesquisas já indicadas por meio de outros termos de busca.

Entre as pesquisas que ainda não haviam sido consultadas, destaco inicialmente a dissertação de Renato Kerly Marques Silva (2009, UFMA, Ciências Sociais): *Academia Maranhense de Letras: produção literária e reconhecimento de escritoras maranhenses*.

O pesquisador problematiza a predominância masculina na instituição e aponta razões que tornaram possível a apenas oito mulheres (até a conclusão do

estudo, em 2009) serem aceitas pela Academia. Ele evidencia que não apenas a questão literária, mas também aspectos sociais, políticos ou religiosos, influenciam no reconhecimento e no acesso de escritoras àquela Academia. É um viés de análise que se aproxima de questionamentos possíveis sobre a aceitação e a participação das acadêmicas da ALFRS em outras entidades que não a fundada por elas para assegurar espaço exclusivamente às mulheres.

Na tese *Fardos e Fardões: Mulheres na Academia Brasileira de Letras (1897-2003)*, Michele Asmar Fanini (2009, USP, Sociologia) apresenta questionamento semelhante, mas em âmbito nacional. Ressalta alguns episódios marcantes – como a não aceitação da escritora Júlia Lopes de Almeida entre os fundadores da instituição, no final do século XIX, e a resposta negativa à candidatura de Amélia Bevilacqua, em 1930. A partir disso, procura acompanhar as transformações ocorridas ao longo do tempo que tornaram possível a participação feminina naquele espaço¹⁵, tanto a partir de mudanças internas quanto de forças sociais externas.

Um terceiro trabalho que se vincula aos termos de busca não está atravessado pela discussão de gênero, mas traz contribuições à questão das revistas literárias em um cenário muito próximo ao do objeto aqui examinado. É a tese *A Academia Rio-Grandense de Letras: Gênese e Trajetória de um Sistema Literário*, de autoria de Aline Rullian Germann Woloski (2013, PUCRS, Letras).

Para compreender a “gênese e trajetória” dessa instituição literária, a autora se vale de documentos como o periódico *Revista da Academia Rio-Grandense de Letras*, publicado entre os anos de 1910 a 2012, acompanhando suas interrupções e retomadas. A caracterização material e editorial da *Revista da Academia* nos seus diferentes momentos, bem como o contexto de produção e circulação de periódicos literários em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul no estudo de Woloski (2013), são aspectos que vieram a enriquecer a análise que empreendi sobre *Atenéia*.

Com uma abordagem diferente, mas também próxima à temática, sinalizo a dissertação *Eunice Caldas – uma voz feminina no silêncio da História (1879-1967)*, de Melissa Mendes Serrão Caputo (2008, Unisantos, Educação).

¹⁵ Desde a sua fundação, no final do século XIX, até o ano de 1977, a instituição proibiu a presença feminina entre os seus homenageados. A primeira mulher a compor o quadro de imortais da Academia Brasileira de Letras foi a tradutora, romancista, escritora, jornalista, cronista e dramaturga Rachel de Queiroz, nascida em Fortaleza (CE). Ela assumiu a cadeira de nº 5. É interessante pensar que, no momento da posse de Rachel na entidade nacional, a ALFRS já havia completado 34 anos de atividade, sendo 23 destes com circulação ininterrupta da revista *Atenéia*.

A pesquisadora examina as ideias de educação e a concepção de mulher da personagem que dá título ao trabalho, bem como sua articulação pelos círculos literários femininos de sua época. Para isso, recorre à sua produção literária e aos vestígios de sua atuação como educadora e de sua participação na sucursal santista da Associação Feminina Beneficente e Instrutiva de São Paulo, criada pela professora Anália Franco Bastos (já citada em outro estudo) para a elevação cultural da mulher.

Por fim, relaciono ainda a tese *Memória de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX: a emergência da obra periodística de Chrysantème*, de Maria de Lourdes de Mello Pinto (2007, UFRJ, Letras). A autora inventaria toda a produção cronística de Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos, que publica sob o pseudônimo referido no título do trabalho.

No total, reúne 1.530 escritos veiculados em diferentes periódicos, entre 1907 e 1948, por meio dos quais discute as transformações do gênero literário crônica e, também, seu espaço como uma possibilidade de participação feminina na imprensa, especialmente vinculado à temática da memória.

Deste conjunto de estudos elencados a partir dos diferentes descritores a que recorri, resalto não apenas as contribuições compreensivas e os achados de cada trabalho, mas também a recorrência a referências teóricas e metodológicas valiosas para enriquecer a minha pesquisa.

A partir das dissertações e teses consultadas, consegui identificar dados, autores, acervos e publicações até então desconhecidas. A repercussão mais imediata se deu por meio de um diálogo com o trabalho de Petró (2016), que será aprofundado na seção seguinte, principalmente acerca das informações reunidas sobre a fundação da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.

Foi também durante a revisão de literatura que me deparei com diferentes estudos sobre práticas de escrita e de leitura. Tais investigações, apesar de se situarem em diferentes espaços e temporalidades, foram inspiradoras para traçar os caminhos metodológicos e empreender a análise sobre a empiria aqui investigada.

Por fim, graças a essa etapa da pesquisa, tomei conhecimento de periódicos como o *Corymbo* e o *Escrínio*, o que me instigou a mapear a atuação de suas fundadoras e o movimento literário e intelectual do qual elas participaram na virada do século XIX para o XX. Essa primeira aproximação foi bastante útil no momento de reunir materiais de pesquisadores de referência sobre impressos e mulheres,

visto que eu já estava familiarizada com algumas produções que tinham sido objeto de estudo. Assim, consegui direcionar as buscas para os conteúdos que pudessem ter maior relevo na relação com a ALFRS e com *Atenéia*.

É justamente sobre a Academia e o periódico por ela produzido que irei me deter na seção seguinte, explorando aspectos relacionados à conjuntura de sua fundação e à legitimação de seu propósito por meio de um impresso de caráter institucional.

3. PELA GRANDEZA E ASCENSÃO DA ACADEMIA

“Como ela tinha aprendido a pintar, a escrever?
 Conquistas nada fáceis para uma mulher daquela época.
 Quantas mulheres artistas, anônimas,
 não teriam sido roubadas de sua devida fama?”
 (BROOKS, 2008)

Os primeiros exemplares de Atenéia acabam de chegar à nossa sede. Entre o pequeno grupo que se dedicou à elaboração da revista, há um misto de euforia e apreensão: queremos compartilhar o resultado da nossa produção e, ao mesmo tempo, estamos ansiosas pelos comentários e impressões sobre o periódico que colocamos à disposição das nossas leitoras. Seguimos trabalhando, já pensando na próxima edição e em como torná-la viável, tanto em termos literários quanto financeiros. Recorremos a familiares, amigos e conhecidos em busca de apoio e patrocínio. Inspiração e vontade não nos faltam.

A primeira edição da revista *Atenéia* circulou em 1949, seis anos após a fundação da ALFRS. Referências à intenção de editar um periódico, que aparecem em atas da entidade já nos primeiros anos, demonstram que a elaboração do impresso correspondeu a um anseio caro à instituição e contribuiu para fortalecer sua imagem e atuação, em especial, na sociedade gaúcha.

Para entender a relevância da revista como objeto de estudo no campo da História da Cultura Escrita, é primordial tentar circunscrevê-la em seus tempos e espaços. *Atenéia* se insere em um cenário mais amplo, vinculado às expectativas em relação ao papel social desempenhado pelas mulheres, à ambiência cultural de Porto Alegre e ao propósito da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul como instituição. É a respeito desse conjunto de aspectos contextuais que irei me deter nas próximas páginas.

3.1 NOVOS ESPAÇOS, GRANDES DESAFIOS

O movimento das mulheres na direção de ocupar novas posições na sociedade tem sido marcado por sucessivos ciclos, nem sempre com avanços

duradouros. Conquistar espaços na esfera do público, para além do âmbito familiar e do privado exigiu, em um primeiro momento, a desvinculação da mulher ao ambiente doméstico. A virada do século XIX para o XX foi palco de mudanças nesse sentido, que repercutiram nas décadas seguintes.

Em análise sobre a relação entre gênero e artefatos, a partir do mobiliário de residências da elite paulistana entre 1870 e 1920, Carvalho (2008) propõe reflexões sobre a associação entre determinados objetos e o masculino/feminino. A construção de sentido atribuída a cada item e o seu funcionamento na dinâmica social de cada época ajudam a compreender o tamanho do desafio que se apresentou às mulheres para que fossem rompidas as barreiras do lar e para que viessem a conquistar, gradativamente, novos espaços.

Conforme Carvalho (2008), os repertórios masculinos estão vinculados a ações centrípetas, ou seja, nas quais os objetos respondem a uma hierarquia centralizadora, com atributos que “servem para desenhar a personalidade de gênero de maneira individualizadora” (CARVALHO, 2008, p.44). Tal relação é resultado da prática social e cotidianamente reiterado por ela. Desse modo, artefatos presentes nas moradias no final do século XIX, que remetem ao trabalho, ao prestígio e à bagagem cultural contribuíram para “a construção de uma masculinidade voltada para a máxima individualização” (CARVALHO, 2008, p.67 e 68). Exemplos significativos são a mesa e a cadeira de escritório, as canetas, os livros, os brasões e bustos, os óculos, os relógios e as máquinas de escrever. O couro, associado ao poder e à riqueza, e a madeira, utilizada em móveis sóbrios, eram algumas das matérias-primas de preferência.

O repertório feminino, por sua vez, é caracterizado por uma direção centrífuga, marcada pela inespecificidade. Trata-se de uma “ação irradiadora, que cobre cada objeto da casa com um véu de feminilidade, atinge a engrenagem doméstica, inclusive seus empregados, seus ritos sociais, familiares e o seu próprio corpo (...)” (CARVALHO, 2008, p.68). A decoração da casa e o “toque feminino” se davam por meio da confecção de trabalhos manuais, que tornavam artefatos e ambientes mais agradáveis. O artesanato caseiro era, muitas vezes, aperfeiçoado em espaços formais de ensino, valendo-se de técnicas como o crochê, o macramê e o bordado, e de tecidos como a renda. As inspirações para essas criações eram

especialmente divulgadas pelas publicações da época, como a *Revista Feminina*¹⁶ e *A Cigarra*¹⁷, impressos publicados no Brasil.

Leques, flores, itens decorativos, coleções, *souvenirs* de viagem, fotografias, abajures, cortinas e almofadas integravam alguns dos objetos relacionados a esse ambiente em que quase não há diferenciação entre o corpo da mulher e a ornamentação da residência, por meio dos quais “a mulher constrói a biografia familiar, narrada em álbuns de família ou em conjuntos de objetos e roupas de entes que já morreram ou dos filhos que já cresceram” (CARVALHO, 2008, p.92). Estabelece-se uma simbiose, em que a dimensão material e cotidiana produz a despersonalização feminina, colocando a mulher em uma condição de mediadora das diferenças e transformando “a percepção social da mulher como acessório doméstico em algo extraordinariamente familiar” (CARVALHO, 2008, p.87).

Retomando um questionamento apresentado no capítulo anterior, é necessário refletir sobre a produção das invisibilidades na historiografia. Sob a ótica proposta por Carvalho (2008), os homens compunham um cenário no qual eles eram protagonistas, enquanto as mulheres se apagavam em meio a outras referências materiais, em um contexto perpetuado pelas possibilidades de instrução oferecidas na época e, também, pela imprensa. A existência feminina, atrelada ao ambiente doméstico, fundida a ele, apresentava-se como se este estivesse perfeitamente integrado às suas características. E, por isso, sua expressividade em outros espaços tornava-se frágil, opaca.

Mas o esforço feminino de transpor essa invisibilidade ganhou força no Brasil, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, acompanhando as repercussões do movimento pelos direitos políticos das mulheres na Europa e nos Estados Unidos. Conforme Pinto (2003), algumas reivindicações esporádicas foram registradas desde os anos 1880, e se aprofundaram com a criação do Partido Republicano Feminino, em 1910, cujas cláusulas do estatuto “não defendiam apenas

¹⁶ Publicada entre 1914 e 1936, com abrangência em quase todo o país, abriu uma sucursal no Rio de Janeiro (RJ). Fundada por Virgilina Salles de Souza, chegou a ter uma tiragem de 25 mil exemplares, acessíveis ao público por meio de assinaturas. Seu foco era em recreação e educação moral das mulheres para os papéis de esposa e mãe.

¹⁷ Fundada em 1914, em São Paulo (SP), a *Cigarra* circulou até 1975. Era uma revista ilustrada de variedades, que refletia em suas páginas novos modelos de comportamento, por meio de fotografias e notícias dos principais bailes, saraus e espetáculos da cidade. Também apresentava seções dedicadas a textos literários.

o direito ao voto, mas falavam de emancipação e independência” (PINTO, 2003, p. 18).

O partido desapareceu aos poucos e, em 1918, uma nova entidade assumiu o protagonismo nas lutas feministas do país: a Federação Brasileira para o Progresso Feminino (FBPF), fundada por Bertha Lutz. Integrante de uma elite intelectual e econômica, que lhe permitia circular por importantes círculos sociais e políticos da época, ela havia acabado de retornar de Paris quando organizou o movimento. Em diversas ocasiões no exterior, apresentou as demandas da Federação e participou de eventos em instituições internacionais com o mesmo objetivo. Ao seu lado, no chamado “núcleo duro” da FBPF, estavam mulheres de diferentes regiões do país.

Todas também foram destacadas profissionais e, em que pese a presença de um número grande de professoras, havia entre elas um surpreendente número de advogadas e jornalistas, contando-se também uma médica (Francisca Frois, a primeira médica do Brasil), uma engenheira (Carmem Portinho) e até a primeira aviadora do país, Anésia Pinheiro Machado. (PINTO, 2003, p. 24)

O direito ao voto foi finalmente conquistado no Brasil em 1932, quando o Código Eleitoral tornou oficial a possibilidade feminina de votar e ser votada. E atendeu a um anseio expresso em ações descentralizadas, para além das organizadas pela Federação, demonstrando que “um novo espírito de época, do qual (*as mulheres*) eram ao mesmo tempo frutos e construtoras, começava a tomar forma nas cidades” (PINTO, 2003, p. 28).

No entanto, não foi somente a luta pelo voto que caracterizou os primórdios do movimento feminista no Brasil. Pinto (2003), sinaliza pelo menos outras duas vertentes: a primeira delas seria de inspiração anarquista, unindo demandas feministas a questões como a exploração no trabalho. A segunda, que aqui nos interessa especialmente, é o que a autora denomina como “feminismo difuso”, expresso na multifacetada imprensa feminista alternativa, reunindo produções de professoras, jornalistas e escritoras sobre pautas e temas como a educação feminina. Pinto (2003) ainda menciona que alguns temas mais delicados para a época, como a sexualidade, o divórcio e a dominação masculina sobre as mulheres, também eram abordados (PINTO, 2003).

Na seção anterior, referi os impressos produzidos *por mulheres* e não *para mulheres*. Nem todos podem ser considerados o que amplamente designaríamos

como “imprensa feminista”, com pautas de vanguarda para a época. Contudo, a experiência de produção de um periódico que lançava atenção a algumas questões femininas serve de base para compreender o significado histórico da revista *Atenéia* e a ambiência cultural na qual ela circulou, constitutivos das escolhas editoriais adotadas pelas responsáveis pela publicação.

Conforme Pinto (2003), após o período de maior efervescência das pautas feministas, até o início da década de 1930, somente a partir dos anos 1970 a mobilização ressurgiu com força, impulsionada pelo cenário político e social da época. Nesse hiato de tempo, no entanto, tiveram visibilidade os movimentos de mulheres, especialmente de classe média e populares, como os clubes de mães, e em prol de demandas contra a carestia ou favoráveis à anistia. Foram organizados para “a partir da própria condição de dona de casa, esposa e mãe, intervir no mundo público” (PINTO, 2003, p. 43).

É justamente nesse período, na intersecção entre significativas conquistas das mulheres no país e o ambiente que daria origem a novas demandas, que *Atenéia* foi fundada. Fruto do anseio de uma elite feminina intelectual e social da capital gaúcha, inseriu-se em um contexto geográfico e institucional, a ser conhecido e compreendido.

3.2 UMA CIDADE PARA MUITAS ACADEMIAS

Na década de 1940, a população de Porto Alegre somava 272.232 habitantes e já experimentava um significativo processo de urbanização e de mudanças sociais e culturais. A vinda de imigrantes europeus, desde meados do século XIX, muitos deles em função das grandes guerras, contribuiu para a industrialização e o desenvolvimento do comércio. Conforme Monteiro (2004), ainda na década de 1920, na gestão de Otávio Rocha (1924-1928), a cidade foi modernizada, “com abertura das primeiras avenidas largas, pavimentadas, iluminadas, arborizadas e com calçadas para a circulação de automóveis, bondes elétricos e pedestres” (MONTEIRO, 2004, p. 54). Os serviços de saneamento básico e limpeza urbana também foram ampliados, e tal processo de crescimento se manteve na gestão de Alberto Bins (1928-1937). Aos poucos, a população começou a trocar a região central por bairros de moradia próximos, impulsionada pela maior oferta de transporte, com o aumento da frota de carros e de ônibus e as constantes aberturas

de novas vias de circulação. Tratava-se de um modelo não apenas a ser desfrutado no dia a dia do município, mas também a ser divulgado.

Em 1935, realizou-se a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha com uma concentração de iniciativas políticas e culturais que visavam projetar a cidade no contexto brasileiro. Os pavilhões construídos em estuque para a exposição apresentavam as novas formas da arquitetura modernista que influenciaram, posteriormente, a construção de vários prédios na cidade, como o Posto de Saúde Modelo e o Hospital de Pronto Socorro. (MONTEIRO, 2004, p. 56)

Na gestão de José Loureiro da Silva (1937-1943) como intendente municipal de Porto Alegre, entre outras transformações que a capital sofreu, as obras viárias, como a abertura de vias radiais e de perimetrais, foram uma prioridade. Ele também foi o responsável por canalizar o Arroio Dilúvio e construir a Ponte da Azenha, facilitando o acesso à Zona Sul da cidade. Empenhou-se, ainda, em registrar os progressos de sua gestão, graças a eventos como a comemoração do *Bicentenário da Colonização de Porto Alegre* e o lançamento da publicação *Porto Alegre: Biografia de Uma Cidade*, em 1941 (MONTEIRO, 2004).

Em termos sociais e culturais, alguns espaços consagrados reuniam as elites desde o início do século XX, como “os cafés (Colombo), as confeitarias (Central), os bares (Antonelo e Chalé da Praça XV), os restaurantes (D. Maria), os cinemas (Apolo, Coliseu), teatros e livrarias (Globo, Selbach) do centro da cidade” (MONTEIRO, 2004, p. 54). Esses locais contribuíram para a expansão das sociabilidades, tornando-se pontos de encontro para funcionários públicos, jornalistas, políticos, artistas e intelectuais, notadamente na Rua da Praia e nos seus arredores. No entanto, é necessário pensar que nem todos esses espaços acolhiam a presença feminina, ainda tímida no âmbito público.

No campo literário, havia um cenário de disputas, fruto de consecutivas cisões e descontentamentos em relação às academias já existentes. Um dos marcos mais expressivos de instituições nessa área foi a *Sociedade do Partenon Literário*. Fundada em 18 de junho de 1868, mobilizou-se em intensa atividade durante mais de 20 anos, chegando a reunir cerca de 138 sócios em seus tempos áureos. Voltada a pautas abolicionistas e à discussão de temáticas progressistas no campo político e social, além do interesse intelectual, produziu a *Revista do Partenon Literário*, que circulou entre 1869 e 1879 (FRANCO, 1998).

O *Partenon* foi a primeira academia de letras a acolher uma mulher no seu quadro societário: Luciana de Abreu, conferencista e professora, que proferiu o discurso intitulado *A Educação da Mulher*, em 1873, contrapondo-se, inclusive, ao pensamento de alguns de seus colegas (LAITANO, 2016).

Dissolvida oficialmente em 1899, a entidade deixou um espaço a ser ocupado no cenário cultural, especialmente no campo literário, que culminou com a criação da Academia Rio-Grandense de Letras, em 1901. Em âmbito nacional, a Academia Brasileira de Letras havia sido instituída somente quatro anos antes, em 1897, e outras entidades com caráter semelhante haviam sido fundadas no Ceará, no Pará e em Pernambuco (LAITANO, 2016).

A Academia Rio-Grandense de Letras desenvolveu atividades por um curto período e logo se tornou pouco atuante. Após desavenças entre alguns integrantes, um grupo decidiu instituir a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, em 1910, que funcionou com regularidade até 1924 como uma associação de escritores dedicados a editar seus textos e a promover saraus e encontros de leitura. Experimentou um período de estagnação entre 1924 e 1936, voltando a promover atividades até 1944. Ao longo da sua existência, produziu 21 números da sua revista (LAITANO, 2016).

No entanto, Laitano (2016) lembra que, durante essas décadas, a Academia Rio-Grandense de Letras não deixou de existir. Apenas esteve “adormecida”. E, para completar o contexto de conflitos e divisões, uma terceira entidade coexistiu entre 1932 e 1934: o Instituto Rio-Grandense de Letras, com o objetivo de suprir a falta de atividade, nos anos anteriores, das duas academias instituídas. Sua existência, apesar de efêmera, foi intensa, e demonstrou que havia interesse em manter vivos os movimentos e as associações literárias que estavam, até então, pouco mobilizados.

A partir da segunda metade da década de 1930, há registros de um retorno às atividades na Academia Rio-Grandense de Letras, com maior expressividade, agrupando também os integrantes do extinto Instituto Rio-Grandense de Letras. E começou a retomar uma posição de destaque:

Em 1937 a Academia Rio-Grandense de Letras assumiu a liderança acadêmica no Estado porque foi convidada, com exclusividade, para participar do congresso das Academias de Letras do Brasil, no Rio de Janeiro, por iniciativa da Academia Carioca de Letras, e passou a ser considerada fundadora da novel Federação das Academias de Letras do Brasil. (LAITANO, 2016, p.131)

Tal desdobramento culminou com uma proposta de fusão entre essa instituição e a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, concretizada em 1944, sob o nome de Academia Sul-Riograndense de Letras¹⁸ (LAITANO, 2016). Essas foram condições históricas que possibilitaram a emergência de uma outra entidade, com características muito particulares, voltada às ambições literárias das mulheres.

3.3 LUGAR PARA ELAS NO UNIVERSO DAS LETRAS

Para delinear os contornos da criação da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e compreender a importância do espaço no qual, seis anos depois, *Atenéia* seria produzida, é possível identificar indícios em documentos conservados pela instituição, como atas de reuniões e publicações diversas. Além desses, uma rigorosa aproximação às informações apresentadas pela pesquisadora Camila Albani Petró sobre a Academia oferece pistas muito significativas, seja em sua monografia de conclusão do curso de História na UFRGS, intitulada *A criação da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul: projeto e campo de possibilidades na Porto Alegre da década de 1940* (2012), seja em sua dissertação de mestrado, *Sempre mais acima, sempre mais além: pensamentos e práticas de gênero na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul em Porto Alegre ao longo das décadas de 1940 a 1970*, defendida em 2016 junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

Conforme já destacado, Petró é autora das únicas pesquisas acadêmicas realizadas até o momento sobre a ALFRS. Essa informação se sustenta no levantamento realizado junto às bases de dados apresentado na seção anterior e nas informações disponibilizadas em publicações da instituição. Na subseção dedicada à revisão de literatura, detalhei a abordagem e os problemas investigados pela pesquisadora. Mas reforço o pioneirismo de sua produção acerca dessa temática e a contribuição para outros estudos, como a pesquisa aqui desenvolvida.

Fundada em 12 de abril de 1943, a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul é fruto de um convite feito pela imigrante italiana Lydia Moschetti às intelectuais de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. De infância humilde e inúmeras

¹⁸ Em homenagem à entidade pioneira, uma proposta de mudança de nome foi adotada em 1963, retomando a denominação original de Academia Rio-Grandense Letras, vigente até os dias atuais (LAITANO, 2016).

privações na sua terra de origem, a jovem nascida em 1898 em Fucecchio, na Toscana, veio para o Brasil aos 17 anos de idade, com a mãe e as irmãs. Tornou-se professora, artista de teatro, cantora lírica e promotora cultural, além de, na literatura, dedicar-se ao romance, à poesia e ao memorialismo. O casamento com o engenheiro italiano e industrial Luiz Moschetti propiciou as condições financeiras para que ela exercesse o ativismo social, impulsionado desde a infância pelo sofrimento que viveu na casa da família e pela compaixão que demonstrava pelos deficientes visuais. Em Porto Alegre, vinculou-se a inúmeras atividades de filantropia, como a fundação do Instituto Santa Luzia (escola profissional para cegos), o Hospital Banco de Olhos, o Educandário Dom Luiz Guanella, para menores carentes, e o Lar do Bebê e Pupileira, para filhos de mães solteiras, entre inúmeras outras iniciativas (FLORES, 2008).

A influência de Lydia no panorama cultural da capital e a rede de sociabilidades na qual ela estava inserida podem ser consideradas um aspecto essencial no êxito de suas iniciativas, tanto filantrópicas quanto intelectuais. E, possivelmente, têm uma contribuição importante para a fundação da ALFRS.

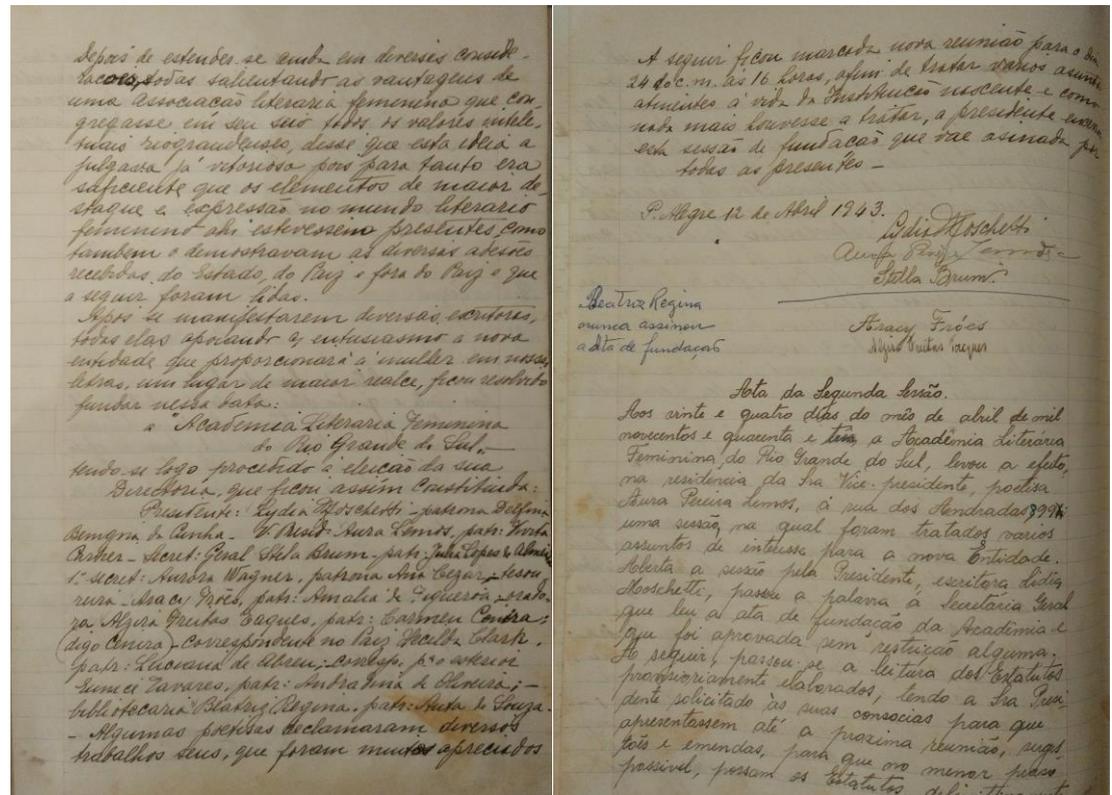
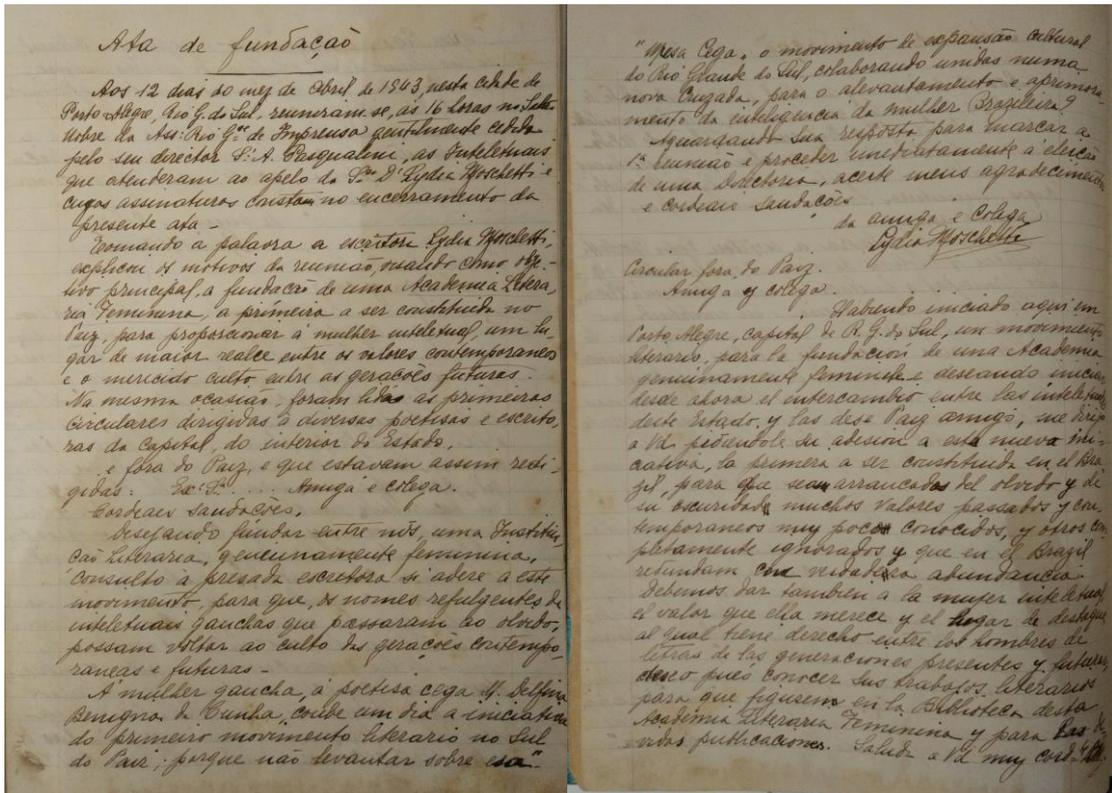
Das trinta mulheres convidadas para a primeira reunião, realizada às 16h do dia 12 de abril de 1943, na sala nobre da Associação Riograndense de Imprensa, compareceram Alzira Freitas Tacques, Aracy Fróes, Aura Pereira Lemos, Aurora Nunes Wagner, Beatriz Regina Fortunatti¹⁹ e Stella Brum, que compuseram a primeira diretoria da instituição e indicaram as patronas das cadeiras que viriam a ocupar. Hecilda Clark e Eunice Tavares assumiram, respectivamente, como correspondentes no país e no exterior (PETRÓ, 2012, 2016).

Ao explicitar o motivo do encontro, Lydia Moschetti declarou que se tratava da intenção de fundar uma “Academia Literária Feminina, a primeira a ser constituída no país, para proporcionar à mulher intelectual um lugar de maior realce entre os valores contemporâneos e o merecido culto entre as gerações futuras” (ACADEMIA, 1943, p.1)²⁰.

¹⁹ Conforme Petró (2012), apesar de integrar a fotografia de fundação, não há registros do envolvimento de Beatriz Regina Fortunatti nas atividades posteriores de estabelecimento da ALFRS, visto que sua presença não é citada nas atas da entidade. A pesquisadora também afirma não ter encontrado menção à sessão solene de sua posse na cadeira de nº7, apesar de integrar o quadro acadêmico nas publicações produzidas pela Academia. Diante da ausência dessas referências, optou-se por não detalhar de modo mais abrangente a sua trajetória, centralizando a pesquisa nas demais fundadoras.

²⁰ A entidade foi declarada de utilidade pública em 1952, pela Lei Municipal 1040/53, e reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural do Rio Grande do Sul em 2007, pela Lei 12.772/2007.

Figura 7 – Ata de fundação da ALFRS



Acervo da ALFRS – Imagens produzidas pela pesquisadora

Petró (2012, 2016) faz a ressalva de que outras duas agremiações literárias femininas já haviam sido registradas anteriormente, mas não continham o termo *Academia* em sua designação oficial: a Liga Feminina Cearense, de 1904, e a Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno, de 1942, no mesmo estado. A autora afirma ainda que a Academia de Letras Feminina, do Rio de Janeiro, foi fundada no mesmo período da instituição gaúcha. Ela supõe que o pioneirismo reivindicado por Lydia “também poderia estar se referindo ao fato de querer fundar uma *Academia* propriamente dita e assim registrada juridicamente, e não um *grêmio de letras* que funcionasse como Academia” (PETRÓ, 2016, p. 59). A pesquisadora complementa que, nos anos seguintes, outras entidades literárias femininas foram criadas, demonstrando um movimento crescente, como a Academia Feminina Espírito-Santense de Letras, em 1949; a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, em 1969; a Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil e a Academia de Letras do Paraná, em 1970; a Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí, em 1972; e a Academia Feminina Mineira de Letras, em 1983.

A notícia de fundação da ALFRS não foi recebida sem críticas, especialmente no ambiente literário de Porto Alegre. Segundo Petró (2012, 2016), uma troca de correspondências entre Lydia Moschetti e o secretário da Academia Rio-Grandense de Letras, Ary Martins, deu início a uma polêmica, amplificada por meio de reportagens no jornal *Correio do Povo*. Em sua carta, Ary afirmou que, após votação, a instituição que representava se negou a reconhecer a fundação da nova entidade. As causas para tal recusa indicam diferentes possibilidades, não apenas ligadas a gênero, mas também ao fato de que já havia outras academias em atividade (conforme descrito no tópico anterior desta seção) e o momento era de reunificação. Outro fator a ser levado em consideração era o apoio financeiro do Governo do Estado à Academia Rio-Grandense de Letras. Ary indicou que, caso o quisessem, as escritoras poderiam se reunir em um grêmio de letras. E disse que as cadeiras da sua entidade estavam à disposição para serem ocupadas por mulheres, mas que algumas das referidas para o quadro da ALFRS ainda tinham produção iniciante no universo das letras.

A pesquisadora aprofunda a questão por meio da análise de reportagem do *Correio do Povo*²¹, que detalha o conteúdo da carta e a inconformidade de Lydia

²¹ Publicada em 24 de agosto de 1943.

Moschetti com tal posição. Até que um novo posicionamento²², desta vez do presidente da Academia Rio-Grandense de Letras, Walter Rosa, mostrou-se favorável à criação da ALFRS e disse que não havia razão para que os homens se considerassem superiores às mulheres, embora pudessem assumir a sublime tarefa de guiá-las ao “Éden das Letras” (PETRÓ, 2012, 2016)

Alheios às polêmicas iniciais, que se arrefeceram com o passar do tempo, os encontros da nova instituição continuaram a acontecer, inicialmente, na casa de Aura Pereira Lemos, situada na Rua dos Andradas, 899, que funcionou como sede provisória. Já na segunda sessão, em 24 de abril de 1943, tiveram início as discussões dos estatutos. E, em 4 de agosto de 1943, o registro jurídico tornado público no Diário Oficial confirmava a conclusão do processo de fundação. Correspondências de apoio continuaram a ser recebidas, muitas delas de mulheres interessadas em participar da Academia, somando-se à diretoria constituída (PETRÓ, 2012, 2016). O quadro a seguir detalha as atribuições das fundadoras na gestão da entidade e os seus respectivos dados biográficos.

Quadro 1 – Dados biográficos das fundadoras da ALFRS

Lydia Moschetti – Cadeira nº 1 – Poeta, romancista e memorialista

Presidente (1943-1947), diretora do Intercâmbio Cultural (1948-1950)

- Nascida em 14/09/1898, em Fucecchio, na Itália, imigrou para o Brasil aos 17 anos, estabelecendo-se em São Paulo. Passou a residir em Porto Alegre em 1919, após o casamento.
- Cursou o primário e o ginásio em sistema de internato, na Itália. Em São Paulo, estudou desenho, pintura, música e idiomas.
- Foi professora em escolas e residências, tanto na Itália quanto em São Paulo. Trabalhou em um instituto de beleza, foi artista de teatro, cantora lírica e promotora cultural, além de benemérita social. Casada com o engenheiro italiano e industrial Luiz Moschetti.

Aura Pereira Lemos – Cadeira nº 2 – Poeta

Vice-presidente (1943-1947)

- Nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 23/03/1899. Cursou o primário em Porto Alegre e o ginásio em sua terra natal.

²² Em reportagem publicada pelo Correio do Povo em 31 de outubro de 1943.

- Foi professora, funcionária do Ministério da Viação e alta funcionária na Repartição dos Telégrafos de Porto Alegre. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1944. Casada com o industrial Tarquínio Queiroz de Lemos.

Stella Brum – Cadeira nº 3 – Poeta, cronista, romancista

Secretária geral (1943-1947), vice-presidente (1948-1950)

- Nascida em Rio Grande (RS) em 03/07/1915, passou a residir em Porto Alegre ainda criança, onde estudou na Escola Complementar (atual Instituto de Educação General Flores da Cunha) e na Escola Superior de Educação Física.
- Pertenceu a diversas entidades culturais e atuou como pintora autodidata, declamadora e jornalista. Casada com o odontólogo e político Carlos Pessoa de Brum.

Alzira Freitas Tacques – Cadeira nº 4 – Poeta, pesquisadora

Oradora oficial (1948-1950)

- Nasceu em São Borja (RS) em 08/07/1911 e mudou-se para Porto Alegre com a família, quando era pequena. Aprendeu as primeiras letras com a mãe e cursou o primário no Colégio Fernando Gomes. Ingressou no Colégio Bom Conselho e, após, na Escola Complementar de Formação de Professoras.
- Teria abandonado os estudos de Magistério para se casar. Integrou diversas entidades culturais e foi funcionária da Agência de Correios e Telégrafos de Porto Alegre, auxiliar de escritório VII e sessão de Protocolo). Casada com o poeta, escritor e advogado Carlos Ribeiro Tacques.

Aracy Fróes – Cadeira nº 6 – Poeta

Tesoureira (1943-1947)

- Nascida em Porto Alegre, em 08/02/1907, teve sua formação completa com “provecta educacionista”, Dona Luiza D’Azambuja. Fez cursos de Contabilidade e Datilografia.
- Trabalhou como comerciária e colaborou com diversos jornais da cidade, do estado e do país, sob o pseudônimo de *Geralci*. Casada com Mário Peres.

Aurora Nunes Wagner – Cadeira nº 9 – Poeta, pesquisadora acadêmica

Primeira secretária (1943-1947), presidente (1948-1950)

- Nasceu em 09/08/1899 em Quaraí (RS). Cursou o primário no Colégio Nossa Senhora do Horto e o ginásio no Colégio União, em Uruguaiana. Fez cursos preparatórios no Ginásio Júlio de Castilhos, na capital, e ingressou na Faculdade

de Medicina de Porto Alegre, onde se formou em Odontologia em 1919. Realizou cursos de especialização e viagens de estudos no Brasil e no exterior.

- Em 1934, pleiteou uma vaga na Assembléia Legislativa, pela Ação Integralista Brasileira (AIB). Em 1936, prestou concurso para a Faculdade de Medicina, conquistando a livre-docência para a cadeira de Ortodontia e Odontopediatria. Lecionou na Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre, na PUCRS e na UFRGS. Em 1951, foi empossada na Academia Brasileira de Odontologia, no Rio de Janeiro (RJ). Casada com o médico, professor universitário e funcionário do Banco Inglês Efraim Wagner.

Quadro adaptado de Petró (2012, 2016)

Compreender o perfil das mulheres que criaram a ALFRS, seu pertencimento a uma classe média urbana, escolarizada, atuante profissionalmente e com certo relevo social é um aspecto importante para que as escolhas editoriais presentes em *Atenéia*, a serem analisadas nos capítulos seguintes, tenham uma dimensão contextual adequada.

Cada acadêmica ocupa uma cadeira, constituindo um grupo de membros efetivos que representam o corpo literário da instituição. Com o passar do tempo, associadas também passaram a ser aceitas. Conforme Petró (2012, 2016), inicialmente, a Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul possuía 20 cadeiras, que prestavam homenagem póstuma a mulheres que haviam se destacado no meio literário ou por aspectos de sua vida pessoal e profissional. Em 1948, tal número foi ampliado para 40 cadeiras, seguindo a tradição das academias francesas. No quadro a seguir, são apresentadas as 40 patronas da ALFRS e as respectivas ocupantes da primeira geração.

Quadro 2 – Patronas da ALFRS e primeira geração de acadêmicas²³

Cadeira	Patrona	Acadêmica
1	Delfina Benigna da Cunha (1791-1857) – Poeta, cega e primeira mulher a editar no Brasil	Lydia Moschetti (1898-1982) – Fundadora da ALFRS, poeta, romancista e memorialista
2	Julieta de Melo Monteiro (1860-1928) – Poeta e diretora do periódico <i>Corymbo</i> ²⁴	Aura Pereira Lemos (1899-1951) – Fundadora da ALFRS, poeta
3	Prisciliana Duarte de Almeida (1867-1944) – Poeta e autora didática	Stella Brum (1915-1986) – Fundadora da ALFRS, poeta e declamadora
4	Carmen Cinira (do Carmo Bordini Cardoso) (1902-1933) – Poeta	Alzira Freitas Tacques (1911-1976) – Fundadora da ALFRS, poeta e pesquisadora
5	Luciana de Abreu (1847-1880) – Conferencista, feminista e professora	Eudóxia Assumpção de Almeida (1887-1969) – Professora e conferencista
6	Amália dos Passos Figueroa (1845-1870) – Poeta	Aracy Fróes (1907-1977) – Fundadora da ALFRS, poeta
7	Celina Martins (1901-1936) – Poeta	Beatriz Regina Fortunatti – (?-?) Fundadora da ALFRS, professora, musicista
8	Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) – Romancista, novelista, contista	Suely de Freitas Prunes (1912-1968) – Teatróloga, prosadora

²³ Uma análise mais detalhada dos aspectos biográficos das patronas e da primeira geração de acadêmicas certamente contribuiria para novos aprofundamentos e abordagens acerca do tema em questão, especialmente sobre a posição institucional da ALFRS. No entanto, as documentações consultadas até o momento não expressam dados mais aprofundados sobre a relação entre as patronas e a primeira geração de acadêmicas, de modo a tornar mais clara a compreensão das escolhas feitas. Portanto, para evitar incorrer em inferências breves, optei por utilizar as referências já disponíveis acerca desse grupo de mulheres.

²⁴ Esse periódico já foi referido na seção anterior, com maior detalhamento sobre o seu perfil e a atuação das irmãs Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo como diretoras do impresso.

9	Ana Cândida Alvim (1854-1934) – Professora, poeta romancista	Aurora Nunes Wagner (1899-1973) – Fundadora da ALFRS, poeta
10	Francisca Prager Fróes (1872-1931) – Médica, feminista, poeta	Herma Bayer Schüller (1894-1954) – Médica, feminista, poeta, romancista
11	Andradina de Andradas Oliveira (1864-1935) – Feminista, jornalista	Otília de Oliveira Chaves (1897-1983) – Farmacêutica, educadora, escritora
12	Revocata Heloísa de Melo (1853-1944) – Dramaturga, diretora do <i>Corymbo</i>	Universina de Araújo Nunes (1899-1954) – Professora, romancista, novelista
13	Cândida Fortes de Oliveira Brandão (1862-1922) – Professora, contista	Natércia Cunha Veloso (1892-1922) – Professora, poeta, musicista
14	Marinha Noronha (1865-1945) – Professora, charadista, articulista	Noemy Valle Rocha (1889-1978) – Médica, folclorista, articulista, cronista
15	Carolina von Koseritz (1865-1922) – Tradutora, germanófila	Maria von Bassewitz Cesar (1904-1977) – Advogada, ensaísta, conferencista
16	Iolanda Licio Rizzo (1925-1945) – Poetisa, acadêmica de Direito	Déa Rodrigues de Figueiredo (1920-2009) – Professora, escritora, poeta
17	Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) – Feminista, romancista	Jenny Seabra de Souza (1884-1957) – Professora, articulista, ensaísta
18	Antonieta Lisboa Saldanha Lins (1893-1949) – Professora, poeta	Carmen Cunha Vianna (1919-1998) – Professora de dicção, teatróloga, poeta
19	Irene Ruperti (de Santa Helena) (1908-1946) – Poeta	Maria Belmonte Rheindolff (1911-1986) – Professora, poeta, pintora
20	Eunice (Utinguassú) Tavares (1919-1953) – Conferencista, poeta, cronista	Heloísa Assumpção Nascimento (1915-2005) – Professora universitária, romancista
21	Vivita Cartier (1893-1919) – Poeta	Selene Medeiros (1914-199?) – Poeta, declamadora, conferencista, concertista

22	Lola de Oliviera (1889-1965) – Poeta, tradutora	Helena Crespo Duarte (1920-1983) – Advogada, poeta, pedagoga
23	Ada Macaggi Bruno Lobo (1906-1947) – Poeta, declamadora, musicista	Anna Luiza Teixeira (1916-2006) – Professora, poeta, compositora
24	Maria Eduarda Alencastro Massot (1884-1959) – Contista, conferencista	Hecilda Clark (1897-1990) – Jornalista, teatróloga, escritora
25	Esther Squeff da Silva (1910-1934) – Poeta	Diva Machado Pereira Kaastrup (1915-1983) – Pesquisadora, radialista
26	Lila Ripoll (Guedes) (1905-1964) – Poeta, musicista, teatróloga	Aracy Dantas de Gusmão Perillo (1895-1980) – Poeta, declamadora
27	Lúcia (Vera) Miguel Pereira (1901-1959) – Romancista, ensaísta	Maria Isaura Medeiros Gameiro (1914-2007) – Professora, conferencista
28	Cecília Meireles (Benevides de Carvalho) (1901-1964) – Poeta, pedagoga	Lia Corrêa (1908-1997) – Poeta
29	Emília Rosa de Marsillac Fontes (1871-1953) – Poeta, contista	Lydia Jersak Martins (1913-1973) – Professora, poeta
30	Maria Eugênia Celso Carneiro de Mendonça (1886-1963) – Poeta, contista	Ana Luiza Bueno Simas (1926-1963) – Professora, poeta, declamadora
31	Ana (Patricia) Cesar (Vieira Rodrigues) (1864-1942) – Feminista, cronista	Teresinha M. Dieckmann Turcato (1930-1998) – Poeta, cronista, declamadora
32	Rita Barém de Melo (1840-1868) – Poeta, declamadora	Maria Eunice Müller Kautzmann (1924-2014) – Poeta, genealogista
33	Colleta da Silva Müller (?-?) – Poeta	Teresinha Odete Pinto (1929-?) – Poeta e escritora

34	Iveta Ribeiro (1886-1963) – Poeta, cronista, pintora, dramaturga, radialista	Branca Barbosa Maia (1904-2003) – Poeta, contista e artista plástica
35	Francisca Julia da Silva Münster (1871-1920) – Poeta	Honorina Figueiroa Bittencourt (1895-1986) – Poeta, jornalista
36	Amália Cagnoto (1895-1951) – Poeta, romancista	Berta Loforte Gonçalves (1885-1973) – Poeta, cronista, dramaturga
37	Yde (Adelaide) Schloenbach Blumenschein (1882-1963) – Poeta, feminista	Maria da Rocha Poças (1919-1999) – Contista, poeta, escritora de literatura infantil
38	Raquel Prado (1891-1943) – Cronista, poeta	Virginia Michelin (1910-1988) – Cronista, poeta
39	Leonor Castellano (1899-1969) – Contista, cronista	Heloísa Dias de Mello (1902-1969) – Escritora, tradutora, pesquisadora
40	Ana Aurora de Amaral Lisboa (1860-1951) – Educadora, dramaturga	Camila Furtado Alves (1880-1962) – Pedagoga, radialista, conferencista

Quadro elaborado pela pesquisadora a partir de informações disponibilizadas em publicações recentes da ALFRS, como os livros *Presença Literária* e *Casa de Noemy Valle Rocha*

As patronas da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul não se destacam apenas por sua produção como poetas, contistas, romancistas, cronistas e ensaístas. No âmbito público, elas tiveram diferentes participações, seja como monarquistas/republicanas, abolicionistas, sufragistas ou feministas. Também exerceram profissões como educadoras, ecologistas, jornalistas e editoras, além de uma série de outras atividades pelas quais se tornaram (re)conhecidas, tanto em seu tempo quanto no futuro.

Vale ressaltar que a escolha dessas patronas, como forma de homenageá-las, reflete alguns critérios de relevância para o grupo de mulheres que, pouco a pouco, ocupou as 40 cadeiras da ALFRS em sua primeira geração. E diz, ainda, da

importância desse conjunto sob uma ótica institucional, evidenciando características e atuações às quais a entidade almejou vincular a sua trajetória.

3.4 “ATENÉIA, EIS QUE SURGES SOBRANCEIRA...”²⁵

A ata lavrada em 6 de dezembro de 1948 registra as providências para concretizar o propósito de oferecer à ALFRS um periódico que acolhesse as produções literárias de suas acadêmicas e colaboradoras. A associada Natércia Cunha Veloso foi indicada para a direção da revista (ACADEMIA, 1948, p. 22), na gestão da presidente Aurora Nunes Wagner, identificada por Petró como “a grande responsável pela efetivação e continuidade da revista *Atenéia*” (PETRÓ, 2016, p. 47).

De fato, a trajetória de Aurora e da revista estão intimamente entrelaçadas. Desde a primeira à última edição, seu nome comparece no Expediente como uma das diretoras da publicação. É o único que se manteve ao longo de 23 anos: por vezes, citada como diretora-gerente; em outras, dividindo a diretoria com outras acadêmicas. Tal relação se desenvolveu de forma tão simbiótica que *Atenéia* foi lançada no ano seguinte à assunção de Aurora ao cargo de presidente da ALFRS. E seu último número circulou em 1972, meses antes do falecimento de sua principal incentivadora, em 08 de junho de 1973.²⁶

Conforme referido anteriormente, Aurora Nunes Wagner foi uma das fundadoras da instituição literária. Gradou-se em Odontologia na Faculdade de Medicina de Porto Alegre e dedicou-se também ao ensino universitário na área, desenvolvendo sua carreira por meio de cursos e viagens de especialização. A certa altura de sua trajetória, optou por aproximar-se da política e pleiteou uma vaga na Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul pela Ação Integralista Brasileira (AIB), em 1934. Dividida entre a atividade docente e o atendimento em consultório dentário, sua produção escrita se concentrou na área de sua atuação

²⁵ Excerto do poema escrito por Aurora Nunes Wagner, com título homônimo à revista, publicado na primeira edição e reproduzido na abertura dessa dissertação.

²⁶ Conforme Petró (2016), a partir de informações referenciadas em atas da Academia, quando Aurora Nunes Wagner faleceu, foi realizada uma sessão extraordinária com o objetivo de eleger a sua substituta. No entanto, os documentos registram que, na sessão seguinte, os relatos de dificuldades de ordem financeira e de equipe, enfrentados há algumas edições, se tornariam agravados pelo falecimento da fundadora e principal patrocinadora do impresso. Desse modo, as acadêmicas optaram pela suspensão do periódico.

profissional e em um livro de poesias, intitulado *Prelúdio*, lançado em 1946 (PETRÓ, 2012). Além, é claro, da dedicação a *Atenéia*.

O nome de Aurora esteve presente em 46 das 48 edições como integrante do Guia Profissional, página de anúncio de profissionais liberais, como médicos, dentistas e arquitetos, presente na publicação. O nome e o endereço do arquiteto Hélio Nunes Wagner também comparecem em algumas edições, inclusive em espaços de anúncios maiores. Não foram encontradas informações que relacionem o parentesco entre os dois, mas, pelo sobrenome e pela proximidade do círculo, pode-se inferir que eram irmãos. E, portanto, que o esforço da principal articuladora da existência do periódico em garantir a sua sobrevivência, também por meio de anúncios, envolvia o investimento de recursos financeiro próprios e de pessoas conhecidas, valendo-se de sua rede de sociabilidades.

Foi, portanto, com a mobilização e o envolvimento dessa personagem central que o impresso veio a público. Após os primeiros movimentos de organização, em 22 de abril de 1949, a temática compareceu novamente às atas, com a definição das responsáveis pela gerência do impresso e o encaminhamento das questões necessárias à produção do material (ACADEMIA, 1949, p. 23). No relato datado de 18 de junho, a revista é referida como “o projeto máximo da Academia” (ACADEMIA, 1949, p. 25). A constituição de uma comissão para tratar da impressão e da solicitação de custos menores, por meio de contato com o diretor da Imprensa Oficial, foi tratada na reunião de 13 de agosto (ACADEMIA, 1949, p. 27).

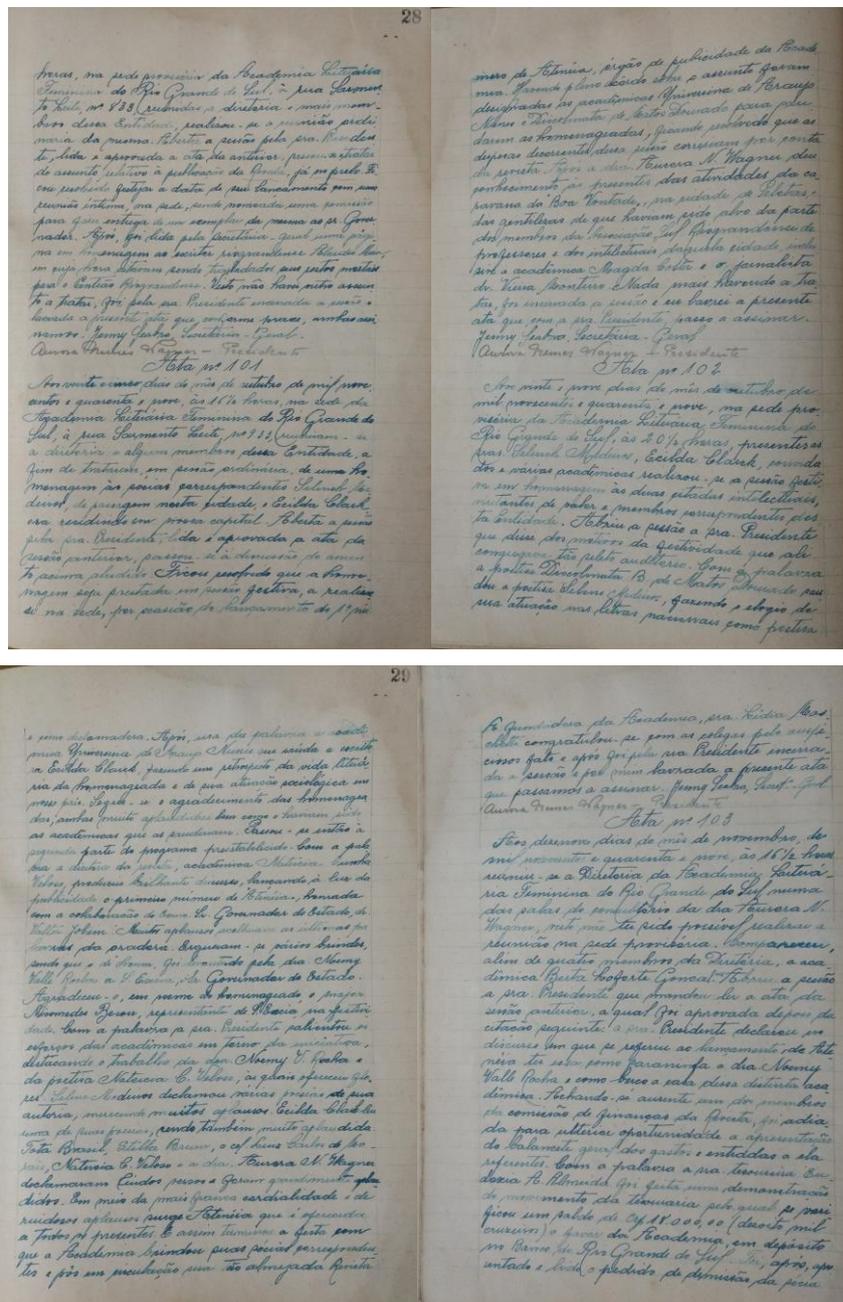
Por fim, a ata da reunião de 25 de outubro daquele ano registra a organização de um encontro festivo na instituição, para celebrar o lançamento de *Atenéia*, que acabou se concretizando quatro dias depois, quando a Academia “pôs em circulação sua tão almejada revista” (ACADEMIA, 1949, p. 28 e 29).

O primeiro exemplar apresentou um artigo nomeado *Preâmbulo*, assinado pela direção da ALFRS, que pode ser compreendido como um editorial inaugural, explicitando os motivos e as aspirações do periódico que ali se apresentava. O texto definiu a revista como

[...] o receptáculo do pensamento das suas componentes, numa prestação de contas ao solene compromisso de posse, ao prometermos tudo envidar pelo engrandecimento das letras femininas e pela grandeza e ascensão da Academia. (ATENÉIA, 1949, nº1, out., p. 3)

A mensagem destacava ainda que não era preciso trazer muitas explicações, pois, por se tratar de revista de uma Academia de Letras, suas origens tornavam implícita a sua finalidade. Logo a seguir, retomarei essa questão, apresentando elementos que podem ampliar o debate sobre tal definição, que se mostra tão hermética. Antes disso, porém, coloco em análise a escolha do nome, *Atenéia*. Em diferentes manifestações explícitas ao longo da primeira edição, são encontradas referências à deusa grega e ao seu significado mitológico.

Figura 8 – Atas de lançamento de *Atenéia*



Acervo da ALFRS – Imagens produzidas pela pesquisadora

Conforme o Dicionário de Mitologia Grega e Romana (2008), de Mario da Gama Kury, Atena é filha de Zeus com Métis. Alertado por Urano e Gaia de que, se a menina nascesse, ela roubaria o seu trono, ele decidiu engolir a mulher grávida. No entanto, Atena nasceu de sua cabeça, já adulta e armada, “emitindo um grito de guerra que abalou a terra e o próprio céu” (KURY, 2008, p. 50).

Ela conquistou o direito de permanecer virgem e lutou entre os deuses e os gigantes, inspirando a bravura nos heróis, o que lhes permitia realizar façanhas. Além disso, “favorecia as manifestações de inteligência, sendo considerada no mundo grego – principalmente em Atenas, sua cidade preferida – a deusa protetora das atividades filosóficas em particular e literárias em geral” (KURY, 2008, p. 50).

Desse modo, sua relação com o universo das artes e dos saberes, bem como a perspectiva de uma deusa guerreira e virtuosa, são significados que podem ser associados ao nome escolhido. Tornam clara a mensagem que as acadêmicas pretendiam transmitir, associada à autonomia feminina e às aspirações intelectuais.

Voltando à finalidade do impresso acima mencionada, creio que é importante destacar a definição que se apresenta no Sumário, logo após o título da revista. Desde o primeiro número, em 1949, até a edição de número 41, que circulou no segundo semestre de 1965, a definição era: *Órgão de Intercâmbio Cultural e de Defesa dos Interesses da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul*.

Nas edições 42 e 43, 44 e 45, 46 e 47, 48 e 49, que vão de 1966 a 1969, o subtítulo se modifica, com o acréscimo de algumas palavras. Apresenta-se, portanto, como *Revista Cultural da A.L.F e Órgão de Intercâmbio Cultural e de Defesa dos Interesses da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul*. Nos últimos números, que contemplam as edições 50 e 51, 52 e 53, e 54 e 55, dos anos de 1970 a 1972, há uma mudança mais significativa. O subtítulo passa a ser *Revista de Intercâmbio Cultural e Divulgação da Academia Literária Feminina do R.G.S*.

Os termos utilizados para descrever o impresso levam a pôr em suspenso a afirmação de que a finalidade do periódico estava clara por se tratar de uma publicação de uma Academia de Letras. A análise do subtítulo permite sugerir que o propósito de legitimar a existência da ALFRS, de conferir-lhe um estatuto de entidade atuante, mobilizada e inserida no contexto sociocultural da época, inclusive por uma perspectiva de gênero, é uma das atribuições da publicação.

Curioso observar que, durante a maior parte da existência do periódico, o termo *revista* não comparece em sua definição. Passa a fazer parte somente nos

últimos quatorze números (que representam sete edições), acompanhando também algumas transformações em relação à apresentação gráfica e à concepção textual, a serem discutidas nas próximas seções. E, somente nas três edições finais o subtítulo que prevaleceu durante a maior parte de sua existência foi retirado.

É possível pensar, para além das transformações editoriais em curso no período, sobre a relação das editoras do periódico com a Academia. As primeiras pertenceram à geração de fundadoras da ALFRS, o que pode ter contribuído para que intencionassem uma referência institucional mais explícita. Já ao final do ciclo de *Atenéia*, o grupo de mulheres à frente da revista pertencia, em grande medida, a uma segunda geração (apesar da vinculação constante de Aurora Nunes Wagner). Suas escolhas editoriais podem ter sido no sentido de procurar ampliar os horizontes da publicação, fortalecendo o seu conceito editorial como o de uma revista cultural.

Sem descuidar dessa perspectiva institucional e das suas implicações no impresso, na seção seguinte me detenho na análise da empiria, sob o viés da materialidade, da apresentação gráfica e de atributos de produção e circulação.

4. APROXIMAÇÕES À EMPÍRIA: CARACTERÍSTICAS DA MATERIALIDADE

“Claro que um livro é mais do que
a soma de seus materiais.

É um artefato da mente e da mão humanas.”

(BROOKS, 2008)

As correspondências das mais diversas partes do país, e até mesmo do exterior, não param de chegar. São mulheres que estão acompanhando o nosso trabalho e querem se tornar ainda mais próximas de Atenéia. Temos avançado horas a fio em algumas madrugadas redigindo respostas a cada uma das cartas, organizando as publicações recebidas e distribuindo as tarefas entre as nossas colaboradoras. Logo teremos de empreender uma atualização na apresentação gráfica da publicação e já conversamos com profissionais que podem nos auxiliar nessa tarefa. O trabalho é intenso, mas recompensador.

Durante os 23 anos em que circulou, *Atenéia* apresentou continuidades e transformações em relação à sua materialidade, foco dessa seção. Caracterizada por manter o mesmo formato ao longo de sua existência, a publicação passou por mudanças na apresentação gráfica decorrentes de inovações tecnológicas e dos modelos editoriais vigentes em cada período.

O mapeamento de tais aspectos se insere no âmago dos propósitos dessa dissertação, de analisar as intervenções editoriais vinculadas às práticas de escrita e de leitura propostas pela revista, sob um contexto institucional. Para esse objetivo, o aporte teórico principal é o de Roger Chartier, pesquisador francês que se apresenta como um estudioso, principalmente, da história da leitura. Inspirado em Michel de Certeau, ele considera impossível fazer uma história dos livros sem os seus leitores, ou seja, sem avançar no campo das práticas:

Essas práticas serão definidas de modo a incluir as relações com os objetos impressos (que não se restringem absolutamente aos livros) e com os textos com os quais, desse modo, os leitores se deparam. (CHARTIER, 1992, p. 212)

Outro referencial importante é o historiador e bibliotecário norte-americano Robert Darnton, que procuro colocar em diálogo com Chartier nesta e na próxima seção. Embasada por esses dois autores, de modo a compreender como a materialidade contribui para a elaboração dos sentidos atribuídos aos textos pelos leitores, dedico-me inicialmente a discorrer sobre as características físicas do impresso estudado.

4.1 VISÃO GERAL DOS ASPECTOS GRÁFICOS

No período de sua existência, entre 1949 e 1972, o formato padrão adotado pela revista *Atenéia*, de 16,5cm x 23,5cm, se manteve estável. Alguns exemplares apresentaram uma diferença de milímetros para mais ou para menos, o que parece estar mais vinculado a uma questão de acabamento gráfico do que a uma decisão editorial.

O suporte assemelha-se a um modelo bastante tradicional de circulação de livros, tanto na época quanto ainda hoje, com dimensões de 14cm x 21cm. Esse modelo proporciona uma melhor utilização do papel no processo de composição/impressão e, conseqüentemente, permite uma redução de custos.

Para além dessa aproximação mais imediata e relacionada a aspectos financeiros, é possível inferir uma intenção conceitual. Como uma publicação dedicada a defender os interesses de uma academia literária, o fato de a revista aproximar-se do formato de um livro remete imediatamente ao propósito institucional. O suporte com as dimensões acima referidas pode ser colocado na estante e integrar-se em harmonia ao cenário literário. Presta-se, inclusive, à formação de uma coleção, sugerida não apenas pelo formato, mas também por aspectos textuais. Essa descrição se aproxima da definição proposta por Frederico Porta, autor do Dicionário de Artes Gráficas (1958), na qual *coleção* é uma “série de livros, de estilo tipográfico uniforme e agrupados sob um título coletivo, segundo certas afinidades de assuntos ou critério editorial” (PORTA, 1958, p. 82).

Em sua proposta material, que é o foco dessa primeira aproximação, *Atenéia* difere muito, portanto, de um magazine ou de um hebdomadário. A característica física com a qual se apresenta às leitoras propõe uma experiência muito semelhante à leitura de um livro. E, de certo modo, reveste-se também de um significado adicional para as acadêmicas e colaboradoras, muitas das quais não conseguiam

publicar suas obras, e vislumbravam na revista uma possibilidade aproximada de realizar esse anseio literário.

Para Chartier, “o significado do texto, seja canônico ou comum, depende das formas que o tornam possível de ler, ou seja, das diferentes características da materialidade da palavra escrita” (CHARTIER, 2014, p.20). Em outras palavras, as formas nas quais os textos se apresentam à leitura são constitutivas de seus significados, construídos na “relação de cada comunidade interpretativa com a cultura escrita” (CHARTIER, 2014, p.47). Um texto, em um livro, não é o mesmo em uma revista, tampouco na tela. Até mesmo as diferentes edições de uma publicação que, em tese, seriam iguais, não preservam o sentido de estabilidade.

Cada pequena escolha relativa à materialidade, produzida pelos agentes envolvidos no processo editorial, comunica uma nova informação, desperta novas percepções no leitor, que também está em constante transformação. É válido lembrar, no entanto, que são decisões contingentes e provisórias, a serem historicizadas sob o ponto de vista das condições técnicas e dos contornos sociais e culturais nos quais estão inseridas.

Em relação ao número de páginas, a revista apresentou uma oscilação significativa: enquanto que, em 1949, as quatro primeiras edições contaram com 120 páginas (alcançando 124 no segundo número), esse volume foi sendo reduzido ao longo dos anos seguintes, chegando a 100, 96, 64 e 56 páginas, em 1958.

Em 1966, o periódico experimentou um novo aumento na quantidade de cadernos, voltando a ter entre 76 e 104 páginas nos anos seguintes. Tal modificação ocorreu no mesmo momento em que um único exemplar passou a contemplar dois números da revista, o que pode explicar a necessidade de ampliação do espaço disponível para acomodar os conteúdos previstos.

Além das alterações no número de páginas, a periodicidade do impresso também indicou mudanças. Se, entre 1949 e 1958, a revista circulava a cada três ou quatro meses, tornou-se semestral em 1959 e anual a partir de 1966, quando duas edições passaram a dividir o mesmo número, conforme referido antes.

No quadro a seguir, apresento um resumo das informações descritas até aqui, organizadas de modo a facilitar a visualização dos dados.

Quadro 3 – Descrição ampla da materialidade da revista *Atenéia*

Ano	Número da edição	Período	Número de páginas
I	1	Outubro de 1949	120
I	2	Janeiro a março de 1950	124
I	3	Abril a junho de 1950	120
I	4	Julho a setembro de 1950	120
II	5	Janeiro a março de 1951	104
II	6	Maio a julho de 1951	104
III	7	Agosto a dezembro de 1951	100
III	8	Janeiro a abril de 1952	100
III	9	Maio a agosto de 1952	100
III	10	Setembro a dezembro de 1952	100
III	11	Janeiro a março de 1953	100
III	12	Abril a junho de 1953	96
IV	13	Janeiro a março de 1954	96
IV	14	Abril a junho de 1954	96
V	15	Outubro a dezembro de 1954	96
V	16	Janeiro a abril de 1955	64
V	17	Junho a agosto de 1955	64
VI	18	Setembro a dezembro de 1955	64
VI	19	Janeiro a abril de 1956	64
VI	20	Maio a agosto de 1956	64
VII	21	Setembro a dezembro de 1956	64

VII	22	Janeiro a abril de 1957	64
VII	23	Maio a agosto de 1957	64
VIII	24	Outubro a dezembro de 1957	64
VIII	25	Janeiro a abril de 1958	64
VIII	26	Maio a agosto de 1958	64
IX	27	Setembro a dezembro de 1958	56
IX	28	Janeiro a junho de 1959	56
X	29	Julho a dezembro de 1959	56
XI	30	Janeiro a junho de 1960	56
XI	31	Junho a dezembro de 1960	56
XII	32	Janeiro a junho de 1961	56
XIII	33	Junho a dezembro de 1961	56
XIII	34	Janeiro a junho de 1962	56
XIV	35	Julho a dezembro de 1962	56
XV	36	Janeiro a junho de 1963	56
XV	37	Julho a dezembro de 1963	56
XV	38	Janeiro a junho de 1964	56
XV	39	Julho a dezembro de 1964	56
XVI	40	Janeiro a junho de 1965	56
XVI	41	Julho a dezembro de 1965	56
XVII	42 e 43	1966	76
XVIII	44 e 45	1967	76
XIX	46 e 47	1968	104

XX	48 e 49	1969	80
XXI	50 e 51	1970	88
XXII	52 e 53	1971	72
XXIII	54 e 55	1972	84

Quadro elaborado pela pesquisadora

As variações evidenciadas tanto na periodicidade quanto no número de páginas podem refletir diferentes questões vinculadas à produção de um impresso: a dificuldade em reunir contribuições literárias em volume suficiente para compor uma edição com maior número de páginas, os entraves operacionais e produtivos (tempo para edição, disponibilidade de tipografia) e disponibilidade de recursos financeiros para composição e impressão.

Gerenciar todos esses aspectos e deliberar sobre os caminhos possíveis de serem trilhados era tarefa das editoras responsáveis pelo periódico. Pelo menos duas iniciativas foram mapeadas no intuito de solucionar questões vinculadas aos possíveis entraves de publicação: a promoção do *Concurso Literário de Atenéia* e o *Grande Concurso Pró Mil Assinaturas de Atenéia*.

Lançada na edição de número 6 (maio a julho de 1951), a primeira iniciativa continuou a ser divulgada nas páginas da revista até a edição de número 11 (primeiro trimestre de 1953). Neste número, o anúncio do concurso não compareceu em seu formato original, mas como um aviso de prorrogação de prazos a pedido de interessados em participar. Na edição seguinte (segundo trimestre de 1953), foi publicado um aviso de que somente aquele número seria divulgado no ano corrente, devido ao encarecimento do papel e da mão de obra, e ao empenho de recursos para aquisição da sede própria.

O anúncio do concurso aceitava os gêneros poesia e conto, instituía as regras de envio do texto, o valor da taxa de inscrição e os critérios para premiação, que previa uma quantia em dinheiro. No entanto, após a última chamada, não foi encontrada nenhuma referência, nas edições seguintes, acerca dos resultados. Os leitores não são informados do número de inscritos, se houve alguma cerimônia de premiação ou se o concurso não surtiu efeitos.

De todo modo, a iniciativa se insere em uma estratégia editorial sob dois aspectos: o primeiro, de tornar a instituição conhecida e de mobilizar pessoas interessadas em compor a rede de sociabilidades empreendida pela ALFRS. No regulamento, não estava claro se os textos vencedores serão publicados em *Atenéia*. Ainda assim, a organização de um concurso e a oferta de um prêmio em dinheiro poderiam despertar interesse em manter um vínculo duradouro com a instituição e o impresso. O segundo item se refere ao próprio investimento financeiro decorrente das inscrições que, poderia auxiliar a Academia a cobrir despesas, entre elas, a de produção da revista.

Figura 9 – Regulamento do Concurso Literário de Atenéia

Número 6, 1951, página 103

ATENÉIA 103

Concurso Literário de Atenéia

Recorte o cupom abaixo e habilite-se ao concurso instituído por nossa revista.

O assunto versará sobre o melhor "conto" e a melhor "poesia" de autora brasileira (clássica ou modernista).

Esse concurso será feito sob as seguintes bases:

- 1.º Só poderão concorrer autoras nacionais.
- 2.º Os originais inéditos serão enviados à redação de "Atenéia", em dois exemplares datilografados, em espaço duplo, constando de três poesias e dois contos, devendo estes ter, no mínimo 15 páginas datilografadas. Os originais serão assinados sob pseudônimo, devendo acompanhá-los, em envelope fechado, o nome do autor.
- 3.º Haverá uma taxa de inscrição de vinte cruzeiros (cheque ou vale postal).
- 4.º Os prêmios serão de dois mil cruzeiros, divididos entre os trabalhos em prosa e verso que alcançarem o 1.º lugar.
- 5.º A Academia organizará uma "comissão julgadora". Dois membros sairão dessa entidade e dois serão convidados na Academia Riograndense de Letras, devendo a presidente de ambas ser a Presidente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul.
- 6.º Havendo dois trabalhos em igualdade de classificação será feita nova prova, sob as mesmas condições.
- 7.º O concurso fica aberto a contar da data desta publicação e os trabalhos só serão aceitos até 31 de dezembro próximo.
- 7.º A entrega dos prêmios será feita em sessão pública.

C U P O N

Pseudônimo

Gênero do trabalho

Data da inscrição

LIVROS RECEBIDOS

"DEDO MINGUINHO" — Crônicas de Annete Correia Mattos — Espírito Santo — Vitória.

"BANDEIRANTES" — História — Olyntho Sanmartin — Pôrto Alegre — R. G. do Sul.

"A FORMIGA E A ESTRÉLA" — Angélica Plaza — Melo — Uruguai.

"MEUS PRIMEIROS ENSAIOS DE PSIQUIATRIA" — Vicente de Paulo Resende — Ensaio — Rio de Janeiro — 1947.

Por sua vez, o *Grande Concurso Pró Mil Assinaturas de Atenéia* foi divulgado entre a edição 3 (abril a junho de 1950) e a edição 15 (outubro a dezembro de 1954), com apenas uma interrupção no número 12 (segundo trimestre de 1953). O regulamento inicial detalhou a premiação em dinheiro oferecida aos participantes e incluiu o aviso de que o concurso seria finalizado em 31 de dezembro de 1950. No entanto, nas edições seguintes, o texto foi alterado: primeiro, indicando a prorrogação até dezembro de 1951. E, depois, retirando qualquer referência a data, visto que se estendeu até 1954.

Figura 10 – Regulamento do *Grande Concurso Pró Mil Assinaturas de Atenéia*
Número 7, 1951, página 102

GRANDE CONCURSO PRÓ MIL ASSINATURAS DE "ATENÉIA"

Leitor amigo, inscreve-te no concurso pró mil assinantes de nossa revista, angariando assinaturas entre os teus conhecidos.

Qualquer pessoa pode fazer parte do concurso, quer seja ou não acadêmica. É suficiente enviar os nomes de cada novo assinante, endereço e as respectivas importâncias.

Serão distribuídos os seguintes prêmios aos vencedores:

1.º lugar — Cr\$ 500,00.
2.º lugar — Cr\$ 300,00.
3.º lugar — Cr\$ 200,00.

Dirigir-se à Administração e Gerência de Atenéia
Edifício Grau — 4.º andar — Sala 32

RELAÇÃO DOS CONCURRENTES:

Lola Santos	150 assinaturas	Ionor Lisboa	2 assinaturas
Zaida Marini	90 "	Ivone Dienstmann	2 "
Heloisa Fagueira	44 "	Anita Gonzales	2 "
Isaura Gameiro	20 "	Herma Schuller	2 "
Léa de Alvear	11 "	Alzira Tacques	2 "
Maria Francisca Savi	10 "	Diocómata Dourado	1 assinatura
Ondina Soares	10 "	Jacira Sucasas	1 "
Lydia M. da Fonseca	9 "	Maria Bassewitz Cesar	1 "
Lydia Moschetti	8 "	Palmira Rache	1 "
Sônia Maria	7 "	Eulália Selbach	1 "
Universina Araújo	7 "	Suely Prunes	1 "
Geni Maria Gobbi	6 "	Miss Ash	1 "
Déa Figueiredo	5 "	Corina Paz	1 "
A. R. F.	4 "	Élitas Domit	1 "
Jane Maria	4 "	Cândida S. Galeno	1 "
Zilda Madureira	3 "	Cora Torres Maia	1 "
Maria Stella de Novaes	3 "	Berta L. Gonçalves	1 "
Otilia Chaves	3 "	Virginia Tamanini	1 "
Alaide Cazarré	2 "		

||| **Contribuir para a Casa da Mulher Intelectual** |||
é fazer obra social, educativa e patriótica

Assim como ocorreu com o *Concurso Literário*, não há menção, nas edições seguintes, sobre os resultados da iniciativa, tanto em relação a possíveis vencedoras quanto à meta de mil assinaturas²⁷. No caso dessa campanha, fica evidente o seu caráter financeiro, atrelado a uma ideia de perpetuidade: com a segurança das assinaturas, é possível planejar o futuro do periódico com um pouco mais de tranquilidade. Tal cenário repercute, inclusive, em decisões relacionadas a mudanças nos projetos gráfico e editorial, visto que representam um investimento a ser recuperado em médio e longo prazo.

Para Chartier (2002), os editores estão em uma posição de mediação cultural, associando texto e capacidade produtiva de uma determinada época. Segundo o autor, esse é um papel ambivalente: por um lado, os editores constituem o mercado e transformam o conteúdo que se quer transmitir em objetos duráveis; por outro, é preciso selecionar, classificar e, inevitavelmente, deixar livros (ou poesias, ou contos) de fora ao fazer essas escolhas. Portanto, a história da mediação editorial tem dupla trajetória: a dos textos com significações diferentes a partir da mudança das formas de sua feitura ou paginação, levando em consideração a instabilidade da relação com o suporte e com as práticas de leitura, e a da mudança da composição social e das expectativas culturais do público leitor.

Com *Atenéia*, esse contexto não foi diferente. Ainda em relação às escolhas editoriais relacionadas à apresentação gráfica, em seu conjunto é possível observar uma certa regularidade. Mas dois momentos de ruptura se evidenciaram: a partir de 1964, nas páginas internas, e a partir de 1970, na capa. Para além destes, algumas alterações sutis puderam ser identificadas, que demonstraram se associar a uma ideia de aprimoramento e continuidade do que já vinha sendo utilizado. Os recortes e as temporalidades por mim estabelecidos estão expostos a seguir.

Quadro 4 – Diferentes fases de apresentação gráfica

	Capa	Páginas internas
Fase 1	1949 a 1969	1949 a 1964
Fase 2	1970 a 1972	1965 a 1972

Quadro elaborado pela pesquisadora

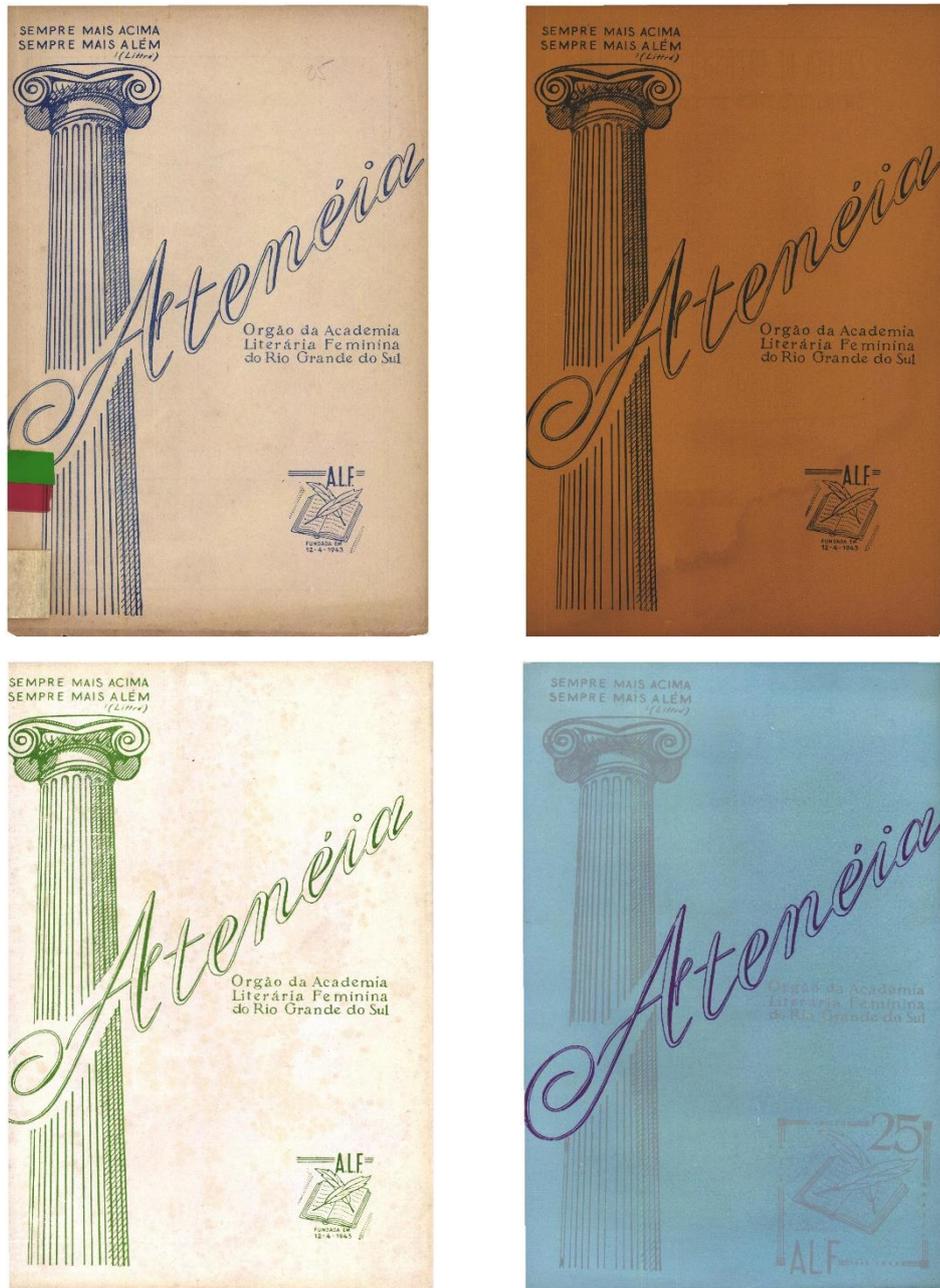
²⁷ De acordo com Petró (2016), o único registro encontrado em atas sobre esse assunto refere que a revista chegou a ultrapassar as 500 assinaturas. Não há outro dado mais específico sobre tiragem.

4.2 APRESENTAÇÃO GRÁFICA DA CAPA

Sob este enfoque, reúno alguns modelos de capas de *Ateneia* correspondentes ao que considero cada uma das fases anteriormente explicitadas para, logo depois, detalhar os elementos que compõem a página.

Figura 11 – Exemplos de capas – Fase 1

Edições de números 5 (1951), 16 (1955), 25 (1958) e 46 e 47 (1968)



Acervo da ALFRS – Imagens reproduzidas pela pesquisadora

Capa – Fase 1

No canto superior esquerdo, a inscrição *Sempre mais acima, sempre mais além*, em letras maiúsculas, com sua devida atribuição ao lexicógrafo e filósofo francês Émile Littré, citado entre parênteses.

Logo abaixo desta frase, ocupando toda a lateral esquerda da página, o desenho de uma coluna característica da arquitetura grega. Conforme as definições propostas por Robertson (2014), é possível depreender que se trata de uma representação do estilo jônico típico, cujo auge foi entre os séculos V e IV a.C. Com o propósito de compreender a escolha desta ilustração para compor a capa da revista, vale destacar uma de suas características mais relevantes: as volutas presentes no capitel (parte superior da coluna), “com suas extremidades livres enroladas formando espirais que pendem em cada lado do fuste” (ROBERTSON, 2014, p. 56). O autor completa que tais espirais possuem, usualmente, um botão no centro, sugerindo um formato de olhos. Segundo Vitruvius, arquiteto romano que viveu no século I a.C., os templos jônicos se associam à mulher, visto que as colunas possuem um aspecto mais esbelto e as volutas remetem a cachos de cabelos femininos, além de serem ornamentos graciosos e delicados.

Do centro desta coluna, parte a primeira letra de *Atenéia*, em uma inscrição que vai de uma lateral a outra, em diagonal ascendente, com uma grafia que remete ao manuscrito.

Abaixo do título principal, mais próximo da direita, encontra-se o subtítulo *Órgão da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul*, em letra de imprensa.

Por fim, o selo da instituição, constituído pela sigla A.L.F., uma imagem de um livro aberto e duas penas de escrita cruzadas, acrescido da data de fundação da instituição, localiza-se no canto inferior direito. Reúne, portanto, elementos visuais que contribuem para a atribuição de sentido, e vinculam o impresso à instituição que ele representa.

Em relação ao uso de cores, nesta primeira fase, tanto o fundo da capa quanto os elementos citados apresentaram algumas variações. No entanto, é possível constatar a predominância da capa branca/bege, com títulos e selo em azul ou verde.

Figura 12 – Exemplos de capas – Fase 2
Edições de números 52 e 53 (1971) e 54 e 55 (1972)



Acervo da ALFRS – Imagens reproduzidas pela pesquisadora

Capa – Fase 2

Compreende as três últimas edições da revista (1970, 1971 e 1972), caracterizando-se por uma reconfiguração total da capa.

O título da publicação ocupa a parte de cima, situado do centro para à direita da página, em fonte colorida, característica do período dos anos 1970, com um traçado sinuoso e tamanho de letras assimétrico.

Ao centro, reserva-se o espaço para uma fotografia, aplicada sobre uma cor de fundo.

Na parte inferior, à esquerda, mantém-se a frase de Émile Littré, em fonte imprensa, enquanto seu nome é grafado em maiúsculas. Essas inscrições são apresentadas em preto. Logo abaixo, encontram-se os números da referida edição.

O selo se localiza no canto inferior direito, preservando os mesmos elementos de composição que eram utilizados nas capas ao longo da fase anterior.

Ao analisar os aspectos gráficos do impresso, a começar pela capa, embasei minha reflexão em um apontamento do historiador e bibliotecário norte-americano

Robert Darnton (2010), ao discutir questões relacionadas à preservação de documentos. Ele defende que a digitalização é importante, mas jamais substitui a manutenção da materialidade original. O autor cita como exemplo a relação topográfica estabelecida pelos leitores com a capa de jornais como *The New York Times*, que “oferece um mapa para o que aconteceu ontem” (DARNTON, 2010, p.140). A ocupação do espaço gráfico, a escolha tipográfica e a utilização de imagens indicam quais são os assuntos principais e os secundários e qual a orientação de leitura. “Um diálogo implícito se desenvolve entre os produtores do mapa cognitivo e os consumidores que fazem uso dele” (DARNTON, 2010, p.141), adaptando-se às convenções de diagramação de cada época e às mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Percebo a capa de *Atenéia* como um indicativo, essencialmente, de sua imagem institucional, e não como uma referência ao conteúdo interno de cada edição. A longa duração da Fase 1, com elementos estáveis associa-se a um posicionamento da entidade e a determinadas escolhas conceituais. A citação de um intelectual (Émile Littré), a imagem referente às colunas jônicas (do templo de Atena), o subtítulo que evidencia a finalidade do impresso e o selo de fundação da ALFRS, com as penas cruzadas sobre o livro, compõem o contexto de identificação ao qual a Academia e a revista pretendem se associar.

Já a Fase 2, embora mais breve, inscreve-se também em um percurso de modernização dos recursos técnicos disponíveis e de opções mais variadas de impressão. É evidente que, a partir de então, a apresentação gráfica da capa passa a ser tratada sob um novo prisma – menos formal, mais colorido e descontraído. No entanto, é ainda a imagem institucional que prevalece, com fotos de homenagens às fundadoras e acadêmicas, bem como a manutenção do selo da entidade e a frase do intelectual francês Émile Littré.

4.3 ATRIBUTOS DAS PÁGINAS INTERNAS

Em continuidade à descrição da apresentação gráfica de *Atenéia*, dedico-me agora a uma demonstração das características das páginas internas, nos recortes temporais anteriormente estabelecidos. Apresento, a seguir, modelos que se referem à primeira e à segunda fases da revista, seguidos da descrição dos elementos característicos de cada etapa.

Páginas internas – Fase 1

O primeiro conjunto de constatações acerca dos aspectos gráficos e estilísticos de *Atenéia* integram o que estabeleci como Fase 1 do periódico. A seguir, ofereço à observação dos leitores do presente alguns exemplos emblemáticos de como as leitoras se depararam com as páginas.

Figura 13 – Exemplo de páginas internas – Fase 1
Número 8, 1952, página 77

ATENÉIA 77



IMPRESSÕES DE LEITURA

Escreve *Natércia Cunha Veloso*

Um Bispo Missionário, D. Fernando de Souza Monteiro C.M.

por *Maria Stella de Novaes* — Vitória — Espírito Santo

Feliz do escritor que tem ao seu cargo ser o porta-voz de uma edificante mensagem ao mundo, a este mundo de então, alheado dos caminhos que conduzem à paz e à harmonia entre os homens. Essa mensagem transborda da pena construtiva e idealística de *Maria Stella de Novaes*, a erudita mestra capixaba, considerada “a figura líder” da cultura feminina do Espírito Santo.

Stella descreve, em alentado volume de 266 páginas in-8.º, a vida e a obra de seu ilustre Tio *D. Fernando*, primeiro Bispo do Espírito Santo.

E’ um trabalho não somente rememorativo, mas principalmente de documentação histórica, de estatística religiosa, que muito deve à colaboração da Sra. *Maria Souza de Novaes Melo*, mãe da autora e irmã do preclaro biografado, que enfeixou, já em idade avançada, em apontamentos preciosos, ditados por privilegiada memória, a orientação indispensável à feitura de tão metucioso estudo, descritivo da vida do operoso sacerdote desde a infância, ordenação, até a morte, sempre consagrada ao bem e à caridade divina. E pormenoriza os catorze anos de um apostolado ininterrupto de piedade e de fé cristã que transformaram uma diocese quase ímpia e indiferente aos apêlos do céu numa leira vicejante de frutos, consubstanciados em asilos, colégios, paróquias, um clero piedoso e culto e um elevado patrimônio material.

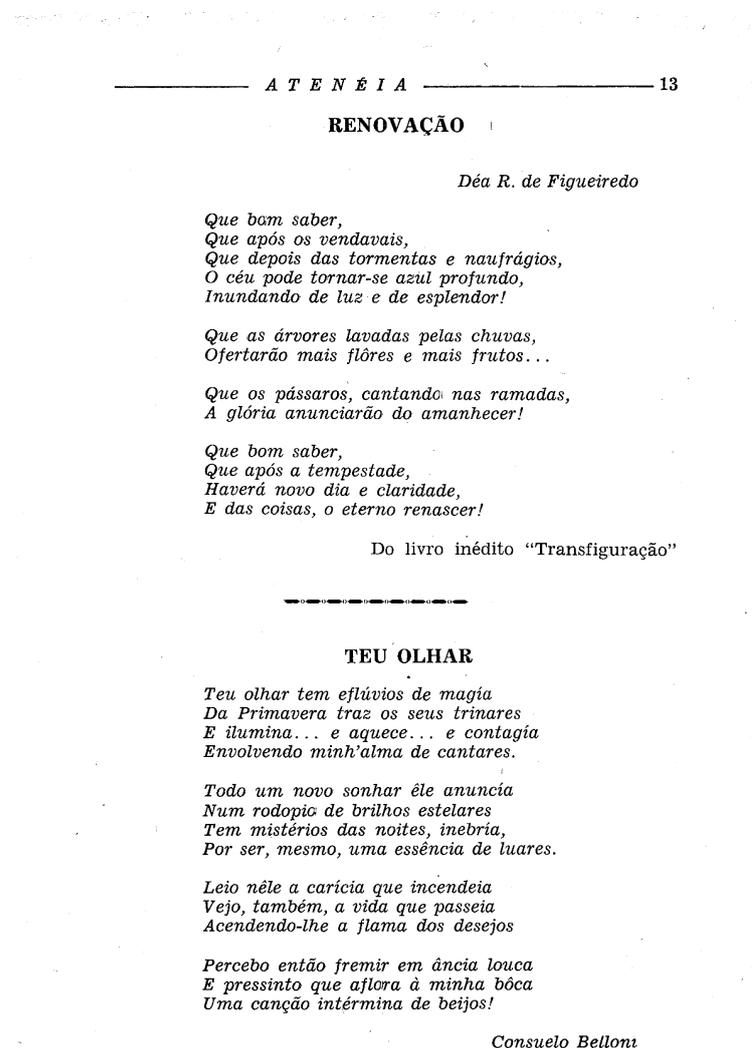
Porém, não faltaram a essas flôres espirituais os espinhos da incompreensão e da malícia humana, ávidos de solapar sempre os esteios da virtude, quando ela vive sob o manto da modéstia e do recolhimento.

A autora cita as palavras do Cardeal *Arcoverde*, ao contemplar, ante o catafalco, a expressão de martírio na face enregelada de *D. Fernando*: . . . “viveu pouco e trabalhou muito. Era o tipo da seriedade e da fidelidade ao dever”.

E’ sempre salutar à humanidade conhecer a vida e a obra dos pró-homens, que lutam pela ciência, pela verdade ou pela fé, quer êstes sejam uma *Eva Curie* ou um *Pasteur*, quer seja um daqueles “Santos que Abalaram o Mundo”, com os seus exemplos de renúncia, de compreensão, de amor, de entusiasmo e de vontade criadora.

Stefan Zweig, no prefácio de seu livro sobre *Fouché*, ressalta o poder que as biografias heróicas têm de elevar a alma, aumentar a energia e levantar o espírito. Desde *Plutarco*, afirma o escritor, elas são necessárias a cada geração que sobe e a cada juventude que cresce.

Figura 14 – Exemplo de páginas internas – Fase 1
Número 31, 1960, página 13



Acervo da ALFRS – Imagem reproduzida pela pesquisadora

Assim como se identificou na capa, as intervenções editoriais das páginas internas se mostraram estáveis na primeira fase da revista.

A primeira página contempla um cabeçalho com título da publicação e subtítulo em uma logotipia diferente da capa, seguido das informações da edição (ano, período e número). Em uma coluna à esquerda, abaixo dos referidos dados, os nomes que compõem a diretoria da revista e as informações de endereço físico e postal de sua redação; no espaço de duas colunas, ao centro e à direita, o Sumário. Este traz os seguintes itens, em geral invariantes: título do artigo ou seção, autoria e número da página em que se localiza.

A página seguinte, denominada Expediente, apresenta um breve conteúdo sobre a responsabilidade dos autores pelas publicações, além da composição da diretoria da Academia e informações de valores e de dados postais para contratação de assinaturas.

Na terceira página interna localiza-se o que pode ser compreendido como Editorial, que passou a receber tal nomenclatura somente a partir da edição de número 9 (maio a agosto de 1952).

A partir dessa estrutura inicial, tem início a apresentação dos diferentes conteúdos, sejam eles contribuições de associadas enviadas à revista ou seções produzidas pela própria redação. Não há uma organização rígida para acomodar tais materiais, com espaços previamente delimitados: em relação aos escritos de autoria, o próprio título serve para indicar a localização do conteúdo. Já no que se refere ao que foi produzido pela redação, os nomes das seções são utilizados como títulos.

De modo geral, nesta primeira fase, quase todas as páginas contam com uma estrutura padrão: um cabeçalho no qual se encontra o nome *Atenéia* e uma linha vertical que o margeia. Títulos são utilizados em diferentes fontes e tamanhos, preferencialmente em letras maiúsculas. Aparecem também em itálico ou negrito. Os textos principais, em sua maioria, utilizam letra de imprensa padrão, com eventuais aplicações de itálico ou negrito.

Diversos elementos gráficos, como ilustrações, fotografias e linhas decorativas para compor margens ou organizar a divisão de textos também são utilizados. Além disso, a aplicação de cores, nessa primeira fase, é bastante eventual. Quando ocorre, normalmente é em um ponto específico da página, para dar destaque a alguma ilustração.

Apesar da ideia de continuidade, ao longo desse recorte temporal da Fase 1, a logotipia presente no cabeçalho do sumário e os tipos gráficos utilizados para compor as páginas internas sofreram modificações.

Páginas internas – Fase 2

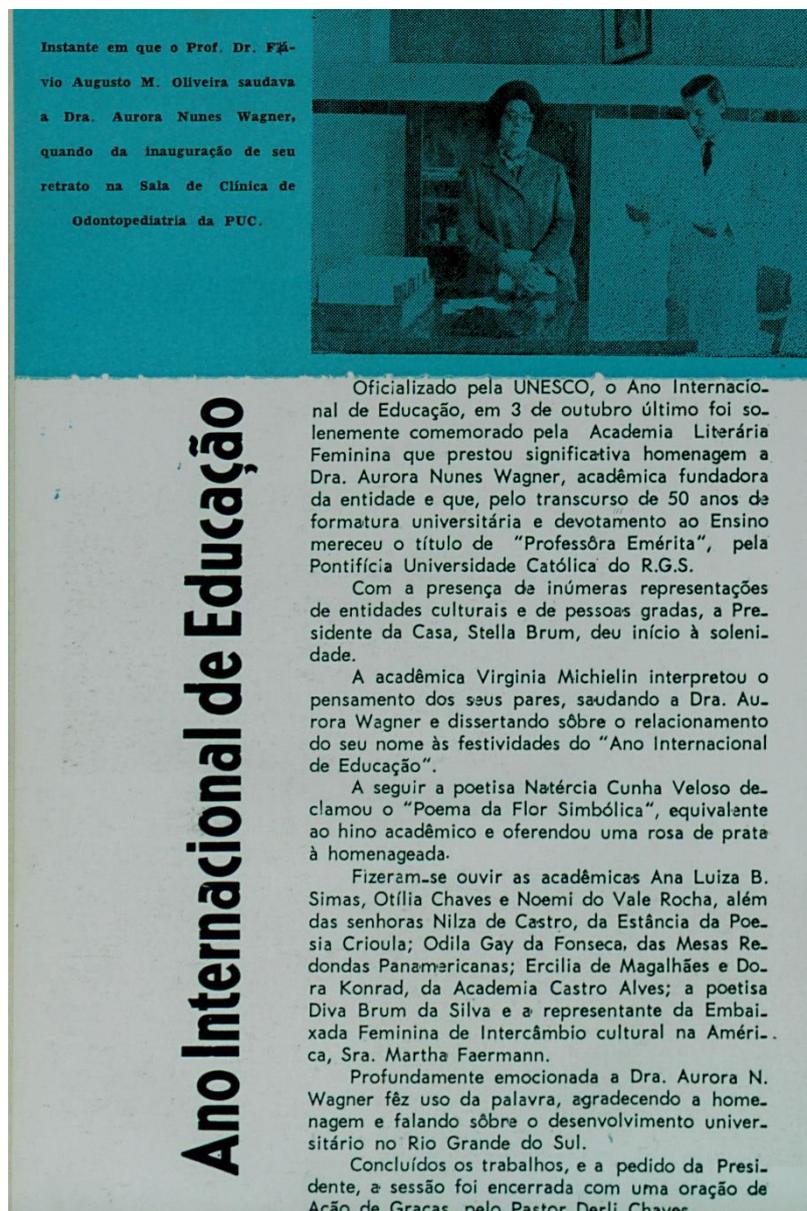
Acompanhando os mesmos elementos descritos para a fase anterior, apresento exemplos e explico os elementos preponderantes do aspecto gráfico da revista naquela que considerarei como Fase 2.

Figura 15 – Exemplo de páginas internas – Fase 2
Números 42 e 43, 1966, página 62



Acervo da ALFRS – Imagem reproduzida pela pesquisadora

Figura 16 – Exemplo de páginas internas – Fase 2
Números 50 e 51, 1970, página 62



Acervo da ALFRS – Imagem reproduzida pela pesquisadora

Como se pode observar nas reproduções acima, a estrutura inicial da revista demonstra algumas alterações, embora preserve os mesmos elementos essenciais. Uma delas é que o Editorial passa a ser apresentado antes do Sumário e do Expediente, ocupando de uma a duas páginas.

O Sumário, por sua vez, disposto tanto em página par quanto em página ímpar (conforme o tamanho do Editorial), localiza-se à esquerda do espaço gráfico, em uma coluna mais larga, e indica somente alguns conteúdos e seções de destaque. É antecedido por um cabeçalho com as informações da edição (ano,

período e número) e sucedido pelo conteúdo referente à responsabilidade de autoria. Em uma coluna à direita, mais estreita, está organizado o Expediente, sob o título da revista destacado em fonte de tamanho maior. Contempla os nomes que compõem a diretoria da publicação, os endereços físico e postal da redação e as informações sobre valores de assinatura.

Quanto à distribuição dos conteúdos variados no espaço gráfico das páginas internas, é válido destacar que, quando apresentados em uma coluna, normalmente esta é menor, proporcionando margens mais amplas. Há, também, a disposição em duas ou mais colunas, com diferentes larguras, provavelmente a partir de inovações tecnológicas envolvidas no processo de composição/impressão.

Nessa mesma direção, observam-se diferentes modalidades de utilização do espaço gráfico interno que se anunciam, como a presença crescente de fotografias, dispostas nas páginas sem uma delimitação rígida. Outra mudança significativa é a utilização de cores, especialmente em títulos, quadros, ilustrações e elementos visuais diversos.

A mescla de tipos distintos para compor destaques e textos, com tamanhos e estilos variados, também se anuncia. Negrito e itálico continuam a comparecer, bem como fontes que remetem ao manuscrito, por exemplo.

Diante de tais intervenções editoriais, evidenciam-se as intenções de circunscrever a atribuição de sentidos pelas leitoras, chamar-lhes a atenção para contrapor o ordinário e o extraordinário, ou os conteúdos a serem lidos primeiramente, em comparação a outros mais secundários. Ainda, é possível referir os elementos/protocolos para promover a memorização, operando como estratégias visuais e mnemônicas. Desse modo, critérios como importância, memorização, destaque/atenção, parecem estar em jogo nas escolhas dos elementos visuais, o que poderíamos entender, ainda, como uma educação do olhar/leitura.

Assim como em relação às capas, as páginas internas de *Atenéia* se caracterizam por uma tendência à estabilidade, apesar das mudanças gráficas que tornaram possível a diferenciação em duas fases, anteriormente apresentada. A análise da documentação indica que, muito provavelmente, as alterações estão particularmente vinculadas ao avanço dos aspectos técnicos e de impressão, com possível barateamento do custo de impressão devido ao aumento de escala, como a disponibilidade do uso de cores, imagens e de novos tipos móveis.

Outro fator a ser considerado é a possível contribuição do estatuto gráfico vigente em publicações contemporâneas à revista, das quais algumas referências podem ter sido utilizadas, de modo a impor-se dentre eles com a mesma atualidade. Como exemplo, podemos citar o tamanho da fonte nos títulos e a distribuição do texto em uma colunagem diferente.

Tal afirmação se sustenta porque, mesmo diante das transformações referidas, o periódico preservou a sua concepção editorial, destinada a promover a cultura literária e a divulgar os interesses e atividades da ALFRS. Como detalharei na próxima seção, ao longo dos 23 anos de existência do impresso, as editorias e aspectos textuais apresentaram-se sob uma perspectiva de continuidade, bem como a proposta de interação com a comunidade leitora.

De todo modo, é evidente que, diante das mudanças nas características materiais, a atribuição de sentido aos textos ali apresentados se modificou. *Atenéia* pode ter sido percebida como mais moderna, atualizada, inserida em um ambiente editorial distinto. Conforme destaca Chartier (1992), se o suporte se modifica, o texto já não é mais o mesmo, assim como altera-se a apropriação que dele é feita. Da mesma forma, se as práticas se transformam, por exemplo, de uma leitura em voz alta e pública, a uma leitura em silêncio e privada, também os sentidos atribuídos se metamorfoseiam. Assim, não somente os sentidos não são únicos, supostamente aqueles almejados pelo autor, como também os textos são instáveis.

Diante das informações e elementos de análise reunidos após o exame minucioso das características físicas do impresso, retomo o pensamento de Darnton (2010). Para o autor, sem a materialidade, a tarefa dos historiadores, de buscar uma compreensão adequada dos fenômenos dentro dos limites que a representação do passado permite, se torna tarefa quase impossível. A aproximação ao suporte, mesmo que em condições restritas, é parte fundamental da pesquisa. Como exemplo, ele indaga: “Como poderão os historiadores montar um painel da mentalidade americana na Era Dourada sem dispor de jornais – jornais de verdade, de tamanho real e cores reais – para consulta?” (DARNTON, 2010, p.141).

Esse apontamento me faz recordar da possibilidade que eu tive de dispor da coleção completa da revista para estudo, em minha própria casa, entre minhas mãos, meus sentidos vivos de olhar, tocar, folhear, mirar à distância a pilha (dis)posta na mesa, de fotografar, enfim, de apertar junto ao corpo (próximos ao coração!) os volumes sob minha atenção. E, também, de como a relação com o

material após a digitalização se transformou: o amarelado de suas folhas se perdeu, a textura do papel não existia mais, ou ao menos, não sugeria uma sensação tátil, os pequenos fragmentos despedaçados não apareciam... Foi um movimento importante e necessário de conservação, mas, sem dúvida, manusear o acervo físico possibilitou um relevo diferente à investigação²⁸.

Antes de prosseguir à análise dos textos e da comunidade de leitura de *Atenéia*, ainda gostaria de destacar outro aspecto relativo à materialidade: os anúncios veiculados na publicação, que serão o tema do próximo tópico.

4.4 ANÚNCIOS E RECURSOS FINANCEIROS

Mapear os anúncios presentes nas 48 edições do *corpus* documental se assemelha a reunir indícios de hábitos de consumo de um determinado tempo e grupo social, que se mostraram em constante mudança nas próprias páginas do impresso, o qual contribuíram para financiar.

Como uma primeira aproximação, detalho os principais segmentos contemplados e a quantidade de anúncios presentes em cada número da revista.

Quadro 5 – Segmentos e quantidades de anúncios

Anúncio Edição	Bancos	Livrarias e tipografias	Artigos domésticos	Roupas, calçados e acessórios	Viagens	Saúde	Seguros	Alimentos e bebidas	Profissionais liberais	Serviços diversos
1	6	1	10	10			2	2	16	5
2	6	3	11	5			1	1	12	3
3	7	3	7	8		3			12	1
4	6	1	13	3		2	1	1	12	2
5	4	2	8	4	1	2		1	12	2
6	4	2	8	1		2			12	6
7	4		8	10		2			13	3

²⁸ O detalhamento das condições em que essas etapas foram realizadas está referido na seção 1.

Anúncio Edição	Bancos	Livrarias e tipografias	Artigos domésticos	Roupas, calçados e acessórios	Viagens	Saúde	Seguros	Alimentos e bebidas	Profissionais liberais	Serviços diversos
8	6	3	6	1		1			13	5
9	5	3	3	6		3	1	1	12	5
10	3	3	7	5	1	1		1	12	2
11	4	3	5	2		3			12	3
12	4	2	2	5	2	2			12	1
13	6	3	2	3		2			12	2
14	6	2	7	6		1			14	2
15	4	3	5	7	1				12	
16	4	2	7	4		1	1	2	12	5
17	3	1	6	5					13	1
18	2	2	4	4				3	13	2
19	4	1	2				1	2	13	1
20	6	2	3	2					13	2
21	1	2	4	3	1	1			13	2
22	4	2	2	1	1				13	2
23	3	1	3	4	1				13	1
24	1	3	4	2					13	1
25	3	1	1	2	1			1	13	1
26	4	2	1	2	1		1	1	14	1
27	1	3		1					14	2
28	3	1	2	1					13	1
29		1	2	3	1		1		13	1
30	4	1	2	1					13	2
31	1	2	1	4	1		1	1	13	2

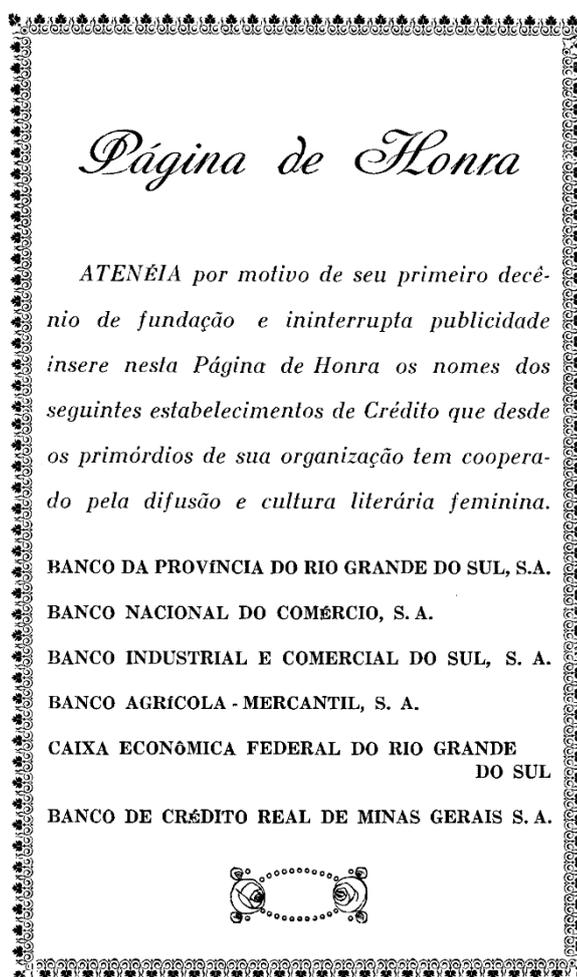
Anúncio Edição	Bancos	Livrarias e tipografias	Artigos domésticos	Roupas, calçados e acessórios	Viagens	Saúde	Seguros	Alimentos e bebidas	Profissionais liberais	Serviços diversos
32	3	1	2			1			13	1
33	1	1	4	1			1		13	2
34	4		1	2					13	1
35	2		1	3	1				13	
36	4		1	3				3	13	
37	2	1	1	4	1	1			13	1
38	4	2	1	4				2	13	
39	3	1	1	1	1	1		1	13	1
40	3	2	1					1	12	1
41	1	1		1				1	12	
42 e 43	2	1	1	1		1	1	1	12	
44 e 45	5	1	1	1			1	1	12	
46 e 47	2		1	1	1	1		1	12	
48 e 49		2			2				12	
50 e 51		1		1		1		1	12	1
52 e 53		1	1	1					12	2
54 e 55		1		1	1		2		12	1

Quadro elaborado pela pesquisadora

Em uma abordagem inicial aos dados compilados, a informação que mais se torna perceptível é a da gradual redução da quantidade de anúncios com o passar do tempo. A edição inaugural foi a que recebeu mais contribuições, distribuídas em diferentes segmentos. Pouco a pouco, o apoio financeiro se tornou mais escasso, e algumas áreas que tinham forte participação comercial foram substituídas.

Os *bancos* são a categoria que mais se destaca entre os principais anunciantes. Diversas instituições financeiras apoiaram o periódico ininterruptamente, dividindo espaço em suas páginas de anúncios. Em 48 edições, somente em cinco os bancos não se fizeram presentes. Tal frequência rendeu agradecimentos por parte da direção da revista, expressos em frases de gratidão nas páginas de *Atenéia*, além de distinções especiais, como o exemplo a seguir.

Figura 17 – Reconhecimento aos anunciantes
Número 29, 1959, encarte especial



Acervo da ALFRS – Imagem reproduzida pela pesquisadora

Além destes generosos patrocinadores, um outro tipo de anúncio bastante característico se manteve presente nos 23 anos de produção da revista: o *Guia*

*Profissional*²⁹, com endereços e telefones de médicos, dentistas, advogados, professores particulares etc. Trata-se de uma página com espaço para 12 anúncios de mesmo tamanho, que nunca passou por uma modificação gráfica. Além desta, profissionais em busca de maior destaque poderiam adquirir anúncios de tamanho maior, distribuídos entre os diferentes cadernos do impresso, normalmente na parte inferior do espaço gráfico.

Figura 18 – Guia Profissional
Número 39, 1964, página 41

————— A T E N E Í A ————— 41

GUIA PROFISSIONAL

<p>Dra. AURORA NUNES WAGNER Cirurgiã-Dentista Livre Docente de Ortodontia e Odontopediatria RAIOS X Edifício SULACAP, 5.º and. - sala 518 Telefones: 8115 e 3-1688</p>	<p>DR. CARLOS FALCETTA Cirurgião-Dentista Assistente da Faculdade Católica do Hosp. de Pronto Socorro Cons. Ed. Sulacap - 7.º andar - sala 723</p>
<p>LABORATÓRIOS TECN. FLESCH Rua Gal. Andrades Neves, 90, apto. 4 Fone 5230 — PORTO ALEGRE Dentaduras DE-WO e Cristal - Dourado</p>	<p>ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA — advocacia em geral — operações imobiliárias — administração de negócios ADVOCADOS: Sílvio Gomes Wallace Duncan Luiz Gomes Wallace Duncan Eclida Gomes Haensel Sulacap 5.º andar, S/526 - 9-11, 15-17 hs.</p>
<p>DR. FARIAS GUIMARÃES Cirurgião-Dentista RUA MARECHAL FLORIANO, 91 Edifício Bragança, 4.º and. - Sala 402 Fone: 4708</p>	<p>DR. ERNESTO PUTZ Cirurgião-Dentista Raios X — Diatermia Ultra-Violeta CONSULTÓRIO: Edif. "Oswaldo Cruz" 3.º andar — Sala 81 HORA MARCADA</p>
<p>DRA. NYLZA APPEL MAURER Cirurgiã-Dentista — Raio X Edifício Sulacap — 10.º andar Sala 1014 Av. Borges de Medeiros, 410</p>	<p>DR. LOFORTE Aparelho digestivo Consultório: Independência, 814 Telefone: 5440 Resid.: Rua Cônego Viana, 78, Petrópolis FONE: 3-23-85</p>
<p>PROF.ª ELVIRA C. PINHEIRO Professora de música Aulas diurnas, noturnas e a domicilio Edifício Tupinambá Av. Júlio de Castilhos, 458 Apto. 30 — Fone 9-1476</p>	<p>DR. BRAGA PINHEIRO Cirurgia — Partos — Ginecologia CONSULTÓRIO: Galeria Chaves, 4.º andar — Sala 5, das 14 às 16 horas — Fone: 7631 Residência: Sarmento Leite, 975 Fone: 8824</p>
<p>DR. JOSÉ JULIO R. DE MELLO ADVOCADO ESCRITÓRIO: Av. Oswaldo Aranha, 815 VERANÓPOLIS</p>	<p>DRA. VERA LYGLIA KERN Cirurgiã-Dentista Clínica de adultos e crianças Ed. Celia Irmãos - 8.º andar - Sala 803 FONE: 12-22 — 9-28-70 Rua dos Andradas, 1684</p>

Acervo da ALFRS – Imagem reproduzida pela pesquisadora

²⁹ Uma menção acerca da existência de tal página de anúncios e sobre a provável afinidade entre Aurora Nunes Wagner, diretora da revista, e alguns dos anunciantes, incluindo o seu possível irmão, integra a seção anterior. Em várias edições, é possível notar a presença de nomes e endereços de médicos e dentistas, área de atuação profissional da acadêmica.

Outra categoria tão presente quanto a dos bancos é a das *livrarias e tipografias*, com destaque para os anúncios da *Livraria do Globo*, *Livraria Selbach*, *Livraria Sulina*, *Livraria Americana* e *Tipografia do Centro*. Nem sempre é possível identificar com clareza se é um anúncio ou algum tipo de permuta, visto que, em alguns casos desse segmento, a tipografia e a apresentação gráfica do conteúdo comercial não diferem do conteúdo literário ou institucional. Dada a relação de proximidade entre as atividades, é possível que tal negociação tenha ocorrido em algumas ocasiões.

Anúncios relacionados à *saúde* contemplam farmácias, óticas, clínicas médicas e laboratórios. Os de *seguros* incluem previdência e planos pessoais, aspecto do cotidiano característico do momento histórico, mas igualmente do grupo social representado pela comunidade de leitura almejada. Há ainda os *serviços diversos*, que abarcam desde empresas de mudanças até salões de beleza. Na categoria *viagem*, estão inseridas propagandas de hotéis, de pacotes turísticos e da extinta empresa aérea Varig. *Alimentos e bebidas* englobam desde espumantes até encomendas de bolos e doces para eventos.

Os segmentos mais amplos e diversificados são *artigos domésticos e roupas, calçados e acessórios*. Há casos, inclusive, em que as empresas anunciantes oferecem produtos que se enquadram nas duas categorias, como “tecidos para cortinas” e “roupas para bebê”. Nessas situações, procurei identificar a atividade principal e fazer a seleção a partir desse critério.

São justamente nas áreas acima referidas que se apresentam as reduções mais significativas na quantidade de anúncios entre o início e o fim da circulação de *Atenéia*. Se observarmos apenas os interesses sugeridos por esse recorte comercial, as primeiras leitoras do periódico buscavam saber qual o melhor fogão ou as louças mais bonitas para a sua residência, bem como onde adquirir roupas e calçados elegantes para si e para a família. Já as leitoras de uma fase final do impresso despertaram mais para as oportunidades de viagem e mantiveram o interesse em livros e leituras. Esta constatação, insisto, não pode ser secundarizada, pois as pautas dos movimentos feministas haviam sido difundidas com maior presença na vida cultural e algumas bandeiras afirmavam-se como conquistas e avanços das mulheres.

Em sua maioria, os anúncios ocupavam o verso da capa, o verso da contracapa e a contracapa. Nestas, eram impressos tanto em preto e branco quanto

em cores, conforme esse recurso passou a ser utilizado. Eram distribuídos também em algumas páginas internas (inicialmente, inteiras; depois, somente no rodapé), com impressão prioritária em preto e branco.

Figura 19 – Exemplo de página de anúncios
Número 4, 1950, página 70

70 ————— ATENÉIA —————



**Em PÓRTO ALEGRE, uma livraria,
COLOCANDO A DISPOSIÇÃO DE SEUS
CLIENTES:**

Literatura em Geral
Objetos para o Culto Católico
Livros Escolares
Literatura Infantil
Literatura Religiosa
Livros Comerciais e Livros em Branco
Artigos para Escritório

LIVRARIA “A NAÇÃO”

TIPOGRAFIA DO CENTRO, S. A.
Centro da Boa Imprensa do R. Gr. do S.
Rua Dr. Flores, 108 - Caixa Postal, 1080
PÓRTO ALEGRE - R. G. d. S. - BRASIL

BALNEÁRIO ATLÂNTICO
18 km. ao sul de Torres
Reg. no livro auxiliar n.º 8, sob
n.º 5, no Cartório de Torres

▼

**EXCELENTE LOTES
EM PRESTAÇÕES E
A LONGO PRAZO.**

▼

Av. Borges de Medeiros, 446
Edifício SULACAP - Sala 521
PÓRTO ALEGRE - Rio Grande do Sul

COMPANHIA DE SEGUROS
“PHENIX DE PÓRTO ALEGRE”

◆

INCÊNDIO
TRANSPORTES
ACIDENTES PESSOAIS

◆

FUNDADA EM 1879

70

ANOS DE EXISTÊNCIA A
SERVIÇO DA COLETIVIDADE

Acervo da ALFRS – Imagem reproduzida pela pesquisadora

Figura 20 – Exemplo de página de anúncios
Número 16, 1955, página 22



Acervo da ALFRS – Imagem reproduzida pela pesquisadora

Diante da progressiva redução na venda de espaços comerciais, a equipe de editoras da revista buscou alternativas para que o impresso continuasse a existir. Dentre elas, é possível citar o *Livro de Ouro de Atenéia*, o *Livro de Honra de Atenéia* e o *Quadro de Legionários*, que reuniam contribuições para o financiamento do periódico e dos custos da Academia em diferentes momentos.

Os nomes e os valores doados pelos participantes eram divulgados a cada edição. Assim também os concursos já referidos no início desta seção³⁰, consistiam em tentativas institucionais para manter *Atenéia* em circulação e cobrir despesas de

³⁰ Concurso Literário de Atenéia e Concurso Pró Mil Assinaturas de Atenéia.

gerenciamento da entidade. Outros movimentos rumo a um maior engajamento incluíram a elaboração de avisos e chamados, publicados na própria revista, para que as acadêmicas e leitoras participassem mais ativamente das atividades e contribuíssem financeiramente para a consecução dos objetivos literários e institucionais previstos.

O menor envolvimento comercial demonstrado pelos dados ao longo do tempo pode ter contribuído para um encerramento precoce da revista, visto que os custos gráficos eram altos³¹. De todo modo, fato é que os anúncios tiveram um papel constitutivo da materialidade, não apenas pela sua presença no espaço gráfico, mas também por viabilizarem, em termos monetários, um maior ou menor número de páginas, utilização de cores, fotos, elementos visuais etc.

Atenta aos dados reunidos acerca do suporte, na seção seguinte detalharei as características textuais, especialmente das editoriais de caráter institucional, voltadas ao engajamento da comunidade de leitura, com o intuito de avançar na compreensão das decisões editoriais que pautaram a trajetória de *Atenéia*.

³¹ Como referido anteriormente, o falecimento de Aurora Nunes Wagner, diretora e principal incentivadora da revista, pode ter sido a causa principal para a interrupção na produção.

5. TEXTOS, LEITURA E EDIÇÃO: *ATENÉIA* EM SUA COMUNIDADE

“Apanhou o pequeno livro de dentro da caixa,
com grande reverência, e o colocou
sobre o suporte para leitura.”

(BROOKS, 2008)

Já são mais de 20 anos à frente da direção de Atenéia e, ainda assim, o tempo não acomodou a nossa vontade de tornar o impresso produzido pela Academia sempre melhor. Hoje à tarde teremos uma reunião da equipe diretiva para discutir novos temas e editoriais de interesse das leitoras. Em meio a tantas mudanças, ontem recebi uma poesia de uma das sócias correspondentes que nos acompanha desde o início: é com alegria e gratidão que vamos publicá-la. Escrever páginas que levam a minha assinatura também continua a ser uma agradável tarefa, que transforma as madrugadas insones em criações literárias.

Ao manusear os exemplares de *Atenéia* para identificar as características relacionadas à apresentação gráfica, realizei também uma primeira aproximação às questões textuais, identificando conceitos editoriais, recorrências e discontinuidades. Após sucessivas consultas, aprofundi a análise da coleção, cujos resultados serão apresentados na primeira parte dessa seção.

A partir das informações elencadas, o segundo tópico aborda a vinculação dessas seções específicas com a comunidade de leitura almejada. Indicam-se, portanto, as relações de construção entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”, termos originalmente utilizados por Paul Ricoeur e retomados por Chartier, que remetem às habilidades e práticas partilhadas entre um mesmo grupo interpretativo.

Como protagonistas que integram esses dois “mundos”, visto que são escritoras e também leitoras do impresso, as editoras de *Atenéia* se inserem em um papel de mediação. Os apontamentos acerca das práticas editoriais serão o foco do terceiro e último item, retomando as questões e objetivos centrais que guiam o desenvolvimento dessa dissertação.

5.1 CONCEPÇÕES TEXTUAIS

Após uma avaliação dos aspectos textuais do impresso, é possível identificar dois blocos principais de conteúdo. O primeiro, que parece mais evidente a uma revista produzida por uma Academia Literária, refere-se aos textos literários, poesias, crônicas, contos, ensaios e relatos de viagem. Na publicação em estudo, esses materiais são de autoria tanto das acadêmicas quanto de colaboradoras externas, simpatizantes e identificadas com o propósito da publicação. Algumas delas são mencionadas como sócias correspondentes, ou seja: não integram o quadro acadêmico efetivo, principalmente por residirem em outros Estados, mas compõem o quadro social da entidade, com assídua participação no periódico.

A análise do conteúdo apresentado nos textos literários não é objeto central de interesse desse estudo, dados os questionamentos aos quais a investigação pretende responder. No entanto, tal posicionamento não pode ser descuidado: ao refletir sobre a inclusão dessas produções sob a perspectiva da linha editorial da publicação, é necessário, ao menos, elencar algumas temáticas predominantes. Entre elas, estão a vida em família e em sociedade, a natureza, os sentimentos, a referência a efemérides, o próprio universo literário, bem como homenagens a instituições e pessoas.

Evidenciam-se, nesse sentido, textos que não se apresentam com o objetivo de transgredir normas ou de propor debates sociais e políticos aprofundados, embora também possam ter alcançado tais resultados por diferentes vias. São, em linhas gerais, criações literárias intimistas, sensíveis, que refletem diferentes momentos e cenários da vida feminina, conforme destacam Corrêa e Stephanou (2018b):

“Episódios e sentimentos marcantes, alegres ou tristes, como o nascimento dos filhos, o casamento, o amor, as saudades, a viuvez, a solidão e as perdas ficaram registrados nas produções literárias das colaboradoras de *Atenéia*. Fragmentos de vida comuns a muitas autoras e leitoras da revista, que estabelecem diálogos entre esta comunidade por meio das experiências de escrita de si e das práticas de leitura envolvidas nesse contexto”. (CORRÊA E STEPHANOU, 2018b, p.7)

Uma segunda abordagem de conteúdo, que interessa sobremaneira a essa investigação, é a de seções fixas produzidas pelas acadêmicas, de modo a estabelecer uma continuidade temática ao longo dos diferentes números da revista,

além de promover a participação e o engajamento da comunidade leitora. São editorias que se relacionam intimamente ao subtítulo da publicação, *Órgão de Intercâmbio Cultural e de Defesa dos Interesses da ALFRS*, dada a sua perspectiva institucional. Almejam pôr em relevo a rede de sociabilidades vinculada ao impresso e o trabalho desenvolvido pelas integrantes da entidade. Não se trata, portanto, de seções de produção literária das acadêmicas, embora essas se façam presentes em diversas edições³². Podem ser definidos como conteúdos produzidos pela redação, apesar de alguns deles serem assinados pela mesma literata durante o período em que circularam. Têm o propósito de fortalecer vínculos e promover a visibilidade da ALFRS e de seu impresso e, por isso, integram uma perspectiva editorial distinta.

Para uma visualização mais adequada dessas seções e da sua permanência como um eixo central da revista durante 23 anos, compartilho a seguir o levantamento empreendido junto ao *corpus* documental. Foram examinados os sumários dos 48 números e, em caso de dúvidas sobre a permanência ou não de determinada editoria, realizei a conferência nas páginas internas.

Após uma primeira mirada, mais exaustiva, fiz uma triagem, de modo a fortalecer o foco de análise e a evitar a dispersão de informações: optei por manter somente os nomes utilizados nos primeiros números da publicação para identificar as editorias. Com o passar dos anos, alguns conteúdos receberam outros títulos, mas mantiveram a mesma proposta. Desse modo, agrupei seções com abordagem idêntica em uma única referência³³. O quadro a seguir detalha as editorias mapeadas conforme os critérios estabelecidos e a sua ocorrência na temporalidade estudada.

³² A exemplo da *Página Folclórica*, assinada durante anos pela acadêmica Noemy Valle Rocha.

³³ Como exemplo, refiro a seção *Intercâmbio Estrangeiro*, que nos dois primeiros números foi chamada de *Academia no Estrangeiro* e, após alguns anos com o nome referido no quadro 5, passou a ser chamada de *Intercâmbio Internacional*. Cito ainda a seção *Biblioteca*, nomeada também como *Publicações Recebidas, Livros e Revistas* ou *Recebemos e Agradecemos*. Outra situação é a da editoria *Sociais*, elencada em alguns números como *Ecos Sociais*. A exceção é a editoria *Impressões de Leitura*, que foi nomeada como *Ensaios de Crítica* nas duas primeiras edições, mas se consolidou sob o título aqui citado.

Quadro 6 – Editorias de caráter institucional presentes em *Atenéia*

Seção Edição	Editorial	Intercâmbio Estrangeiro	Intercâmbio Nacional	Perfil das Patronas	Impressões de Leitura	Na Ribalta	Entrevista	Festim das Musas	Livros Novos	Biblioteca	Correspondência	Noticiário Acadêmico	Sociais	Impressões de <i>Atenéia</i>
1	X	X	X	X	X				X	X	X	X	X	
2	X	X	X	X	X	X				X	X	X	X	X
3	X	X	X	X	X	X				X	X	X	X	X
4	X	X	X	X	X	X			X	X	X	X	X	X
5	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
6	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
7	X	X	X	X	X	X			X		X	X	X	X
8	X	X	X	X	X	X	X		X		X	X	X	X
9	X	X	X	X	X	X		X	X			X	X	
10	X		X		X	X		X	X		X	X		
11	X	X		X	X	X			X		X	X	X	
12	X	X		X	X	X			X		X	X	X	
13	X			X	X	X			X		X	X	X	
14	X	X	X	X		X	X		X		X	X		
15	X	X	X	X	X	X			X		X	X		
16	X	X	X		X	X			X		X	X		
17	X		X		X	X	X		X		X	X		
18	X	X	X		X	X			X		X	X		
19	X		X	X	X	X			X			X		
20	X	X	X		X	X			X			X		
21	X		X		X				X			X		

Seção / Edição	Editorial	Intercâmbio Estrangeiro	Intercâmbio Nacional	Perfil das Patronas	Impressões de Leitura	Na Ribalta	Entrevista	Festim da Musas	Livros Novos	Biblioteca	Correspondência	Noticiário Académico	Sociais	Impressões de Atenéia
22	X				X	X			X			X		
23	X	X	X		X				X		X	X		
24	X	X			X	X		X	X		X	X		
25	X	X			X	X			X		X	X		
26	X	X			X	X			X		X	X		
27	X	X						X	X		X	X		X
28	X	X			X	X			X		X	X		
29	X	X			X	X		X	X		X	X	X	
30	X	X			X				X		X	X	X	
31	X	X						X	X		X	X		
32	X				X	X			X		X	X	X	
33	X	X			X	X		X	X		X	X		
34	X				X	X			X		X	X	X	X
35	X				X	X	X	X	X		X	X		X
36	X				X	X			X		X	X	X	
37	X				X	X			X		X	X		
38	X				X	X			X		X	X	X	
39	X	X			X	X		X	X		X	X	X	
40	X				X	X			X		X	X	X	
41	X				X	X			X		X	X	X	
42 e 43	X		X		X	X				X		X		
44 e 45	X				X	X	X			X		X		

Seção	Editorial	Intercâmbio Estrangeiro	Intercâmbio Nacional	Perfil das Patronas	Impressões de Leitura	Na Ribalta	Entrevista	Festim da Musas	Livros Novos	Biblioteca	Correspondência	Noticiário Acadêmico	Sociais	Impressões de Atenéia
Edição														
46 e 47	X				X	X	X		X	X		X		
48 e 49	X				X	X	X		X			X		
50 e 51	X				X	X			X			X		
52 e 53	X				X	X			X			X	X	
54 e 55	X				X	X			X			X		X

Quadro elaborado pela pesquisadora

A partir desse panorama geral, é possível listar algumas características mais evidentes. Em todas as edições, há um *Editorial*, assim como uma seção intitulada *Noticiário Acadêmico*. A seguir, as editorias *Impressões de Leitura* e *Na Ribalta* têm participação expressiva na trajetória da revista, bem como aquela intitulada *Livros Novos*. *Intercâmbio Estrangeiro* (principalmente) e *Nacional*, além das colunas de *Correspondência* e *Sociais*, também se fizeram presentes em diferentes momentos. Por fim, seções como *Biblioteca*, *Perfil das Patronas*, *Impressões de Atenéia*, *Entrevista* e *Festim das Musas* compareceram em contextos específicos, muitas vezes com um grande intervalo de tempo entre cada ocorrência.

Estabelecido esse primeiro cenário, no próximo tópico irei aprofundar a relação de cada uma dessas editorias com a comunidade de leitura almejada.

5.2 UMA PROPOSTA DE INTERCÂMBIO CULTURAL

Cada uma das editorias anteriormente referidas, bem como os aspectos vinculados à materialidade e à apresentação gráfica do impresso, detalhados na seção anterior, pressupõe a existência de uma comunidade de leitura.

A seguir, procedo à descrição das colunas selecionadas para análise e à apresentação de informações e exemplos que permitem identificar indícios da relação com tal grupo interpretativo:

1) *Editorial*: recebe essa denominação a partir da edição de número 9 (maio a agosto de 1952). Contudo, nem sempre ela se mantém. A respeito desse aspecto, a página apresenta-se em três configurações distintas, que se distribuem de modo irregular pela temporalidade: somente com o título simples; apenas com a referência “Editorial”; e com as duas nomenclaturas juntas. Por vezes, é assinado por Redação e, em outros casos, pela diretora em exercício do periódico. Conforme a análise sugerida por Petró (2016), é possível dividir a temática abordada nos editoriais em cinco grupos principais: 1) Revista / ALFRS; 2) Mulher, Mulheres e Relações de Gênero; 3) Letras, Leitura, Literatura, Língua e Educação; 4) Paz, União dos Povos, Contextos Mundial e Nacional e 5) Assuntos Diversos. Logo, percebe-se que eles não tratam de aspectos relacionados diretamente ao periódico, mas a contornos exteriores que envolvem as mulheres, a instituição e a produção literária, além de questões de fundo mais amplo. Desse modo, é mais interessante que a seção seja compreendida a partir de uma visão institucional, que transmite um posicionamento perante determinadas questões e situações de possível interesse do grupo ao qual se dirige, do que como um texto de referência puramente editorial.

2) *Intercâmbio Estrangeiro ou Internacional*: essa é a editoria que representa com maior clareza o significado da rede de sociabilidades na qual *Atenéia* estava inserida e, por consequência, a comunidade de leitura à qual ela se dirigia. Assinada pela fundadora da ALFRS, Lydia Moschetti, a coluna se destaca por relacionar endereços de correspondentes nos mais variados países com os quais Lydia mantinha contato por cartas, procedendo a uma troca de informações e publicações entre entidades de fins semelhantes. Não apenas a Academia era objeto de suas correspondências, mas também as ações de beneficência pelas quais ela se caracterizou. Percebe-se que a editoria transpôs para o papel o registro de uma intensa comunicação já existente e em volume significativo. A própria Lydia descreve, na edição de número 2 (fevereiro e março de 1950) que, “são, pois, tantas cartas espalhadas aqui em minha mesa de trabalho que se torna difícil enumerá-las, todas” (ATENÉIA, 1950, p. 61). A coluna caracteriza-se, essencialmente, por um papel de mediação: devido à

sua atuação, Lydia coloca à disposição das leitoras do periódico o contato de intelectuais do exterior interessados em ampliar a sua rede. Supõe-se, portanto, que a comunidade leitora do impresso compartilhe de tal anseio, dada a regularidade e a longa duração da seção, que circulou nos seguintes intervalos: números de 1 a 9, 11, 12, 14 a 16, 18, 20, 23 a 31, 33 e 39. Importa, porém, matizar esses contornos: se a quantidade de correspondências iniciais não permite responder a todos, é possível perceber que, aos poucos, a relação de dispostos em manter contato diminui. Há espaço, por exemplo, para pequenas resenhas de livros recebidos de autores estrangeiros, o que também indicia uma provável aproximação das leitoras pretendidas acerca desse conteúdo.

Figura 21 – Exemplo de *Editorial*
Número 39, 1964, páginas 3 e 4

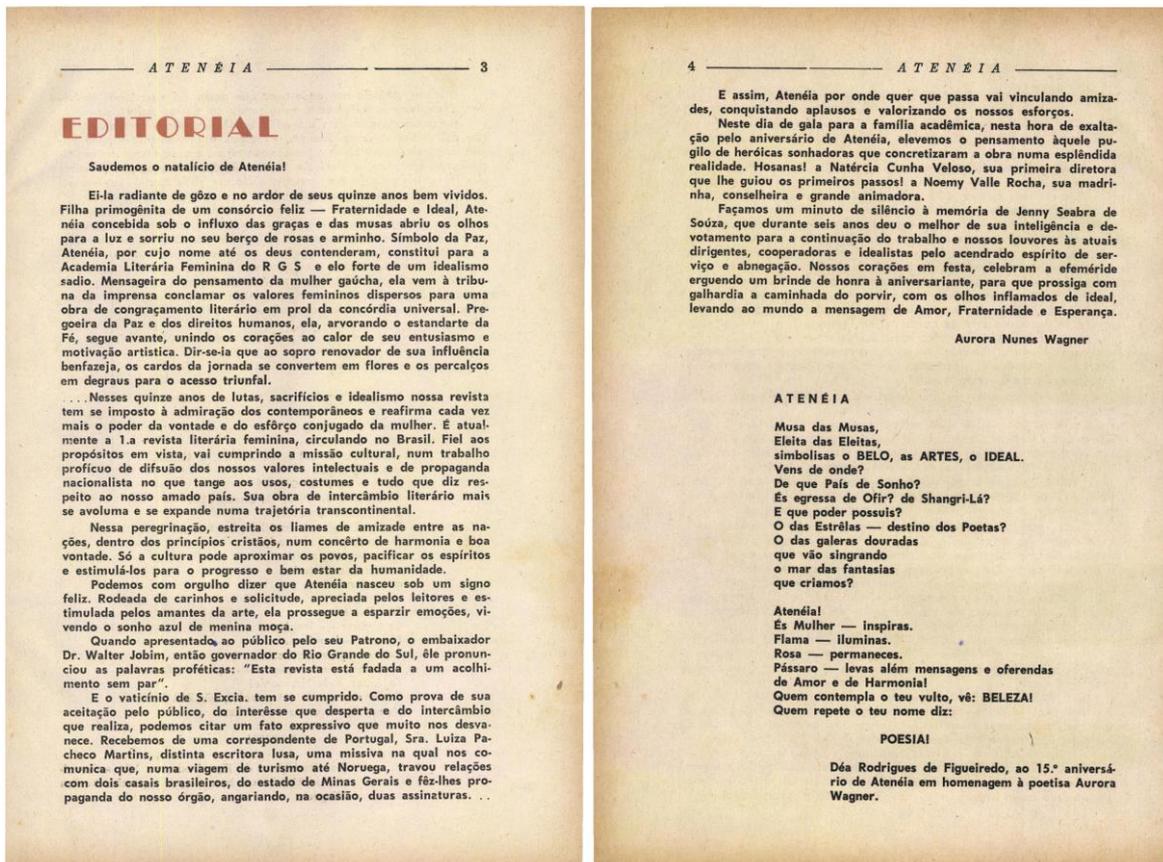


Figura 22 – Exemplo da editoria *Intercâmbio Estrangeiro* ou *Internacional*
Número 11, 1953, páginas 47 e 48



**Página de Intercâmbio
Estrangeiro**

Lydia Moschetti

Intercâmbio Cultural

Afinidade — romance sentimental de uma doçura tóda feminina e tóda coração de Pompília Lopes dos Santos — Rua Visconde de Nacar, 799 — Apto. 1 — Curitiba — (Paraná, Brasil).

El Rosa y Cruz — Revista filosófica, esotérica — Parque Rosacruz — San José — Califórnia — E.E.U.U.

El Sembrador — Publicação bimestral — Unity School of Christianity Lee's Summit — Missouri — E.E.U.U.

Evangelina M. Cavalcanti — Ceu Azul — poesias lindas, maravilhosas — Uma grande alma e uma grande poetisa — Rua Carlo Fernandez, 290 — Hipódromo — Recife — Brasil.

Gente de Campo — Publicacion del Ministério de Agricultura — Buenos Aires.

Augustin Denton — Barro — poemas — Cardones poemas — Este poeta simboliza o sentimento do gaúcho em sua linguagem típica e regional e o sentimento da alma em sua linguagem íntima e segreda, cheia de revelações e belezas espirituais — Lavalle 648 — Avellaneda — Buenos Aires — Argentina.

Curso de Metafísica Prática — Meditaciones biosoficas — Mundi lingua (Esperanto) — escreve A. Lavagnini — Apartado Postal 2929 — México D.F. — Oroscopo — Astrologia.

Boletim Sociocroscico — Ide Lagarrigue — San Isidro 75 — Santiago de Chile — Chile.

Boletim pro Campanha contra a Tuberculose — Prof. Pereira Filho — Rua Rezendes, 128 — Rio.

Academia de Alta Cultura — Guiffrida Romeo — Casella Postale 29 — Chieti — Itália.

Boletim de la Universidad de Medicina de Buenos Aires — Buenos Aires — Viamonde 444 — (Envio gratis).

Centro Gaúcho — Revista gaúcha — Edif. Martinelli — Av. São João — A. 6.º — São Paulo.

Jornal de Bombaim — Índia — Telo Mascarenha — Mody Pristing 237-39 — Bazargate — St. Fort. Bombay.

Think Magazine — 590 Madison avenue — New York 22 — N. Y.

Quisqueya — Luxuosa revista de Teresa de Peña Espinal, enviada de la Secretaria de Estado de la Presidencia da Republica Dominicana por el bibliotecario Francisco Mejia.

Boletim do Congresso Espírita do Rio Grande do Sul — Av. Piratini — Pôrto Alegre.

Querem trocar correspondência intelectual, os seguintes escritores e poetas:

48 ————— ATENÉIA —————

Associação Mundial de Escritores — Praia do Flamengo, 172 — 10.º A. — Rio.

Prof. Arnaldo Brandão — Av. N. S. Copacabana, 308 — Apto. 507 — Rio — (Envia seus livros a pedido).

Revista Genealógica — Enviar dados biográficos e fotog. — Rua D. Zuquim, 1529 — São Paulo.

Comite de las Americas — 1734 F. Street, N. W. — Washington, D. C. — E.E.U.U. — Presidente Heloise Brainerd.

La Acad. Lit. Fem. foi convidada a fazer parte do Conselho da Organização não governamental Seção Rio de Janeiro.

Cartas de Roma — Biblioteca Nacional Central — "Vitorio Emanuel II" — Roma — Dr. Nillo Vecchi — Via Coleglio Romano 27.

A Sociedade Paulista de Escritores convida os intelectuais a tomar parte no "Prêmio Fábio Prado" enviando 3 cópias de suas obras publicadas recentemente ou ainda inéditas — Rua João Bricola, 46 — 10.º A. — Sala 1022 — São Paulo.

Poeta — Juan Garcia — Futbol — Versos leves e bonitos de fina sensibilidade — c. Belgrano 176 — Loma de Zamorra — Argentina.

Cartas de Milano — Biblioteca Nac. Braidense — Via Breza 28 — Milano — Itália.

Biblioteca Nacional — ex Palácio Real — Napoli.

Biblioteca Nacional — Via Pó 19 — Torino — Itália.

Sociedade Filatelica — C. C. Club — S. Cruz de Tenerife — Islas Canarias — Apart. 41 — Canary Islands).

G. Byrne — Calle 23 — 1451 — Vedado — Habana — Cuba.

Poeta — Nilo Couto Perroni — Larrañaga 607 — San José — Uruguay.

A. Hel — Monte Alegre — Paraná (Brasil).

Nicola Rubis Vasquez — Casa de Montalvo — Ambato — Ecuador — S. A.

Roman Fontan Lemes — Estac. Quebracho — Paysandú — Montevideo.

Luiza Marinhoff — 534 Paso de los Andes — Mendoza — Argentina.

Edoardo Bennel Castellon — La Juanita — Cienfuego — Cuba

— autor de las hermosas poesias: Con la sordina puesta.

Laboratório FAILLACE-CARRION

Direção: Dr. Jandyr Maya Faillace

Análises Médicas

★

Rua General Vitorino 29 (quase esquina Mal. Floriano).

Acervo da ALFRS – Imagens reproduzidas pela pesquisadora

3) *Intercâmbio Nacional*: caracteriza-se por oportunizar à leitura excertos literários de escritoras das mais diversas partes do país, apresentando perfis biobibliográficos das autoras, alguns deles com fotografias. Pela forma como se apresenta, é possível inferir que o objetivo foi destacar literatas de cada estado, além de eventuais participações de cidades do interior do Rio Grande do Sul, de modo a homenagear e enaltecer os nomes evidentes em cada região, além de promover a difusão literária e as práticas de leitura. Apresenta-se assinado, em diferentes edições, pelas acadêmicas Noemy Valle Rocha, Aurora Nunes Wagner, Natércia Cunha Veloso e Alzira Freitas Tacques. Há também indícios, em alguns textos, de que essa seção promoveu a permuta de impressos de literatura e sociedades afins, ampliando a circulação de *Atenéia* para todo o país. Circulou nas edições de números 1 a 10, 14 a 21, 23 e 42 e 43, sendo que, nesta última, divulgou livros recebidos de todo o país.

4) *Perfil das Patronas*: publicado entre as edições 1 a 9, 11 a 15 e 19, trata-se do discurso proferido pelas acadêmicas, no momento de sua posse, referente à trajetória literária e biográfica da homenageada na cadeira que elas passam a ocupar. Interessa avaliar a sua publicação especialmente nos primeiros anos da revista: pode-se inferir como intenções a difusão da cultura literária, ao destacar o percurso das patronas perante a comunidade de leitura; a legitimação da ALFRS, por se tratar da reprodução de um discurso proferido em solenidade oficial, vinculando a instituição aos nomes das literatas citados; e o maior reconhecimento das acadêmicas empossadas, ao terem a sua fala registrada e difundida para o círculo de leitoras de *Atenéia*.

Figura 23 – Exemplo da editoria *Intercâmbio Nacional*

Número 23, 1957, página 36

36 ————— A T E N É I A —————
INTERCÂMBIO NACIONAL

Escreve Natercia Cunha Veloso

Bilhete a REGINA LACERDA — Cidade de Goiás

Através desta coluna que vimos mantendo há longos meses, em páginas de "Atenéia", temos tido a feliz oportunidade de percorrer, espiritualmente, as regiões mais longínquas do vasto território brasileiro. E é um prazer recordar as antigas aulas de geografia ministradas pelo saudoso professor André Leão Puente. Ainda estamos a ouvi-lo proclamar as excelências do imenso Estado de Goiás, o 4.º em extensão territorial, entre os que integram a Confederação Brasileira. Como nos impressionava a extensão da Ilha de Sant'Ana ou Bananal, com os seus 1.800 quilômetros de comprimento, abraçados pelo Araguaia, de águas límpidas e praias arenosas! E como podemos, desde já, antever a transformação radical por que passará a importante região brasileira, que é o Estado de Goiás, com a futura mudança da Capital Federal para Brasília, com o conseqüente impulso vertiginoso para o progresso e a civilização das terras que as bandeiras paulistas de Manoel Corrêa, Bartholomeu Bueno, pai e filho, descobriram e exploraram...

Mas, deixemos por ora a visão panorâmica do que será em futuro não remoto o grande Estado goiano e detenhamo-nos na contemplação da velha e legendária Goiás, o antigo Arraial de Sant'Ana ou Villa Boa, desenhada, como em figura litográfica, na encosta dos montes que o rio Vermelho separa. É aí que vamos encontrar a personagem a quem este bilhete se destina: a enamorada de Goiás — Regina Lacerda, escritora, poetisa e pintora de altos méritos.

No dizer de Adão Carrazoni, que a entrevistou pessoalmente, Regina Lacerda "é a cicerone amável que conhece a sua velha capital casa por casa..." Como nos sentiríamos encantada se pudessemos gozar desse mesmo privilégio que usufruiu o dinâmico jornalista gaúcho, quando em recente visita às principais cidades de Goiás! Ele nos informa, em uma de suas apreciadas crônicas locais, haver a intelectual goiana escrito um livro sobre a antiga "terra do ouro", livro que estará exposto em breve nas montras das livrarias e para o qual prevemos êxito excepcional.

Neste bilhete, um tanto apressado, queremos apenas consignar a carinhosa admiração que devotamos à talentosa patricia e solicitarmos empenhadamente a sua colaboração para as páginas de "Atenéia" e a sua estima para estas amigas do sul, que com ela palmilham a senda de idéias ideais.

A Regina Lacerda — o nosso aplauso e os votos de constante aprimoramento nas artes a que dedicou o seu privilegiado talento.

.....
TROVAS

Neusa Carmen

*É o ciúme um tormento
 Que aniquila nossa vida,
 Maltratando a casa instante
 A pessoa mais querida!*

*Sózinha eu fico a pensar
 Na minha sina, ai de mim!
 — Tão longe do meu passado...
 — Tão perto, agora, do fim!...*

Figura 24 – Exemplo da editoria *Perfil das Patronas* Número 7, 1951, páginas 26 a 29

26

ATENEIA



PERFIL DAS PATRONAS

Discurso pronunciado na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul pela acadêmica Eudoxia A. Almeida, por ocasião de sua posse na Cadeira n.º 5 que tem como Patrona a extinta escritora e jornalista Luciana de Abreu.

Respeitável auditório.

Meu tema é o CENTENÁRIO de nascimento da ilustrada e prelecionista e professora D. Luciana de Abreu, que é também minha PATRONA.

Nascida nesta capital, a 11 de julho de 1847, faz precisamente um século.

Queremos provar, à geração atual, que nem tudo na vida é — ESQUECIMENTO — E DESCASO — para com aqueles que consagram, parte de sua existência, ao bem público ou, ainda, aos nobilíssimos ideais de ampliar e difundir civilização tanto as classes mais favorecidas e elevadas, como aos nascidos em condições humildes e obscuras.

LUCIANA DE ABREU, professora, é disso um exemplo frizante. Quem era ela?

Era filha adotiva do Sr. Gaspar Pereira Viana e de sua esposa, e aí encontrou, nesse lar abençoado, toda solicitude que uma filha amada e querida costuma gozar.

Atos CINCO ANOS, bem pequenina, já declamava nas festas sociais. Desde os mais tenros anos revelou inteligência precoce e dedicação aos estudos.

Frequentando os colégios de seu tempo, demonstrou-se aluna excelente, obtendo os primeiros lugares entre as alunas.

Aos TREZE ou QUATORZE anos já concebia a idéia de escrever um ROMANCE e como se expandisse com as colegas e lhes mostrasse alguns capítulos do início, já organizados, foi, por elas, alcunhada — A ROMANCISTA, A ESCRITORA.

Sua madrinha, que era sobrinha de seus pais adotivos, tinha imenso prazer nos progressos de sua afilhada e prontificou-se a custear-lhe os melhores professores de Porto Alegre.

Seus professores sempre lhe vaticinaram uma carreira brilhante nas letras.

Uma de suas professoras, falando com autoridades da INSTRUÇÃO PÚBLICA, ponderava: LUCIANA é um talento! LUCIANA é uma estréla que vai alcançar sucesso nas letras!

Suas composições já pareciam poemas.

Seus olhos não me enganam! Sua dedicação ao estudo e a facilidade com que transforma um «Conto simples» numa poética e belíssima história a levará longe, muito longe, quando começar a transmitir, pela «pena», os fulgurantes pensamentos de que seu cérebro está repleto.

Essa professora não se enganou. Sua profecia realizou-se.

Estudou inglês, francês e italiano. Sua madrinha dava-lhe os melhores mestres; seu pai conseguia-lhe os melhores livros.

D. Luciana, possuidora de um caráter modesto e afetivo, era o ídolo de seus pais, de suas madrinhas e de todos com quem convivia. Sua bondade e delicadeza proverbiais tornavam-na queridas de professoras e colegas.

Inteiramente consagrada aos estudos e principalmente à «História da Civilização da Mulher em outros países, expressava idéias admiráveis, condenando os preconceitos retrógrados de nosso país que algemava

28

ATENEIA

«Os Governos ouviram a voz autorizada e conscienciosa de D. Luciana de Abreu, da prelecionista que soube ser o eco de um grande pensamento, de uma necessidade moral da liberdade da MULHER.»

«A redenção humana não é mais um problema, os grandes princípios sociais têm o seu dia próximo de realização e de verdade prática.»

Suas preleções deslumbraram os auditórios que a aplaudiam de-
lirantemente e, na data de 29 de dezembro de 1876, foi-lhe colocada sobre a fronte modesta a resplandecente coroa literária!

Foi considerada a maior prelecionista gaúcha e suas obras o atotam exuberantemente.

A sociedade daquela época prestou-lhe todas as demonstrações de apreço e consideração.

As Senhoras lhe ofereceram mimosas jóias e os cavalheiros brindaram-na com um tinteiro de prata, uma caneta de ouro com brilhantes e um álbum finíssimo, além de lindos ramalhetes e cartões amistosos.

Em uma das muitas festas que lhe ofereceram, a poesia e declamadora D. Maria José Coelho, senhora da alta sociedade, pronunciou a seguinte poesia:

A D. LUCIANA DE ABREU

Venho saudar-te neste templo augusto,
Mulher distinta, que rompeste o véu
Com que a ignorância, nos mais torvos erros
Há tanto tempo nossas mides prendeu.

Fôste a primeira no Brasil, que ouvando
cheia de crenças, desprender a voz,
Convicta e firme, sem temer tropeços...
Ecos bem santos despertaste em nós.

De preconceitos a mulher opressa
É triste planta que na sombra morre;
Mas livre e sábia, como mãe e esposa,
E qual estréla que no céu discorre.

Fôste a vidente que traçou no espaço
Da humanidade o seu destino, a lei;
A nossa pátria agradecida, ativa,
Coroar-te a fronte no porvir verei.

E a luz brilhante dessa c'roa bela
Sobre o gigante do Brasil 'stará,
E sobre as ninfas, as mimosas filhas
Da nossa terra seu clarão dará!

Então correndo da memória ao templo,
Deias a turma com cheirosas flores
De verdes louros ornar-te-ão a fronte,
E em honra tua entoarão louvores.

O que disseste, Luciana altiva,
No pátio seio, recolher-se irá,
Aberta a porta, para nós, das letras
A mulher livre entre nós será.

ATENEIA

27

a inteligência e a cultura, da MULHER, privando-a de colaborar, de mãos dadas, com o seu companheiro eterno — o HOMEM.

Se era mediocre e mesquinha a instrução da mulher como poderia ter oportunidade de revelar-se uma auxiliar eficaz nas ciências e nas letras, nas artes ou nos ofícios?

Continuando o curso de estudos daquela época, recebeu o «DIPLOMA ESCOLA» que lhe dava o direito à classificação de «adjunta» e desde então exerceu o magistério.

Casada com João José de Abreu e tendo uma filha, matriculou-se na Escola Normal, recém-criada naquele tempo. Terminado o curso foi nomeada professora da 2.ª cadeira do 3.º distrito, depois de longas perpécias, a 2 de maio de 1873.

Surgindo um movimento agitado e entusiasta em prol da instrução da mulher e de sua entrada em todas as academias, promovido pelo «PARTHENON LITERÁRIO», a professora Luciana foi convidada para subir à tribuna popular e desenvolver esse tema que tão bem se coudunava com suas idéias, seu preparo, tida, como era, entre todas, como a professora mais ilustrada e inteligente!

Aceitou o convite, preparou suas teses contínuas ou exposições, subiu à tribuna, concluiu os pais, o Governo, e a sociedade em geral, para trabalharem pro da — instrução da mulher!

A palavra ardorosa e persuasiva do beltrista de sua época, Dr. Caldre e Fião, não lhe regateia encômios; tece-lhe contínuos elogios, apresenta-a possuidora de cabedal preciosíssimo de elevada cultura; insere nas excepcionais páginas da «REVISTA PARTHENON LITERÁRIO» seus discursos, suas preleções, seus trabalhos literários.

O Dr. Caldre e Fião, além de ser um dos primeiros talentos nas letras, contemporâneo de D. LUCIANA DE ABREU, era também Inspetor Geral da Instrução Pública e Redator, Chefe da referida revista «Partenon Literário».

E com orgulho menciona que, nos diplomas de LUCIANA, seu nome ou assinatura confirmam os graus de «Distinção» que mereceu sempre.

Faz salientar sua cultura, seus dotes oratórios a par de uma admirável modestia.

Mas não é de estranhar: Os verdadeiros talentos são assim.

A geração atual tem o direito de perguntar quais eram os conceitos emitidos pela prelecionista oradora Luciana de Abreu há, OITENTA ANOS PASSADOS.

Vou citá-los resumidamente, pois em seus discursos ponderava:

«A sociedade moderna tende a reconhecer os direitos da MULHER, abre campo ao seu desenvolvimento moral, intelectual e científico.»

«As universidades da França, Suíça e dos Estados Unidos, países livres, dão testemunho da capacidade intelectual da MULHER.»

«O Brasil deve acompanhar o movimento progressivo e civilizador da época. Deve abrir os cursos científicos ao elemento feminino e animar sua vocação nas ciências, nas artes e na indústria.»

«A MULHER educada e convenientemente ilustrada é a que melhor preenche os deveres de sua sagrada e triplice missão de filha, esposa e mãe.»

«A sociedade que honra a MULHER moraliza-se, a que a escriviza, perverte-se.»

«O Brasil caminhará desfronçado no futuro para sua civilização e engrandecimento, educando e elevando a MULHER pela ciência e pela liberdade da escolha de profissões liberais.»

ATENEIA

29

LUCIANA DE ABREU nasceu a 11 de julho de 1847, conforme já disse, e faleceu aos 14 de junho de 1880, com 33 anos.

Seus biógrafos do «PARTHENON LITERÁRIO», entre esses o Dr. Vale, Achylles Porto Alegre, Mucio Teixeira e Bernardino dos Santos mencionam as mesmas datas.

Passaram mais anos... O Governo Municipal não a esqueceu... venerou-a, dando o seu nome a uma das ruas do aristocrático bairro — MOINHOS DE VENTO — desta cidade.

Passaram mais anos, muitos anos mais ou quase recentemente, a Instrução Pública glorificou-a como PROFESSORA, dando seu nome a um dos Grupos Escolares desta capital, onde ela aplinou os alicerces e a escada da instrução, ensinando a juventude de sua terra natal a subir os degraus, um por um, da cultura, da ilustração, das ciências e das lides literárias!

Para mais condignamente exaltar a homenagem que lhe prestamos escolhi-a para minha «PATRONA» porque, na qualidade de ACADEMICA tenho o direito de escolher alguém que se haja dedicado às letras para, em sua memória, prestar-lhe sagração póstuma.

Não tive vacilações, meu pensamento não dispersou tempo viajando pelos Estados de minha Pátria, que são opulentos e férteis em romancistas, poetas ou literatas!

Não saí do Rio Grande e a elegi, porque ela foi, como eu, professora e, quiçá, mais ainda, porque ela é filha do meu «RINCAO»!

E, se a imortalidade da alma não é visão ou quimera, ela aqui estará a meu lado, recebendo esta oferenda que a nossa ACADEMIA lhe consagra!

Nós, representantes da Academia Literária Feminina, rendemos o sincero preito de homenagem à memória de LUCIANA DE ABREU prelecionista; a LUCIANA DE ABREU — literata!



5) *Impressões de Leitura*: além do Editorial, é a seção com maior regularidade durante o período de veiculação da revista, estando ausente em apenas 3 das 48 edições. De acordo com Corrêa e Stephanou (2018a), diante de tal característica, “é possível afirmar que tal seção desempenhou um papel fundamental no intercâmbio cultural promovido pela entidade entre a sua comunidade leitora” (CORRÊA E STEPHANOU, 2018a, p.6). Foi redigida sob a responsabilidade, essencialmente, de três acadêmicas: Natércia Cunha Veloso, Stella Brum e Alzira Freitas Tacques, além de contribuições esporádicas de Déa Figueiredo e Aurora Nunes Wagner. Segundo as autoras, os comentários se caracterizam pelo tom pessoal e evidenciam “um caráter descritivo e qualificativo, apresentando-se a narrativa, os poemas ou crônicas em um texto normalmente gentil e elogioso” (CORRÊA E STEPHANOU, 2018a, p.7). Na análise de diferentes edições é possível notar que há uma relação entre o envio de livros para resenha e uma proximidade com a Academia ou com as editoras responsáveis. Por sua associação direta ao contexto institucional, ao se colocar como uma seção que recomenda obras literárias com a chancela da ALFRS, a editoria se propõe como referência legitimada para as leitoras, que partilham interesses e habilidades interpretativas aproximadas.

6) *Na Ribalta*: também uma coluna com expressiva regularidade, não foi publicada somente em 6 dentre as 48 edições, tendo-a em todas as demais. Na sua página de estreia, na edição de número 2, anuncia-se como um espaço para entrevistas com as intelectuais, entre as quais a primeira foi a acadêmica Stella Brum. As perguntas, como referido na página inaugural da seção, centram-se nos aspectos da produção literária, quando se trata de escritoras, e focam em aspectos amplos da vida profissional e cultural, ao ampliar-se o leque de entrevistas para mulheres com posição de destaque nas mais diversas áreas. Sob responsabilidade de Natércia Cunha Veloso, com esparsas contribuições de outras acadêmicas, a editoria se caracteriza pela descrição da ocasião da entrevista e pela apresentação de perguntas e respostas em formato de questionário. Dadas as questões envolvidas na seleção prévia das entrevistadas e no aceite ao convite feito pela publicação, não se pode desconsiderar a importância decisiva da rede de sociabilidades e do aporte institucional investidos na seção.

Figura 25 – Exemplo da editoria *Impressões de Leitura*
Número 26, 1958, página 58

58

A T E N É I A



Impressões de Leitura

Escreve
STELLA BRUM

“PAISAGENS DO MEU DESTINO” — Poesias — Carlyle Martins —
1957 — Editora Minerva — Fortaleza.

Tudo quanto pudesse ser dito através da palavra, escrita ou falada, certamente que muito pouco representaria, para que indicada fosse a superlatividade da beleza contida nos versos do sr. Carlyle Martins.

Não é raro encontrarmos autores de valor renomado. Nossa terra é fértil na apresentação de intelectuais, clássicos e modernistas. Se todos conseguem despertar atenção, nem todos no entanto logram o aplauso do público e a compreensão dos leitores.

Não possuímos espírito derrotista, mas inúmeras vezes temos escutado queixas contra o hermetismo dos modernistas. Figuras exponenciais da literatura moderna, aceitas pelos críticos e até mesmo detentores de auréola consagratória não conseguem penetrar na alma do povo que, pela falta de compreensão passa a ignorá-los. E não admira que assim seja, pois, na literatura em geral e principalmente na poesia, quando o sentimento desaparece ou é oculto pela forma, certamente que só poderá ser aceita por um grupo muito reduzido.

Nos versos do sr. Carlyle Martins, não somente no livro que ora temos em mão, mas em toda a sua obra poética, desde o “Evangelho do Sonho”, publicado em 1931, até ao presente “Paisagens do Meu Destino”, possuem a essência do sentimento criador aliada à perfeição da forma poética. O próprio título do livro é uma mensagem de poesia. Através da frase: “Paisagens do Meu Destino” o leitor claramente, com a rapidez da naturalidade pode formar no quadro mental do seu intimismo a paisagem de uma existência.

Os versos do sr. Carlyle Martins são formados pela própria substância que reside na alma dos verdadeiros poetas. Um temário construtivo onde as nuvens aparecem algumas vezes para que o sol possa sobressair em amplitude.

A descrição é revestida de firmeza e o climax dos decassílabos e alexandrinos geralmente exprimem uma filosofia acomodada ao variado das situações, porém com habilidade sóbria e sem afetação.

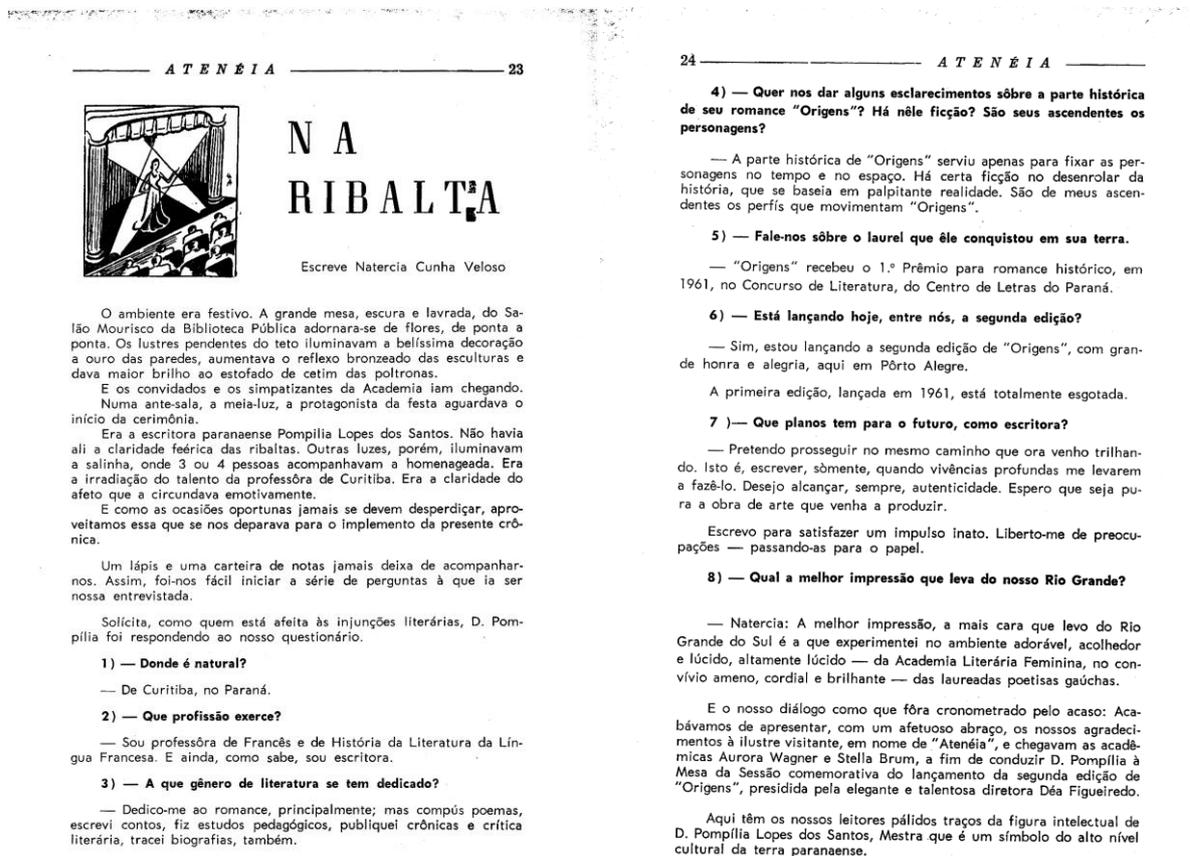
“Paisagens do Meu Destino” é um livro que possui a grandiosidade de forma e a singeleza do sentimento humano decantado com sentimento e maestria.

.....

LIVRARIA EDITORA BRASILEIRA EM PORTUGAL — Nosso patrio e confrade Anibal Mendes, radicado em Portugal comunica-nos a fundação de uma livreria brasileira na cidade universitária de Coimbra, Portugal que girará sob a denominação A. Mendes Ltda. e que visa a difusão da cultura brasileira em Portugal e países latinos. O envio de livros para venda sob consignação deve ser endereçado para o referido homem de letras, em Porto Bardalo, Mesura — Santa Clara — Coimbra — Portugal.

Acervo da ALFRS – Imagem reproduzida pela pesquisadora

**Figura 26 – Exemplo da editoria *Na Ribalta*
Número 35, 1962, páginas 23 e 24**



Acervo da ALFRS – Imagens reproduzidas pela pesquisadora

7) *Entrevista*: de veiculação esporádica, pode até mesmo não ser considerada uma editoria, mas foi selecionada para análise justamente por essa característica. Dado que não é frequente, quando comparece, indica que o tema tratado é considerado relevante e de provável interesse da comunidade leitora. Com sete ocorrências em 48 edições, abordou assuntos como educação, cultura e feminismo.

8) *Festim das Musas*: seção dedicada a registrar as comemorações relacionadas à Academia e à *Atenéia*, como celebrações de aniversários e conquistas relevantes. O título remete às celebrações mitológicas, integrando-se ao contexto do título da publicação. Caracterizada pela presença de fotos do evento e por um breve texto descritivo da solenidade, pode também ser compreendida por um viés de aproximação às leitoras, que venham a sentir-se partícipes da ocasião.

Figura 27 – Exemplo da editoria *Entrevista*
Números 46 e 47, 1968, páginas 58 a 61

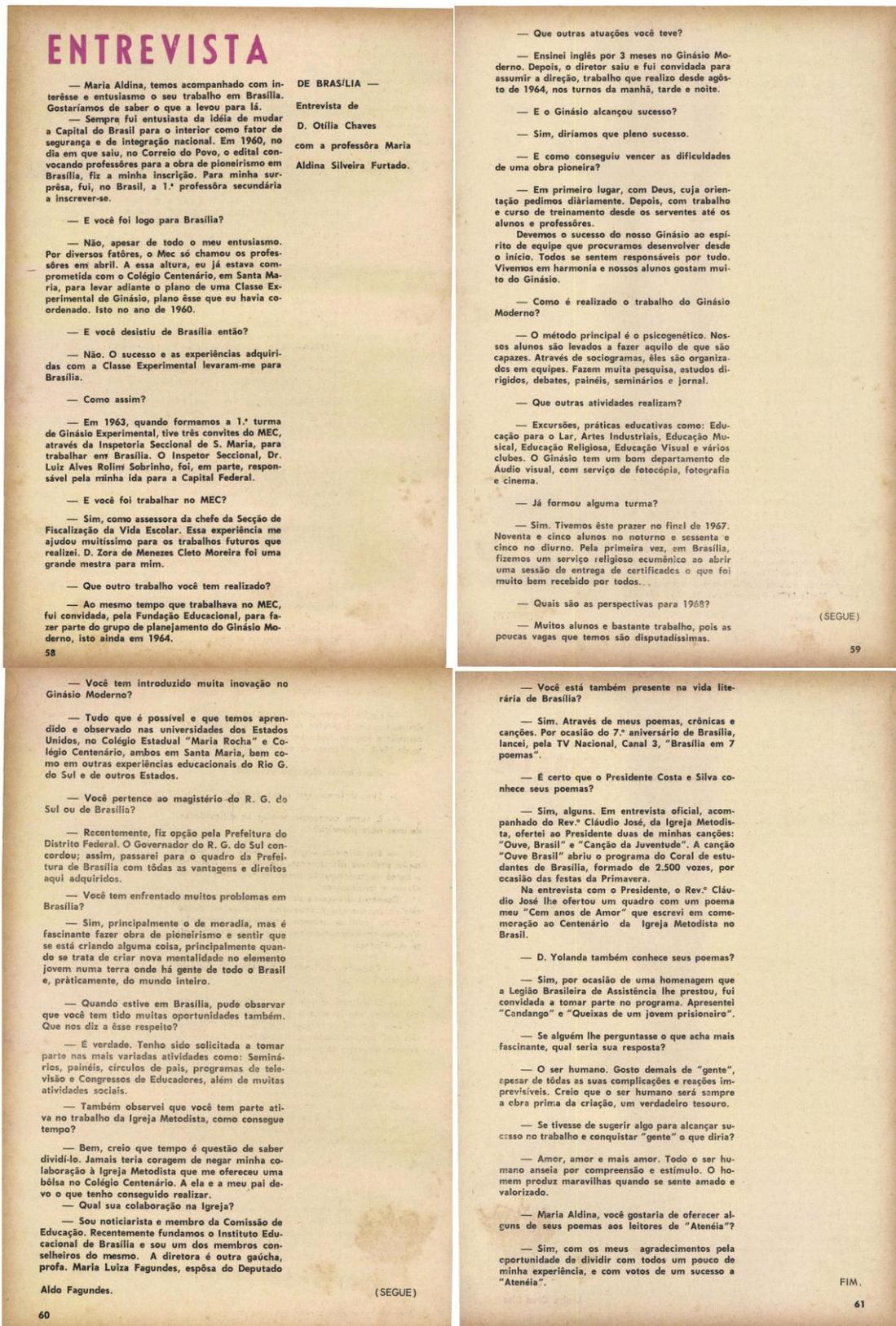
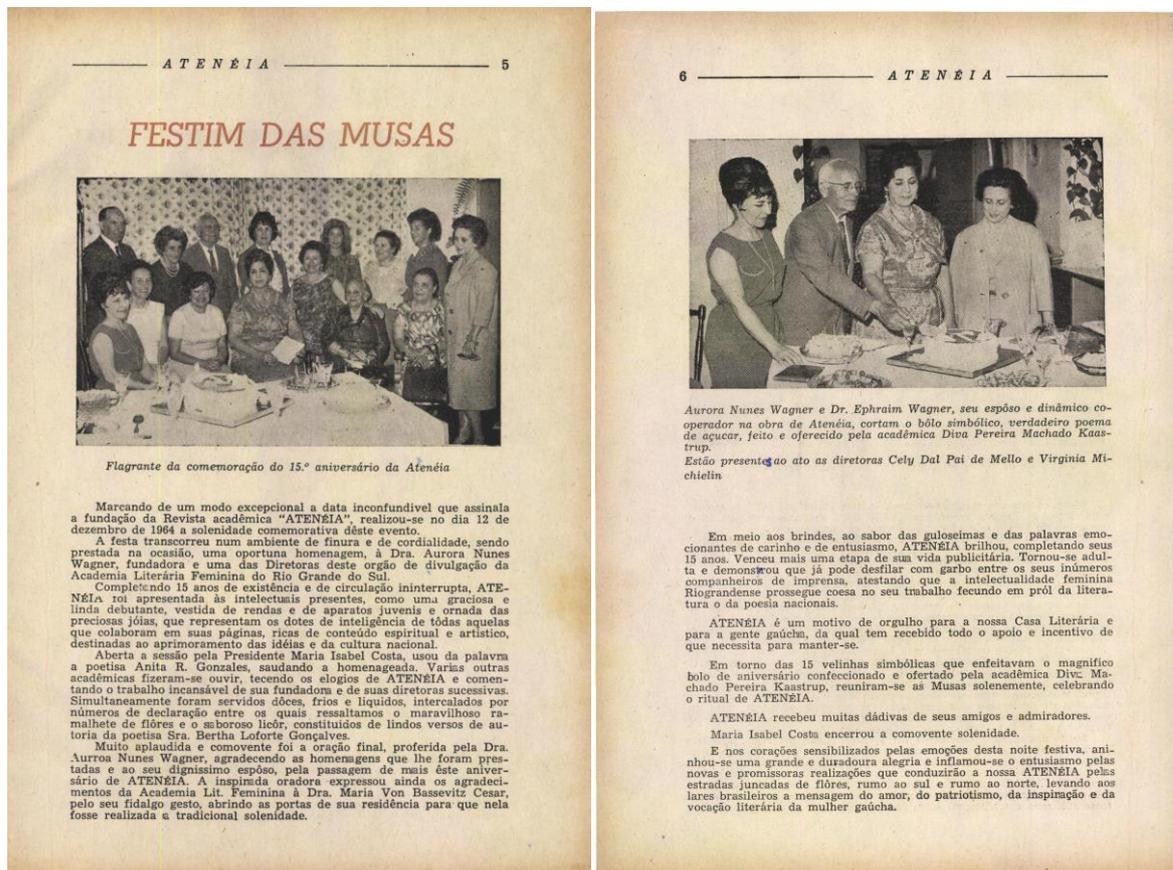


Figura 28 – Exemplo da editoria *Festim das Musas*
Número 39, 1964, páginas 5 e 6



Acervo da ALFRS – Imagens reproduzidas pela pesquisadora

9) *Livros Novos*: possui uma abordagem muito semelhante à da seção *Impressões de Leitura*, porém, com textos mais breves. Ao invés de uma ou, no máximo, duas obras, são elaborados pequenos comentários de diversos livros recentemente publicados, com duas a cinco linhas cada. Diante do volume de publicações à espera de resenhas, nem todas possíveis de serem contempladas em um espaço maior, essa editoria atende à demanda de difundir, em maior quantidade, obras que foram enviadas às acadêmicas justamente com esse propósito. Em 48 edições, não foi publicada apenas quatro vezes, o que sugere a sua relevância como um espaço de promoção da cultura literária perante a comunidade de leitura e de inserção da Academia em uma rede de sociabilidades a ser cultivada.

10) *Biblioteca*: é, também, uma editoria de caráter literário intimamente imbricada ao propósito institucional. Registra livros, jornais e revistas recebidos pela ALFRS com

o objetivo de compor o acervo da biblioteca da entidade. Comparece nas edições de 1 a 6 e, depois, é retomada nas edições 42 e 43, 44 e 45 e 46 e 47. Nessas últimas, assemelha-se bastante à proposta da seção *Livros Novos*. As tentativas de mapear a quantidade e a origem das publicações recebidas, referidas tanto nessa editoria quanto na anterior, ultrapassam as possibilidades dessa dissertação, pois perfazem uma quantia expressiva. Contudo, é possível identificar origens das mais diversas, tanto do Brasil quanto do exterior, dando a ver que o acervo referido nessas páginas pode estar intimamente ligado às seções de *Intercâmbio Estrangeiro* e *Nacional*. Ceará, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná são alguns estados com publicações identificadas. Quanto ao exterior, comparecem países como Argentina, Uruguai, Portugal, Itália e México. Em uma relação que pressupõe permuta, conforme destacado no expediente da revista, tudo leva a crer que *Atenéia* também tenha circulado por tais localidades.

Figura 29 – Exemplo da editoria *Livros Novos*
Número 16, 1955, página 61

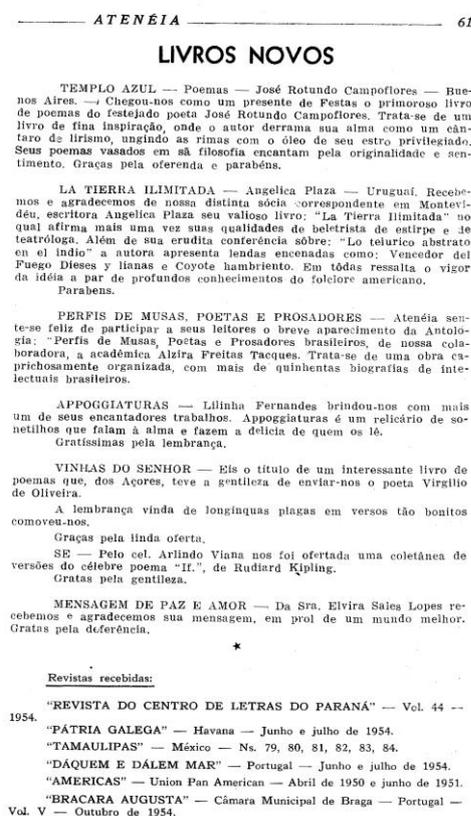


Figura 30 – Exemplo da editoria *Biblioteca*
Número 4, 1950, página 118

118

ATENÉIA

BIBLIOTECA

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

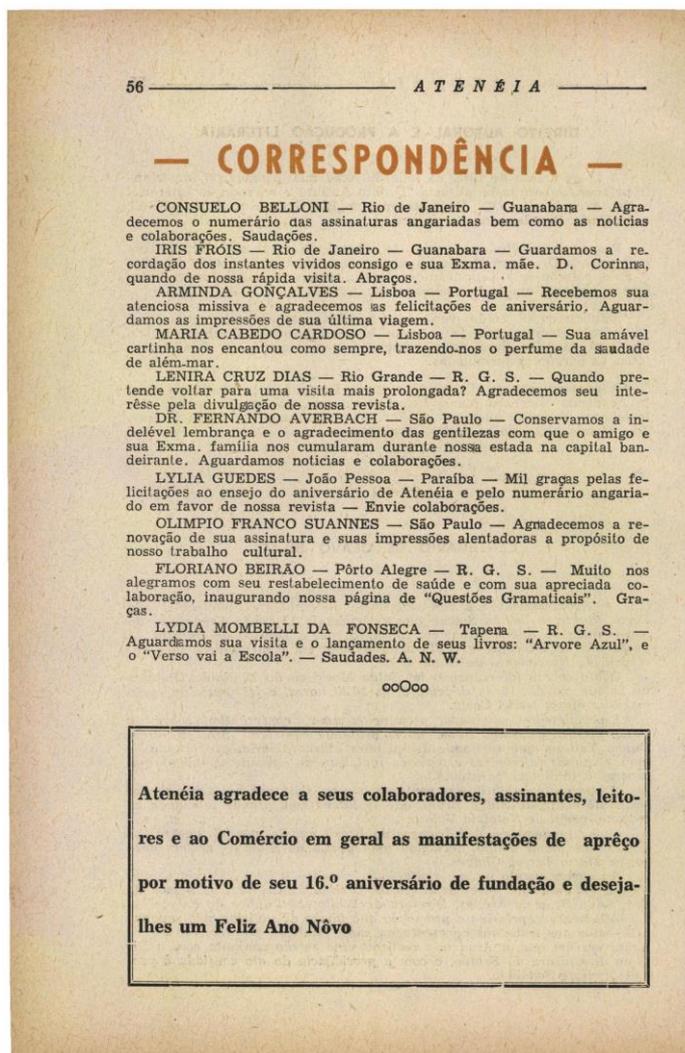
- "*Quinze canções apenas*" — Justo Ferreira da Silva — POESIAS — Rio de Janeiro.
- "*O mesmo amor nos nossos corações*" — Virginia G. Tamanini — POESIAS — Vitória — Espírito Santo.
- "*Teia de Sonhos*" — Natércia C. Veloso — POESIAS — Pôrto Alegre.
- "*Sínteses Literárias*" — Opúsculo — Buenos Aires, n.º de abril, maio, junho, julho e agosto de 1950.
- "*A Violeta*" — Revista n.º 331 — Diretora: Maria Dimpina — Cuiabá — Mato Grosso.
- "*Orquidários Científicos*" — Maria Stela de Novaes. BOTÂNICA — Vitória — Espírito Santo.
- "*Buenos Aires*" — Revista — Administración General de Parques Nacionales e Turismo.
- "*Constituição da Nação Argentina*" — Opúsculo — Sancionada pela Convenção Nacional Constituinte a 11 de março de 1949 — B. Aires.
- "*Centro Gaúcho*" — São Paulo — Boletim n.º 96.
- "*Catálogo — Primeira Exposición del Libro Femenino Americano*" — Escritoras: Haydée Recayte, Ofélia Huertas Oliveira y Blanca Sosa Mendy.
- "*Notícias de Portugal*" — Boletim — Secretariado Nacional da Informação.
- "*Vanguarda*" — Jornal — Caruaru — Pernambuco. Dr. José Carlos Florêncio — Julho — 1950.
- "*El Concepción*" — Jornal — Mayo, 1950. Administración: Franco y Pedro J. Caballero.
- "*El Quijote*" — Jornal — Montevideo — Júlio e Agosto. Administrador: Saturnino Rios.
- "*La Garde d'Honneur del Libertador*" — Haiti — Pierre Moravial Morpeau.
- "*Comité de las Américas de la Liga Internacional de Mujeres pro Paz y Libertad*" — Boletim — Washington 6, D. C., E. U. A.
- "*FENIX*" — Julio, 1950, n.º 4 — Periódico — Uruguay — Montevideo.
- "*Revista do Agreste*" — Revista n.º 2 — Dr. Mário Alves da Costa — Caraurú — Pernambuco.
- "*Frases del "Quijote" en el lenguaje antioqueño*" — Antônio Sierra — S. — Notas para una conferencia — Columbia — (Publicación de La Revista Universidad de Antioquia).
- "*Mujer y Hogar*" — Semanário ilustrado — São José, Costa Rica — julho, 1950 — Carmen Cornejo M., Administradora.
- "*Universidad de Buenos Aires*" — Boletim — Ministério de Educacion — Octubre 1949, año 3, n.º 36.
- "*Jornal de letras*" — Rio de Janeiro, maio de 1950.
- "*Ordenanza-Comission Municipal de Cultura*" — Concórdia (Entre Rios) Concejo deliberante de la municipalidade de Concórdia.
- "*Aspiração*" — Poesias — Eloah de Oliveira.
- "*O Livro de Egíia*" — Crônicas — Fernando Borba — P. Alegre.
- "*Evangelho da bondade*" — Poesias — Afonso Lopes de Almeida — Rio.
- "*Os mestres da música*" — Biografias — Alberto Montalvão — Rio.
- "*Terra Vermelha*" — Teatro — Justo Ferreira da Silva — Rio de Janeiro.
- "*Pétalas ao Vento*" (Haikais) — Poesias — Fany Luiza Dupré.

11) *Correspondência*: é o espaço de comunicação entre a equipe editorial e as sócias correspondentes, nomenclatura referida no início dessa seção. Geralmente, eram integrantes do quadro social e escritoras residentes em outros estados ou países, com as quais as editoras mantinham contato por meio dessa editoria para agradecer o envio de textos ou para lembrar que o prazo de envio das colaborações literárias estava por se encerrar. Em alguns casos, faziam breves questionamentos sobre viagens, elogios por publicações recentes ou sessões de autógrafos, e comentários de ordem mais geral. Sua publicação entre os números 1 e 8, 10 e 18 e 23 e 41, concentrando-se, portanto, nos primeiros anos de existência do periódico,

sugere uma comunidade de escrita e de leitura vinculada à *Atenéia* em maior atividade nesse período. Nas últimas edições em que foi veiculada, serviu também para a comunicação com alguns assinantes do periódico e colaboradores variados.

Figura 31 – Exemplo da editoria *Correspondência*

Número 41, 1965, página 56



Acervo da ALFRS – Imagem reproduzida pela pesquisadora

12) *Noticiário acadêmico*: presente em todas as edições, como o nome refere, é a coluna dedicada a registrar os acontecimentos institucionais, desde visitas recebidas a participações em eventos, incluindo viagens, saraus, palestras, congressos etc. Posses de novas diretorias, tanto da instituição quanto do periódico, compõem nessas páginas em algumas edições. Em outras, ganham um lugar de destaque,

separado. Trata-se de uma coluna com o objetivo de tornar perenes as realizações institucionais do período entre cada edição, servindo como um documento de visibilidade às atividades desenvolvidas e de aproximação à comunidade leitora (de modo semelhante ao *Festim das Musas*). Cumpre, também, o papel de produzir acervo para consultas posteriores relativas à ALFRS e ao seu quadro acadêmico.

13) *Sociais* ou *Ecos Sociais*: faz referência a aniversários, nascimentos e casamentos de pessoas próximas ao círculo das acadêmicas, como familiares ou amigos, ou a personalidades da sociedade da época. De uma certa maneira, destoa das demais seções, visto que não possui uma vinculação imediata com a literatura. Sua presença pode ser compreendida, por exemplo, por meio das relações pessoais e institucionais imbricadas na produção e circulação do periódico. Dado que a revista necessitou de assinantes e anunciantes para sobreviver, a divulgação e o reconhecimento de passagens significativas da vida de alguns apoiadores pode ter sido uma estratégia de estreitamento de laços com tais grupos.

Figura 32 – Exemplo da editoria *Noticiário Acadêmico*
Número 23, 1957, páginas 63 e 64

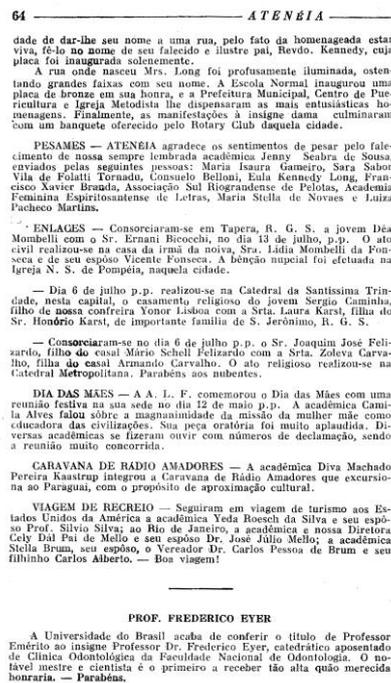


Figura 33 – Exemplo da editoria *Sociais* ou *Ecossociais*
Número 13, 1954, páginas 70 e 71

70 ————— ATENEIA —————

ECOS SOCIAIS



Homenagem de despedida da colônia rio-pardense e da A. L. F. à intelectual Palmira Saldanha Rasche, quando de sua recente visita ao Rio Grande do Sul.



Momento em que foi assinada a escritura de compra e venda do apartamento destinado à sede própria da A. L. F.

————— ATENEIA ————— 71



Ato de posse do Dr. Carlos Pessoa de Brum, no cargo de Delegado Regional do Saps.



Aspecto da homenagem dos amigos e admiradores do Dr. Carlos Pessoa de Brum, por motivo de sua investidura na direção do Saps.

Acervo da ALFRS – Imagens reproduzidas pela pesquisadora

14) *Impressões de Atenéia*: editoria de breve existência, concentrada nos primeiros anos do periódico e, depois, com ocorrências esparsas. Reúne comentários e observações elogiosos sobre a revista. Nas primeiras edições, apresenta uma série de correspondências de personalidades da época, como do então governador Walter Jobim e sua esposa, a primeira-dama Ana Jobim, além de integrantes da Academia Sul-Riograndense de Letras e de diretorias de jornais, como O Correio do Povo. O texto das cartas normalmente refere-se ao fato de terem recebido a publicação, do que se depreende que foi uma atitude para promover o periódico entre os mais altos círculos de interesse, dos quais o apoio seria bem-vindo. Nas edições seguintes, também se fazem presentes comentários de correspondentes no Brasil e no exterior, inclusive por meio de transcrições recolhidas de jornais do Rio de Janeiro e de Maceió. De maneira bem clara, o objetivo da seção está explícito: o de concorrer para o êxito da publicação, tornando-a conhecida e reunindo opiniões de pessoas com credenciais (sociais, políticas ou literárias) para avaliar o trabalho.

Figura 34 – Exemplo da editoria *Impressões de Atenéia* Número 2, 1950, páginas 121 a 124

ATENEIA 121

IMPRESSÕES DE "ATENÉIA"

1

Do CORREIO DO POVO — Porto Alegre

"Tivemos o prazer de receber um exemplar da revista "Atenéia"

Essa publicação é o órgão da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e o seu primeiro número, que temos à vista, apresenta matéria de invulgar interesse para os círculos literários do Estado, destacando-se muitos artigos, sonetos, poesias, além de grande número de ilustrações de salientes figuras da Academia e acontecimentos de atualidade."

Do JORNAL DO POVO — Cachoeira do Sul.

"Temos em mão o primeiro número de "ATENÉIA", órgão da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, entidade que congrega as maiores expressões da inteligência da mulher gaúcha.

"ATENÉIA" impressiona pela impecável feição grá-

MOSQUITEIROS - CORTINADOS
ENXOVIAS PARA NOIVAS

Comprem diretamente na

FABRICA NELLY

Tule de seda n/ruva, larg. 1,50 mts. Cr\$ 50,00
Mosquiteiros, diâmetro . . . 90,00
Mosquiteiros bordados, . . . 130,00

Cortinados para criança - 110,00
Acolchoados Lajú, 3 panos - 350,00
Doréis Lux, bordados, com franjas - 260,00
Colchas de seda, casal - 130,00
Jogos de Cretones de luxo, casal - 120,00
Algodão para lençóis larg. 1,40 mts. - 12,00
Cretones em cores, metro - 18,50

Atalhados, Grinaldas, Váus, etc.

FABRICA NELLY
Rua do Rosaio, esquina Riachuelo
FONE 7407

Fábrica Rossi

FARRAPOS 2422
FONE 2-20.87

•••

CARROS BERÇOS
CERCADINHOS
JEEPS-PATINETES
MÓVEIS PARA JARDINS
FOGÕES
CAMAS

•

VAREJO:
Rua Uruguai, 282

ATENEIA 123



Nossa Diretora, em seu gabinete de trabalho, exulta com o sucesso de Atenéia.

Do Prof. Thilgo Würth, da Academia Sul Riograndense de Letras:

"Obrigado pela revista. É uma realização admirável e uma boa lição. Admiro sempre mais o dinamismo de seu grupo "Excelsior"!"

Da escritora CÂNDIDA MARIA SANTIAGO GALENO da Ala Juvenal Galeno — Fortaleza — Ceará.

"ATENÉIA" foi um dos melhores presentes que recebi ao encerrar-se 1949, e só um mundo de afazeres conteria o meu impulso imediato de vir de pronto trazer-lhe e à valerosa e intrépida Academia Literária Feminina, os meus parabens, os nossos aplausos mais calorosos."

Do jornalista e Prof. ARCHYMEDES FORTINI — Porto Alegre.

Muito obrigado pela honrosa oferta. Li os vários trabalhos e, como riograndense, vibrei de entusiasmo pela produção brilhante da alma da mulher gaúcha.

Devemos orgulhar-nos dessa valiosa contribuição, que cada vez mais enaltece a inteligência e a cultura riograndense.

Renovando meus calorosos cumprimentos, solicito a fineza de extendê-los às suas colegas, com os votos para que "Atenéia" viva em todos os corações dos amantes de letras."

122 ATENEIA

fica de suas 120 páginas, nas quais encontram divulgação, primorosos trabalhos de poesias e escritoras riograndenses. No primeiro número, é também publicada, uma mensagem do governador Valtér Jobim à mulher riograndense."

Do JORNAL DO COMÉRCIO — Cachoeira do Sul.

"O COMÉRCIO", ao completar o seu cinquentenário, neste 1.º de Janeiro de 1950, registra com ufania "Atenéia" que surge sobranceira, emergindo das ondas rendilhadas, entre Atrodite, a excelsa companheira e um cortejo de "ninfas namoradas", desejando-lhe por isso o mais promissor futuro."

Da. Exma. Sra. ANA N. JOBIM
1.ª dama do Estado.

"Apraz-me a gentileza do oferecimento de um exemplar do número de Outubro de 1949, da esplêndida revista "ATENÉIA", na qual vêm reproduzidos o brilhante discurso proferido pela Exma. Sra. Universina de Araújo Nunes e a notável conferência pronunciada pela dd. Dra. Maria Pavão von Bassevitz, durante a desvanecedora homenagem com que me homenageou esse agosto socialício.

Folgo em reter, nesta feliz oportunidade, meus louvores àquelas fulgurantes páginas literárias, nas quais as respectivas autoras fazem gala de seus dotes de inteligência e cultura.

Valho-me da oportunidade para renovar os meus protestos de cordial estima e admiração."

Do escritor OLYNTO SANMARTIN da Academia Sul Rio Grandense de Letras. — Porto Alegre.

"Recebi e li atentamente Atenéia, primeiro número da bela revista publicada pela Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul presidida pelo seu brilhante e esclarecido espírito. É uma publicação que se recomenda pela variedade dos temas que encerra seu texto onde não falta finura intelectual nem as superiores concepções de arte.

Predominam, os altos ideais de beleza e de cultura."

Da revista CRUZEIRO — Rio de Janeiro.

"ATENÉIA" Órgão da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Revista bem feita destinada a um papel cultural de relevo, exprime o alto nível intelectual da mulher gaúcha, que muito poderá fazer através de sua Academia e de sua revista pelo maior entendimento entre as mulheres brasileiras."

124 ATENEIA

Do poeta e Prof. JOSÉ SUCASAS Jor.
Reitor do Instituto União — Uruguiana.

"Fiquei surpreendido com a visita inesperada da magnífica "Atenéia", que me trouxe os traços artísticos da mulher gaúcha em rutilantes páginas de intelectualismo. Neia aparece o estilo delicado e graciel que dá um sabor de amoraço ao ávido leitor. Como manjar fino ao espírito, sua revista faz lembrar as tamaras recamadas de sazoados e deliciosos frutos, que se oferecem ao beduino curvado ao sol e ao cansaço que, ao depois, de saborear as apetitosas tâmaras, repousa à sua sombra amena e convidativa. Em outro aspecto, ela nos transporta ao pé da Castália ou ao cimo do Olimpo para o descortino do cosmorama helênico, onde nasceram as duas árvores do espírito: a Arte e a Filosofia."

Do escritor ALVARO PORTO ALEGRE da Academia Sul Riograndense de Letras.

"..... Uma agremiação que atrai à luz da publicidade uma revista como "Atenéia" não merece somente gabos os mais entusiásticos e aplausos os mais frementes, mas, sobretudo, a gratidão de um povo, se este povo não rolou num plano inclinado de ridicularias e futilidades.

"Atenéia" nasceu vitoriosa. E vitoriosa se ostenta por entre vibrantes aclamações e estuantes hosanas, tremulando com galhardia, sob o azul macio do nosso céu encantador, o seu penão glorioso, admirado com justiça por todos aqueles em quem o fogo do patriotismo ainda se não mostrou arrefecido.

Sinceros parabens às denodadas batalhadoras que tão nobremente estão procedendo, fazendo culminar em pináculos invejáveis, inundados de luz aurifulgente, o nome do Rio Grande do Sul."

Do Sr. Santiago Gastaldi, Diretor da "Confraternité Universelle Balzacienne", de Montevéidú, recebemos a gentilíssima mensagem:

"Magnífica expresión espiritual, es esta paloma mensajera que en vuelo mágico recorre el mundo; lleva ella en sus alas de seda blanca, la cálida palabra de mujeres idealistas; y entre hojas blancas, el arrullo de esos versos tan amorosos, tan humanistas, llenos de un amor puro, que las poetisas gauchas han sabido impregnar de esa fragancia de provincia, que es el reflexo fiel de la voz del terreno.

A todas mis mas sinceras felicitaciones y el profundo reconocimiento. Vuestro amigo y compañero de ideales — Santiago Gastaldi

O detalhamento minucioso tornou possível vislumbrar as características que compõem as colunas de caráter institucional da publicação e, a partir delas, a expectativa da abordagem editorial em relação à comunidade de leitura almejada. Marcadamente, o caráter de intercâmbio cultural permanece, conferindo à revista um significado de aproximação e compartilhamento de experiências literárias e intelectuais. A partir dessa constatação, encaminho-me para o tópico de encerramento, com foco no papel de mediação exercido pelas editoras de *Atenéia*.

5.3 INTERVENÇÕES EDITORIAIS: MEDIAÇÃO ENTRE DOIS MUNDOS

Na abertura desta seção, citei brevemente as relações de construção entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”. Chartier (1992) vislumbra um ponto de tensão nesse encontro: quem deve ser colocado no centro da história da leitura, o leitor ou o texto que é oferecido à leitura? Como considerar, em um mesmo cenário, a liberdade de cada leitor de exercer uma prática singular, individual, com as intenções de autores, editores e produtores dos textos e suas coerções que buscam conduzi-lo a uma compreensão específica e autorizada?

É necessário, inicialmente, historicizar as definições de “mundo do texto” e “mundo do leitor”. Segundo o historiador francês, o caminho para compreender essa tensão não é excludente ou unilateral, mas complementar. Para tanto, sinaliza duas abordagens: a primeira é reconstruir, a partir de vestígios muitas vezes raros, a diversidade das práticas de leitura mais antigas; a segunda, identificar as estratégias adotadas por autoridades e editores na tentativa de conduzir a uma leitura autorizada. Afinal, “conduzido ou encurralado, o leitor encontra-se invariavelmente inscrito no texto, mas este, por sua vez, inscreve-se de múltiplas formas em seus diferentes leitores” (CHARTIER, 1992, p. 215).

Esta última perspectiva é especialmente fecunda para aprofundar a reflexão sobre *Atenéia*, visto que, entre as estratégias adotadas na tentativa de orientar as práticas de leitura e, de certo modo, conduzir à interpretação correta, estão a censura e o controle do texto, mas também as intervenções editoriais, que conjugam diferentes atores nos distintos recortes espaço-temporais. Desde o autor que produz um manuscrito até o editor, passando por tipógrafos, revisores ou livreiros, esta é uma abordagem que se aproxima do chamado “mundo do texto” (CHARTIER, 2002).

Para compreender tal definição sob a perspectiva histórica, a descrição literária feita por Miguel de Cervantes de uma visita de Dom Quixote a uma tipografia, na segunda parte do seu clássico romance, aproxima-se do contexto da impressão na Europa do século XVII. As principais tarefas realizadas incluíam a tiragem, a correção, a composição e a paginação. E os responsáveis por essas atividades eram os impressores, os revisores (que faziam desde a correção ortográfica até a censura do texto) e os tipógrafos. Desse modo, para compreender o processo de apropriação do leitor, é preciso não apenas considerar as habilidades partilhadas por uma determinada comunidade, seus hábitos e práticas, mas também “a caracterização dos diferentes efeitos produzidos nos textos por suas distintas formas de publicação e de transmissão” (CHARTIER, 2002, p. 59).

Esse processo pode ser compreendido como mediação editorial, que também precisa ser historicizada. Segundo Chartier (2002), no “antigo regime tipográfico” da França dos séculos XVI e XVII surge uma fórmula editorial que caracteriza a Biblioteca Azul, baseada essencialmente em suas características materiais, como formato, papel, caracteres e ilustrações. De todo modo, intervenções como a supressão ou o aumento de parágrafos, a simplificação das frases e a censura do conteúdo também se constituem como elementos importantes, bem como a organização dos textos de forma a compor séries por gênero, temática, modalidades de uso etc.

Esse recorte é comandado pela ideia que têm os editores das competências e dos hábitos de leitura do público que pretendem atrair – uma leitura frequentemente interrompida, que exige pontos de referência explícitos, que somente se sente à vontade com sequências breves e fechadas sobre si mesmas. (CHARTIER, 2002, p. 69 e 70)

Ainda nesse contexto, ao indicar o surgimento da profissão específica de editor (sem vinculação com os ofícios de livreiro ou de tipógrafo), Chartier define a edição como “o momento em que um texto se torna um objeto e encontra leitores” (2001, p. 44 e 45). Assim, é viável considerar a edição como uma ponte entre esses dois mundos de que fala o autor, talvez um pouco mais inclinada aos processos produtivos, mas muito atenta à comunidade de leitura.

Conforme Porto (1958), o termo *editar* se refere a “publicar e pôr à venda obra impressa em forma de livro, folheto, estampa ou periódico; edicionar, editorar” (PORTO, 1958, p. 124). A palavra tem origem no latim, *edere*, e significa publicar,

dar à luz. Aqui, é interessante questionar: quais as intervenções que determinaram, em *Atenéia*, o repertório a ser tornado público e a ganhar visibilidade?

A respeito do impresso produzido pela ALFRS, examinado sob suas características materiais e textuais, é possível afirmar que as escolhas editoriais adotadas pelas diretoras fortaleceram a imagem da revista nas duas principais abordagens às quais ela se propôs: literária e institucional. O formato do suporte, segundo o que já foi discutido na seção 4, remete ao conceito de livro e privilegia a formação de uma coleção.

As seções fixas, de caráter marcadamente institucional, vinculam de maneira simbiótica o periódico à entidade. Até mesmo certa regularidade observada na apresentação gráfica e na estrutura dos textos contribui para essa perspectiva, demonstrando uma posição sólida e estável da Academia. Nesse sentido, as intervenções editoriais se destacaram no sentido de investimentos pontuais e específicos em inovações que fossem de encontro aos objetivos da instituição.

Retomando Chartier (2002), esse conjunto de procedimentos relacionados aos modos de publicação e de transmissão produziu diferentes efeitos na comunidade de leitura almejada. Tal grupo, evidentemente, não pode ser homogeneizado; por outro lado, não é errado presumir que seus integrantes partilham de algumas habilidades, que também impactam no processo de mediação editorial.

Em relação à *Atenéia*, dadas as evidências recolhidas no impresso, insinua-se que as editoras se dirigiam a uma comunidade de leitura muito semelhante ao contexto em que elas se viram inseridas: mulheres escolarizadas dos segmentos médios urbanos, escritoras ou apreciadoras de conteúdos literários, com algum capital cultural no qual estavam contempladas possibilidades de viagens, participações em eventos artísticos, reuniões e encontros sociais.

A revista não se caracterizou, portanto, por um conceito predominantemente formativo, ou de sensibilização à literatura de um público sem afinidade com o universo das letras. Ela se posicionou como um veículo de fruição da criação literária para aquelas que já se interessavam por tal expressão artística, oferecendo possibilidades de aprofundar conhecimentos e estabelecer vínculos com outras pessoas, sobretudo mulheres, que compartilhavam de anseios semelhantes. As intervenções editoriais adotadas ao longo de 23 anos de circulação do impresso não se desviaram desse propósito.

De todo modo, apesar dos protocolos e prescrições na tentativa de estabelecer uma leitura tutelada, o território das práticas integra o chamado “mundo do leitor”. Para dar conta dessa aproximação, Chartier (2001) sinaliza um caminho de investigação que considera adequado:

Parece-me que o que podemos fazer na história da leitura não é restituir as leituras de cada leitor do passado ou do presente, como se tratássemos de chegar à leitura do primeiro dia do mundo, mas sim, organizar modelos de leitura que correspondam a uma dada configuração histórica em uma comunidade particular de interpretação. Desta maneira, não se consegue reconstruir a leitura, mas descrever as condições compartilhadas que a definem, e a partir das quais o leitor pode produzir esta criação de sentido que sempre está presente em cada leitura. (CHARTIER, 2001, p. 32 e 33)

Revela-se, portanto, uma indicação de análise de vestígios que possam auxiliar a investigar práticas de leitura na configuração histórica de uma comunidade particular de interpretação. Para isso, as relações com o suporte e com o texto igualmente ocupam um lugar central, em concordância com os procedimentos metodológicos adotados até aqui. E, como se mostra no caso de *Atenéia*, vinculam-se às características de uma determinada comunidade interpretativa em dado momento histórico.

O historiador alerta que, apesar de a iconografia representar os leitores em contextos de maior liberdade a partir do século XVIII, esta não é uma condição absoluta. Afinal, “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela própria atravessada por aquilo que faz com que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade” (CHARTIER, 1998, p. 91 e 92).

Em complementaridade aos conceitos de “mundo do texto” e do “mundo do leitor”, que se aproximam por meio dos processos editoriais, Darnton (2010) contribui com essa dissertação a partir de uma outra proposição, relacionada ao circuito de comunicação estabelecido na história do livro.

Ele se atém diretamente a esse tipo de publicação, mas nesta dissertação procuro demonstrar que a estrutura analítica definida pelo autor é válida para pensar sobre *Atenéia*. Em linhas gerais, identifica todos os agentes envolvidos na cadeia produtiva de um impresso e suas vinculações nas diferentes etapas. Engloba profissionais, atividades, insumos, estruturas, aspectos financeiros, conjuntura social

e econômica, condições técnicas e inúmeros outros elementos fundamentais para que uma publicação seja efetivamente colocada em circulação.

Figura 35 – O circuito de comunicação de Robert Darnton

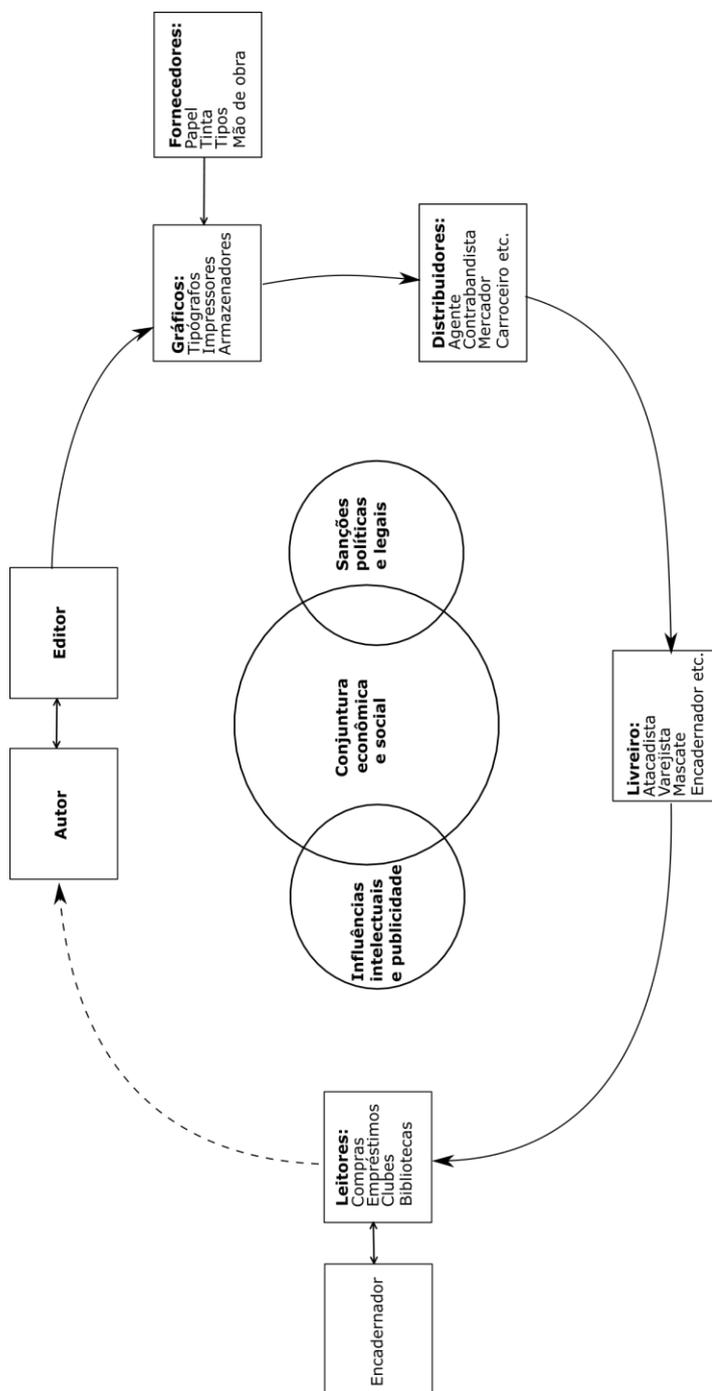


Figura elaborada por Robert Darnton (2010, p. 195) e reproduzida pela pesquisadora

O historiador ressalta que “as partes não adquirem o seu significado integral a menos que relacionadas ao todo” (DARNTON, 2010, p. 194). Nos limites dessa dissertação, percorrer cada etapa do percurso esboçado acima seria uma tarefa inalcançável. Mas, a partir dos caminhos já trilhados, é possível elencar alguns elementos desse circuito que compõem a realidade de *Atenéia*.

No que se refere aos aspectos centrais da imagem, a começar pelo mais relevante, a *conjuntura econômica e social* de criação do impresso se mostrou propícia para o desenvolvimento de um periódico produzido *por mulheres*. Diante da maior oferta de acesso à escolarização feminina, do ingresso das mulheres no mercado de trabalho e dos avanços sociais decorrentes da conquista do voto nos anos anteriores à fundação da ALFRS, o impresso se inseriu em um contexto de ideias um pouco mais progressistas em relação aos direitos femininos.

Em relação às *influências intelectuais e publicidade*, é mais apropriado abordar um conceito por vez. Quanto ao primeiro, o fato de emergir como anseio de uma instituição literária propiciou um ambiente adequado para o amadurecimento da revista, transformando-a de projeto em realidade. As patronas e as próprias acadêmicas contemporâneas constituíram-se em influências intelectuais positivas para tal projeto. A respeito da *publicidade*, desde o início mostrou-se essencial para o financiamento do impresso, que contou com variados tipos de anúncios, direcionados à sua comunidade de leitura. A progressiva escassez de aquisição de espaços comerciais ofertados pela revista redundou em dificuldades para a continuidade do periódico.

Não há registros de *sanções políticas e legais* sofridas pela ALFRS, pelas acadêmicas ou pelas responsáveis por *Atenéia*. Por outro lado, um relacionamento de proximidade com as autoridades estabelecidas pode ser percebido em algumas edições, mediante publicação de fotografias e de registros sobre visitas a políticos importantes. Portanto, o tema não passou totalmente ao largo.

Volto ao esquema proposto por Darnton (2010) e concentro-me em seu círculo maior. Na parte superior, estão indicadas as relações entre *autor* e *editor*. No caso do impresso analisado, essas relações possuem fronteiras ainda mais próximas e não delimitadas. O mesmo grupo de mulheres responsável pela edição (por exemplo, Aurora Nunes Wagner, Stella Brum e Natércia Cunha Veloso), também escreve para a publicação, acumulando as funções. Para além delas, as

demais autoras são as outras acadêmicas, as sócias correspondentes ou simpatizantes, mas o coletivo de editoras é mais restrito.

Seguindo a orientação da figura, o próximo aspecto refere-se à impressão. Na revista ou demais documentos do corpus empírico, não há informações detalhadas sobre todos os profissionais e as matérias-primas envolvidos na produção de *Atenéia*, mas foi possível, ao menos, identificar as tipografias responsáveis por algumas edições. O quadro abaixo compila as pistas recolhidas.

Quadro 7 – Tipografias responsáveis pela impressão

Edição	Impressão
3 a 8	Tipografia do Centro S.A – Rua Dr. Flores, 108, Porto Alegre
10 a 18	Tipografia do Centro S.A – Rua Dr. Flores, 108, Porto Alegre
28	Impresso nas Oficinas Gráficas da Livraria Selbach – Porto Alegre
50 e 51	Composta e Impressa na Gráfica da Escola Profissional Champagnat – Pôrto Alegre
52 e 53	Composta e Impressa nas Oficinas da Tip.THURMANN LTDA. Rua Gonçalves Dias, 473. Fone: 23-28-30 – P. Alegre-RS

Quadro elaborado pela pesquisadora

O circuito proposto por Darnton (2010) avança em relação aos *distribuidores*, dos quais não identifiquei quaisquer pistas. Sabe-se que a revista era enviada aos assinantes e, também, a correspondentes no Brasil e no exterior. Contudo, não há confirmação se esse procedimento era realizado via serviços postais ou utilizava alguma outra estratégia de distribuição.

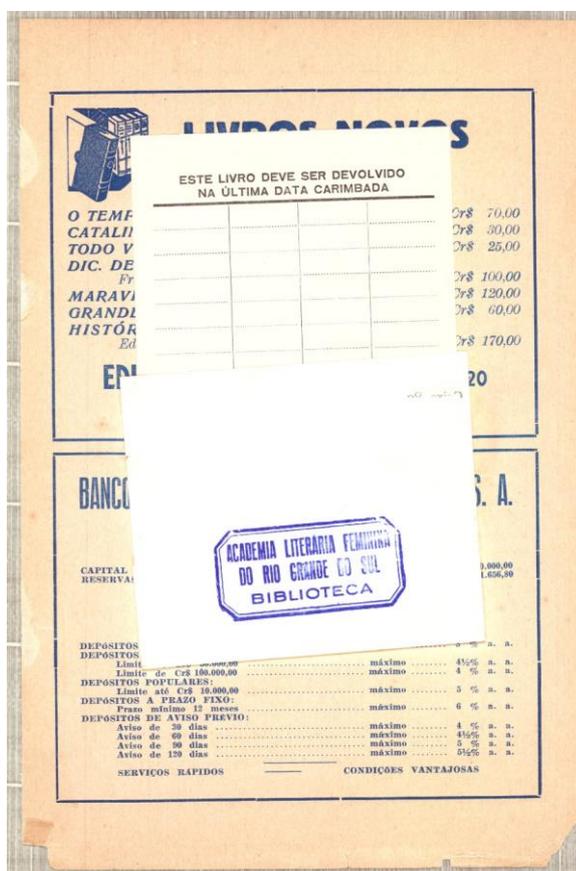
O aspecto seguinte do esquema, *livreiros*, também não se aplica. Novamente, porém, há uma relação de proximidade: durante um período, a Academia anunciou, nas páginas da revista, que a editora da ALFRS estava à disposição para publicações. Essas menções não se alongaram e, em outros momentos, fizeram referência a parcerias, como com a Livraria Selbach. Por isso, embora os livreiros não estivessem diretamente ligados ao contexto do impresso, constata-se uma certa relação, dadas as afinidades das áreas de atuação.

Para completar o esquema proposto, o tópico *leitores* se relaciona com o modo como o impresso se coloca à disposição do público. Dos quatro aspectos

indicados por Darnton (2010), *Atenéia* vincula-se a, pelo menos, três: *compras*, visto que havia comércio de assinaturas; *empréstimos*, como, por exemplo, entre acadêmicas, ou delas para amigas e familiares; e *bibliotecas*, já que foram encontrados indícios de que a revista se manteve acessível para empréstimos na biblioteca da própria instituição.

Os exemplares de número 5, 8, 11, 12, 13, 15, 19, 28, 36, 42 e 43 contêm fichas de empréstimo no verso da contracapa, além de carimbo, junto ao Sumário, de identificação da Biblioteca Lydia Mombelli da Fonseca (da ALFRS). Isso não significa que outras edições não contenham a referida ficha, mas somente que, se possuem, eu não me deparei diretamente com elas. Também não é possível inferir a partir de que ano as edições passaram a integrar o acervo da biblioteca, se a inclusão no acervo e o empréstimo foram contemporâneos ao lançamento ou posteriores. Por fim, nenhuma das edições examinadas possui registros de retirada em suas fichas de empréstimo.

Figura 36 – Fichas para empréstimo da revista na Biblioteca Lydia Mombelli da Fonseca, da ALFRS – Edição 5, 1951, verso da contracapa



Acervo da ALFRS – Imagem reproduzida pela pesquisadora

Concluído o percurso do circuito estabelecido por Darnton (2010), é importante ressaltar que ele não se mantém estável: a inclusão de novos elementos ou etapas de trabalho pode alterar em grandes proporções a dinâmica estabelecida.

Vale destacar, contudo, que os elementos autor e editor encontram-se em posição de destaque, centralizados acima. É evidente que isso não os coloca em uma ordem de importância distinta, mas os identifica como elementos para os quais convergem diferentes etapas do trabalho.

No contexto de *Atenéia*, é especialmente o posto de editora que merece atenção. Com atribuições que incluem não apenas os aspectos conceituais da publicação, mas também financeiros, de impressão e circulação, é uma atividade investida de significado prático e simbólico. E, conforme demonstrado nessa dissertação, responsável por gerir decisões relacionadas aos textos e à apresentação gráfica, com repercussão imediata na comunidade de leitura, constituindo-se como um elo entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”.

Com objetivo de retomar alguns dos principais aprendizados, aprofundar as reflexões suscitadas ao longo da pesquisa e sugerir outras abordagens possíveis no estudo da empiria, encaminho-me à última seção do texto.

PERCURSOS A PARTILHAR

“A quantidade de investigações procedentes daquelas palavras levaria a muitas outras descobertas, a muito mais conhecimento.”

(BROOKS, 2008)

Quando o papel se transforma em um ouvinte atencioso, em um conselheiro mudo, em um relicário que acolhe os nossos mais íntimos sentimentos ou em um passaporte que abre as portas para o mundo, é difícil colocar um ponto final. Escrevo porque gosto, porque me faz feliz, porque me deixa realizada. E leio com a mesma intensidade as escritas dessas mulheres que, em tantos anos, se tornaram parte do que somos: uma revista para divulgar a produção literária feminina e para promover o intercâmbio cultural. Em meio a obstáculos e muitos avanços, nas páginas de Atenéia, fomos “sempre mais acima, sempre mais além”.³⁴

Os caminhos trilhados nessa investigação tiveram como objetivo compreender as práticas de cultura escrita relacionadas às intervenções editoriais na revista *Atenéia*, editada pela Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul entre os anos de 1949 e 1972. Por meio da análise da apresentação gráfica e da concepção textual, o estudo buscou identificar a comunidade interpretativa almejada e como a publicação se relacionou com seu grupo de leitoras. A partir das informações recolhidas e da análise empreendida, é possível afirmar que o periódico se destinou a leitoras inseridas em um contexto muito semelhante ao das produtoras do impresso, fortalecendo uma relação de proximidade entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”, conforme sugere Roger Chartier, autor do referencial teórico principal da dissertação.

A revista *Atenéia* não constituiu um artefato isolado, alheio aos tempos, aos espaços e às transformações históricas que tornaram possível a sua emergência como acontecimento. Decorre dessa compreensão a decisão de que a investigação

³⁴ Ao chegar às considerações finais, encerro também o exercício literário ao qual me propus nas aberturas de cada capítulo: o de me imaginar no lugar de Aurora Nunes Wagner, compartilhando prováveis pensamentos, ideias e expectativas que, em uma abstração criativa, poderiam fazer parte do dia a dia dessa mulher, com um papel destacado na existência de *Atenéia*. Para essa atividade, procurei me valer de informações da empiria que pudessem embasar um cenário reflexivo e literário.

também centrasse esforços em mapear os aspectos conceituais que mobilizaram um grupo de mulheres a produzir uma revista no âmbito de uma Academia Literária e para circulação pública.

Inscrita na perspectiva da operação historiográfica, a narrativa elaborada interage em relação de proximidade e transformação com o lugar institucional no qual a pesquisa foi conduzida e com o campo das práticas. Desse modo, cada etapa do trabalho e o compartilhamento dos resultados da análise são mobilizados por uma intenção de verdade, que está na essência da atitude do historiador (CERTEAU, 1982; CHARTIER, 2009). Ainda assim, é necessário conviver com a ausência que nenhum cuidado metodológico ou narrativo poderá suprir: o inalcançável do passado, o fato de não poder reconstituir o vivido ou, tampouco, compreendê-lo em sua totalidade.

Ciente das limitações intrínsecas a esse contexto, reuni informações que ajudassem a historicizar os impressos e, especialmente, os periódicos produzidos *por* mulheres. A maior inserção feminina nessa atividade editorial se deu por meio da ampliação do acesso à escolarização na sociedade brasileira no decorrer das primeiras décadas do século XX, antes limitado à educação básica ou voltado à formação das mulheres para as atividades domésticas, afastando delas qualquer possibilidade de exercício de outra profissão. Os avanços obtidos no cenário educativo, que chegaram, inclusive, à oferta de vagas para mulheres em universidades do país, abriram caminho para uma geração com mais conhecimento e confiança para se dedicar a atividades antes restritas, como a imprensa. Ainda assim, esse avanço foi gradual, tímido e não se deu sem resistências.

Em paralelo, em relação à história da imprensa de modo amplo, procurei determinar o percurso de desenvolvimento da área no Brasil, vinculado à chegada da Corte portuguesa e à instalação da Imprensa Régia no país, em 1808. A partir de então, o cenário editorial se beneficiou, abrindo um novo campo profissional. Em Porto Alegre, os grupos intelectuais de meados do século XIX também participaram da empreitada, dando início a uma tradição literária no Estado.

Ainda assim, vale ressaltar que a presença feminina nesse cenário continuava restrita. Algumas mulheres, pioneiras, destacaram-se ao fundar os primeiros jornais do país. Entre elas, as irmãs Revocata Heloísa de Melo e Julieta de Mello Monteiro, editoras do *Corymbo*, de Rio Grande (RS), que circulou entre 1884 e 1944. Por sua atuação reconhecida, elas ocupam duas cadeiras entre as patronas da ALFRS.

A instituição, por sua vez, foi criada para acolher as mulheres escritoras em torno a um espaço de produção e difusão da cultura literária. A fundação da nova entidade não foi recebida sem críticas, mas estas foram superadas com êxito, dado que a Academia chegou ao seu 75º aniversário em 2018. E, durante 23 anos, publicou o periódico aqui analisado.

Estabeleci sucessivas aproximações ao *corpus* documental, composto por 55 números em 48 edições, que me permitiram mapear características gráficas e textuais relevantes para o aprofundamento da análise. Os resultados da pesquisa permitem afirmar que a revista manteve um suporte em formato estável nesse período, que remete a um conceito de livro tradicional. Destaco, ainda, que essa característica pode sugerir o colecionismo, ou, também, a realização dos anseios de acadêmicas e colaboradoras que ainda não tinham publicado suas obras.

É possível destacar ainda que, em termos de apresentação gráfica, o periódico apresentou duas fases, tanto observáveis na capa quanto nas páginas internas (embora as transformações não tenham ocorrido simultaneamente). Mesmo assim, apesar das mudanças decorrentes, principalmente, do aprimoramento dos aspectos técnicos (como cores e uso de fotografias), nota-se a permanência de uma certa estabilidade em elementos constitutivos do conceito editorial.

Uma afirmação semelhante se refere aos aspectos textuais, que sofreram poucas alterações ao longo dos anos. Após um levantamento das principais seções, identifiquei dois blocos de conteúdo: os de caráter literário por excelência, como poesias e contos, e os de abordagem institucional, nos quais me detive mais demoradamente. Ao analisar tais editoriais, ficou evidente o seu papel de mobilizar a comunidade leitora em torno ao impresso, fazendo dele um veículo de legitimação da Academia, de divulgação de produções literárias e de intercâmbio entre intelectuais.

Como artífices entre esses dois mundos aos quais se refere Chartier, o do texto e o do leitor, encontram-se as editoras da publicação. Por meio das intervenções editoriais evidenciadas nas características acima descritas, elas estabeleceram os protocolos e estatutos que acreditaram ser os mais adequados à comunidade de leitura almejada. E, de acordo com tais intervenções, a empiria demonstrou que tal grupo, na concepção das editoras, se assemelhava bastante a elas próprias: mulheres instruídas dos segmentos médios urbanos, muitas delas

atuantes no mercado de trabalho, interessadas em produzir, divulgar e apreciar textos literários, investidas de capital social e cultural.

Ao coletar informações durante a pesquisa, muitas delas inicialmente consideradas secundárias, o meu intuito foi o de identificar elementos que ampliassem a minha compreensão sobre o impresso. Desse modo, dados sobre tipografias e fichas de empréstimo da revista permitiram tornar mais completa a percepção do circuito de comunicação da publicação. O mapeamento das características dos anúncios e a mobilização em prol de assinaturas indicaram aspectos relativos ao financiamento do periódico, também inseridos na análise.

A partir da organização de quadros temáticos e das inúmeras consultas aos exemplares, visto que foi possível digitalizar a coleção completa para fins de conservação, aprofundi a minha perspectiva sobre a revista. Diante disso, a afirmação central a que me autorizo é que, em primeiro lugar, as condições de emergência que tornaram possível a concretização de *Atenéia* são resultado de sucessivos avanços: ampliação do acesso à educação feminina, difusão das possibilidades técnicas de impressão, desenvolvimento de um ambiente intelectual estimulante e maior inserção das mulheres na vida pública. Em um segundo momento, é resultado também do anseio das fundadoras da ALFRS e entusiastas da revista em produzir algo que atendesse às suas expectativas pessoais e institucionais, ao divulgar sua criação literária e, ao mesmo tempo, registrar momentos e conquistas importantes acerca das diferentes personagens que se cruzaram nas páginas do impresso.

Nos percursos que constituíram a minha trajetória, há muito mais a partilhar e explorar. Ao decidir tomar uma direção, inevitavelmente deixei outros caminhos em aberto. E, se trilhados, podem produzir resultados novos e tão expressivos quanto os aqui dispostos.

Sob o meu ponto de vista, duas questões, essencialmente, são válidas para maior aprofundamento: a primeira delas refere-se aos registros da presença da revista nas mais diversas localidades. As incontáveis publicações recebidas indicam intercâmbio com inúmeros estados e países, mas não há um indicativo de que *Atenéia* foi remetida para tais regiões, apesar do pedido de permuta. Identificar o maior número possível de ocorrências nesse sentido poderia ajudar a compor um cenário mais amplo dos diversos locais nos quais o impresso esteve presente.

Outra abordagem relevante seria estabelecer um comparativo entre a revista e outros periódicos contemporâneos a ela, de modo a identificar características gráficas compartilhadas (ou não), bem como abordagens textuais e protocolos de leitura. É evidente, ainda, que tantos outros questionamentos podem ser feitos, dado que a empiria é frutífera em possibilidades de análise. Assim, novos percursos poderão ser partilhados.

Por ora, em resumo, destaco que *Atenéia* foi uma publicação produzida por mulheres com o intuito de difusão da cultura literária e de fortalecimento do propósito institucional da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul. Valeu-se das intervenções editoriais sobre os textos e da materialidade para atingir esse objetivo perante a comunidade de leitura almejada.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros. In: ABREU, Márcia e BRAGANÇA, Aníbal (Org.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros** – São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 41 a 65.

ACADEMIA LITERÁRIA FEMININA DO RIO GRANDE DO SUL. **50 anos de literatura – Perfil das patronas**. Porto Alegre: IEL, 1993.

_____. **Atas da instituição**. Porto Alegre: 1943 a 1948.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível** – São Paulo: Editora Unesp, 1998.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. Estudos Históricos, 1988.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary e BASSANEZI, Carla (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 607-639.

BROOKS, Geraldine. **As memórias do livro: romance manuscrito de Sarajevo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material** – São Paulo, 1870-1920: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, v.5, n.11, jan./abr. 1991, p.173-191.

_____. As práticas da escrita. In: CHARTIER, R. (Org.). **História da vida privada, v.3: da Renascença ao Século das Luzes**. São Paulo, Cia. das Letras, 1991. p.113-161.

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn (Org.) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.211-238.

_____. **A aventura do livro – Do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

_____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **Formas e sentido. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

_____. **Leituras e leitores da França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cezar de C. (Org.). **Roger Chartier: a força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2011.

_____. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução: George Schlesinger – São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CORBIN, Alain. **o prazer do historiador**. Rev. Bras. Hist. [online]. 2005, vol.25, n.49, p.11-31.

CORRÊA, Denise Waskow e STEPHANOU, Maria. **Revista Atenéia: práticas de leitura e comunidade leitora do impresso da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, Brasil (1949-1972)**. XIII Congresso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana. Montevideu, Uruguai, 28 de fevereiro a 3 de março de 2018. No prelo.

_____. **Atenéia das mulheres: páginas literárias para narrar-se**. VIII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica. São Paulo (SP), 17 a 20 de setembro de 2018. No prelo.

COSTI, Marilice. A casa guardiã da literatura feminina do RS. In: SPINELLI, Teniza (Org.). **Casa de Noemy Valle Rocha: história e memória da ALFRS**. Porto Alegre: Vidrúguas, 2017. p.35-48.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução – Os romances de M. Delly**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DAMASCENO, Athos. **Sociedades Literárias em Porto Alegre no século XIX. Separata de Fundamentos da Cultura Rio-Grandense – Quinta Série**. Porto Alegre: UFRGS, 1962. Disponível para download em: http://www.historiasocialecomparada.org/arquivos/baixar/index.php?arquivo=fontes/diversos/Athos_Damasceno_Sociedades.pdf. Acesso em: 18 de dezembro de 2018.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. Tradução: Daniel Pelizzari. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DE LUCA, Tania. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p.111-153.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil – Século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

_____. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados**, v.17, n.49, 1 dez, 2003.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **Como se faz uma tese**. 21.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. 3.ed.rev.ampl. – Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. **As mulheres porto-alegrenses**. In: Dornelles, Beatriz. Porto Alegre em destaque: história e cultura. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 127 a 146.

_____(Org.). **Autobiografia (de Lydia Moschetti)**. Porto Alegre: Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul, 2008.

_____. Noemy Valle Rocha: vida e obra. In: SPINELLI, Teniza (Org.). **Casa de Noemy Valle Rocha: história e memória da ALFRS**. Porto Alegre: Vidrágua, 2017. p.51-70.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **A Arqueologia do Saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

_____. O que é um autor? In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p.264-298.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GÓMEZ, Antonio Castillo (Coord.). **Historia de la cultura escrita**. Gijón: Ediciones Trea, 2010.

LACERDA, Lilian de. **Álbum de leitura – Memórias de vida, histórias de leitoras**. São Paulo: UNESP, 2003.

LAITANO, José Carlos Rolhano. **História da Academia Rio-Grandense de Letras (1901-2016) e Parthenon Litterario (1868-1885)**. Porto Alegre: Metamorfose, 2016.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O guarda-memória**. Estudos Históricos, 1997.

_____. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary e BASSANEZI, Carla (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 443-481.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Propostas e lutas pela educação feminina: entre mães e operárias. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 352-371, jan.-abr. 2016

MARTINS, Ana Luísa. Revistas na Emergência da Grande Imprensa: entre Práticas e Representações (1890 – 1930). In: ABREU, Márcia e SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). **Cultura letrada no Brasil**. Campinas: Mercado de Letras, 2005. p.247-255

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Org.). **Refúgios do Eu**. Florianópolis: Mulheres, 2000.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). **Destinos das letras**. Passo Fundo: UPF, 2002.

MINDLIN, José. Impressão Régia: seu significado e suas realizações. In: ABREU, Márcia e BRAGANÇA, Aníbal (Org.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 19 a 21.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre no século XX. In: DORNELLES, Beatriz (Org.). **Porto Alegre em destaque: história e cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 51 a 74.

_____. **Porto Alegre e suas escritas: histórias e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MUNIZ, Paulo Ricardo; BARCELLOS, Jorge Alberto Soares; SANTI, Rita. **Lugar de mulher: pequena história da educação feminina em Porto Alegre (1820-1940)**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1993.

NÓVOA, António. **Carta a um jovem historiador da educação**. História y Memoria de la Educación, 1, 2015, p. 23-58.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Mulheres públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. O que se lia na velha Porto Alegre: do romance da vida para a vida levada como um romance. In: ABREU, Márcia e BRAGANÇA, Aníbal (Org.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros** – São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 439 a 455.

PETRÓ, Camila Albani. **A criação da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul: projeto e campo de possibilidades na década de 1940**. 2012. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

_____. **Sempre mais acima, sempre mais além: pensamentos e práticas de gênero na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul em Porto Alegre ao longo das décadas de 1940 a 1970**. 2016. 200 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PETRUCCI, Armando. **Alfabetismo, escritura, sociedad**. Madrid: Gedisa, 1999.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PORTA, Frederico. **Dicionário de Artes Gráficas**. Porto Alegre: Editora Globo S.A., 1958.

RAGO, Luzia Margareth. **As marcas da pantera: Michel Foucault na historiografia brasileira contemporânea**. Anos 90, v.1, n.1, 1993.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendas; VEIGA, Cynthia Grevie (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 79-94

ROBERTSON, D. S. **Arquitetura Grega e Romana**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SILVEIRA, Cássia Daiane Macedo da. **Mulheres e vida pública em Porto Alegre no século XIX**. Estudos Feministas, Florianópolis, v.24, n.1: janeiro-abril/2016, p. 239-260.

SPINELLI, Teniza. “Um teto todo seu”. In: SPINELLI, Teniza (Org.). **Casa de Noemy Valle Rocha: história e memória da ALFRS**. Porto Alegre: Vidrúguas, 2017. p.23-26.

STEPHANOU, Maria. **Os historiadores e as vicissitudes do tempo: perceber, imaginar, eleger, compreender, construir**. Hist. Educ. (Online), Porto Alegre, v. 22, n. 54, p. 01-07, jan./abr. 2018.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. História, memória e história da educação. In: ____ (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil, vol. III - Século XX**. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 416-429.

STRELOW, Aline. Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX – Textos e contextos. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/strelow-aline-imprensa-literaria-no-rio-grande-do-sul.pdf>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary e BASSANEZI, Carla (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 401-442.

TORRESINI, Elizabeth W. Rochadel. Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). In: ABREU, Márcia e BRAGANÇA, Aníbal (Org.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros** – São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 235 a 251.

VILLELA, Heloísa de Oliveira Santos. **Normalistas históricas, professoras comportadas: a construção das representações sobre a profissionalização da docência feminina no século XIX**. Dimensões, Universidade Federal Fluminense, v.23, p.67 a 82, 2009.

VILLALTA, Luiz Carlos. **O Brasil e a crise do Antigo Regime português (1788/1822)** – Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

_____. **Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América portuguesa**. 1999. 442f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VIÑAO FRAGO, Antonio. **La Historia de la Educación como disciplina y campo de investigación: viejas y nuevas cuestiones**. Espacio, Tiempo y Educación, v.3, n.1, 2016.

WOLOSKI, Aline Rullian Germann. **A Academia Rio-Grandense de Letras: gênese e trajetória de um sistema literário**. 2013. 276f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.